

NUNO ALEXANDRE FERREIRA PINHEIRO COELHO

O IMPACTO DO USO DAS REDES SOCIAIS NO ENSINO DE DESENHO

Relatório de Estágio defendido em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 12/07/2017, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 231/2017, de 3 de Julho, com a seguinte composição:

Presidente. Professora Doutora Maria Constança Pignateli de Sousa e Vasconcelos

Arguente. Professor Doutor José Carlos Santos Neves (ULHT)

Orientadora. Professora Doutora Maria da Conceição Gonçalves Costa.

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

Lisboa

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço
à professora Augusta,
à professora Conceição,
à professora Constança,
ao professor Fernando,
e à minha família.

RESUMO

O presente relatório dá conta dos resultados da investigação que procurou estudar o contributo do uso do Facebook e Instagram em contexto escolar, junto de duas turmas da disciplina de Desenho A, do ensino secundário no ano letivo 2015/2016. O conhecimento prévio de que os alunos eram membros destas redes sociais para comunicação e lazer e as características das redes sociais foram dois fatores decisivos para a presente investigação.

O trabalho enquadra a utilização das plataformas sociais do Facebook e Instagram em contexto escolar artístico, através do estado da arte do uso das redes sociais pelos jovens, bem como das redes sociais de trabalho, para as aprendizagens formais e informais do desenho.

O processo da investigação configura um estudo de caso, combinando-se a observação participante com um questionário que procura averiguar a perspetiva dos alunos sobre a importância das redes sociais no seu processo de aprendizagem.

Com as observações, intervenções, comportamentos e participações dos alunos damos conta da importância destas redes na cultura destes jovens, na aprendizagem do grupo de pares, e na apropriação de conhecimentos no processo ensino-aprendizagem. Como principal resultado da importância do Facebook e Instagram no ensino de Desenho e artes em geral, esta investigação mostra que o acesso a obras de artistas, cujo trabalho não está disponível em recursos educativos tradicionais é uma das mais valias, bem como o incentivo nos alunos a uma cultura de partilha e crítica do trabalho dos pares. O acesso às redes sociais pode ser um aliado da intermediação pedagógica que torna possível ao aluno desenvolver competências, aumentar o contacto com outros contextos socioculturais e desenvolver o seu sentido crítico.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino Secundário, Facebook, Instagram, Redes Sociais e Desenho.

ABSTRACT

The present report describes a research conducted at Ermesinde's Secondary School which sought to study Facebook and Instagram use in a high school context, in the academic year 2015/2016 and having two drawing course groups as a sample. The prior knowledge that students were actively members of these social networks, as well social networks' affordances for collaboration and visual communication were two decisive factors for this research.

The present research frames the use of Facebook and Instagram social networks in the state of art of commercial social networks and educational ones in the teaching of arts, in formal and informal education.

The research was carried out by an ethnographic approach combined with a questionnaire and the participant's observation. The study's goal was the understanding of student's perspective regarding the importance of social networks in their learning process.

Throughout observations, inquiries and students behaviours and participation, the results of this research show that Facebook and Instagram have affordances to drawing and arts' classes mainly in terms of students access to artists' work that is not easily accessible at schools. Access to social networks can become a strong ally to pedagogical intermediation enabling students to develop skills, increase the contact with other socio-cultural backgrounds, contributing as well to their critical thinking development.

KEY WORDS

Secondary School, Facebook, Instagram, Social Networks and Drawing

ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ESE	Escola Secundária de Ermesinde
EB	Escola Básica
JI	Jardim de Infância
TIC	Tecnologias da Informação e comunicação
UE	União Europeia
INE	Instituto Nacional de Estatística
PLE	Personal Learning Environment
web	World Wide Web

ÍNDICE

p.9 INTRODUÇÃO

p.12 CAPÍTULO I
OS JOVENS E AS REDES SOCIAIS NUM CONTEXTO ESCOLAR

p.13 1.1. Enquadramento

p.15 1.2. Caracterização da Comunidade Escolar

p.17 1.3. Os Jovens e as Redes Sociais

p.22 1.4. Redes Sociais e Educação

p.31 CAPÍTULO II
DESENHO DA INVESTIGAÇÃO, MÉTODO E RESULTADOS

p.32 2.1. Desenho da Investigação

p.35 2.2. Trabalho de Campo

p.44 2.3. Resultados do Questionário

p.67 2.4. Análise de Resultados

p.72 CONCLUSÃO

p.75 BIBLIOGRAFIA

p.81 FONTE DE TABELAS, GRÁFICOS E IMAGENS

p.I APÊNDICE I

p.IV APÊNDICE II

ÍNDICE DE TABELAS, GRÁFICOS E IMAGENS

p.35	Tabela 1. Tabela de distribuição dos alunos por anos de frequência e sexo.
p.43	Tabela 2. Temas e questões do questionário aplicado aos participantes.
p.35	Gráfico 1. Gráfico de distribuição dos alunos por gênero.
p.36	Gráfico 2. Gráfico de distribuição dos alunos por anos de frequência e idade.
p.44	Gráfico 3. Gráfico dos alunos que possuem computador, telemóvel, internet em casa e no telemóvel.
p.45	Gráfico 4. Gráfico da frequência com que os alunos acedem à internet em casa por computador.
p.45	Gráfico 5. Gráfico da frequência com que os alunos acedem à internet por telemóvel.
p.46	Gráfico 6. Gráfico do que os alunos fazem na internet.
p.47	Gráfico 7. Gráfico de uso de conta das redes sociais do Facebook e do Instagram.
p.47	Gráfico 8. Gráfico de uso de contas simultâneas de Facebook e do Instagram.
p.48	Gráfico 9. Gráfico do lugar de uso das redes sociais do Facebook e do Instagram.
p.48	Gráfico 10. Gráfico referente ao uso no telemóvel da versão móvel do Facebook e do Instagram.
p.49	Gráfico 11. Gráfico de há quanto tempo os alunos têm conta nas redes sociais do Facebook e do Instagram.
p.50	Gráfico 12. Gráfico da frequência diária de acesso às redes sociais do Facebook e do Instagram.
p.50	Gráfico 13. Gráfico da frequência de tempo passado por dia nas redes sociais do Facebook e do Instagram.
p.51	Gráfico 14. Gráfico do lugar de acesso às redes sociais do Facebook e do Instagram.
p.51	Gráfico 15. Gráfico de estado de privacidade da conta nas redes sociais do Facebook e do Instagram.
p.52	Gráfico 16. Gráfico do tipo de restrições nas publicações que são feitas na rede social do Facebook.
p.53	Gráfico 17. Gráfico do tipo de restrições nas publicações que são feitas na rede social do Instagram.
p.53	Gráfico 18. Gráfico do número de publicações semanais que são feitas na rede social do Facebook.
p.54	Gráfico 19. Gráfico do número de publicações semanais que são feitas na rede social do Instagram.
p.55	Gráfico 20. Gráfico de quantos amigos possuem na rede social do Facebook.
p.55	Gráfico 21. Gráfico de quantos seguidores possuem na rede social do Facebook.
p.56	Gráfico 22. Gráfico de quantos seguidores possuem na rede social do Instagram.
p.56	Gráfico 23. Gráfico do uso dado à rede social do Facebook.
p.57	Gráfico 24. Gráfico do uso dado à rede social do Instagram.
p.57	Gráfico 25. Gráfico do uso de outras redes sociais.
p.58	Gráfico 26. Gráfico de outras redes sociais usadas pelos alunos.
p.59	Gráfico 27. Gráfico da rede social em que os alunos acompanhavam os perfis de ESE DESENHO.
p.60	Gráfico 28. Gráfico da rede social da disciplina que mais gostaram.
p.61	Gráfico 29. Gráfico das publicações que mais gostaram do perfil de Facebook da ESE DESENHO.
p.62	Gráfico 30. Gráfico das publicações que mais gostaram do perfil de Instagram da ESE DESENHO.
p.62	Gráfico 31. Gráfico das publicações que partilharam/permitiram.
p.63	Gráfico 32. Gráfico dos motivos das publicações que partilharam/permitiram.
p.64	Gráfico 33. Gráfico do proveito em usar as publicações nos perfis ESE DESENHO nas redes sociais.

p.65	Gráfico 34. Gráfico da predisposição em acompanhar os perfis ESE DESENHO com o fim do ano letivo.
p.65	Gráfico 35. Gráfico da vontade dos alunos na partilha de futuros trabalhos no perfil ESE DESENHO.
p.66	Gráfico 36. Gráfico do que poderia melhorar no perfil do Facebook da disciplina.
p.66	Gráfico 37. Gráfico do que poderia melhorar no perfil do Instagram da disciplina.
p.32	Imagem 1. Metodologia da Investigação.
p.34	Imagem 2. Perfil da ESE DESENHO na rede social Facebook.
p.34	Imagem 3. Perfil da ESE DESENHO na rede social Instagram.
p.36	Imagem 4. Separador Fotos com trabalhos de alunos na rede social do Facebook.
p.37	Imagem 5. Publicação de vídeo de aquarela e do trabalho da artista Cinta Vidal na rede Facebook.
p.38	Imagem 6. Publicações do investigador de fotos de trabalhos desenvolvidos em aula pelos alunos.
p.39	Imagem 7. Mensagem com o registo de um aluno.
p.39	Imagem 8. Publicação do trabalho Figura Humana na rede social do Facebook.
p.40	Imagem 9. Publicação de trabalhos da disciplina na rede social do Instagram.
p.41	Imagem 10. Trabalhos de alunos desenvolvidos a partir da leitura da obra da artista Cinta Vidal.
p.42	Imagem 11. Reações no Instagram.
p.42	Imagem 12. Publicação de aluno no mural ESE DESENHO.
p.68	Imagem 13. Publicações dos trabalhos dos alunos de Retrato nas redes sociais.

INTRODUÇÃO

A difusão das redes sociais é uma realidade na sociedade atual, em que o uso e troca de informação se encontram em qualquer cultura, com maior prevalência nos jovens. Estas são um serviço bastante ativo e popular da internet, pela integração de um sistema instantâneo de trocar informação em qualquer ponto do globo, o qual se torna paradigmático na forma como proporciona a participação e interação dos seus utilizadores (World Newsmedia Network, 2015).

A presente investigação resultou do estudo do comportamento dos alunos de duas turmas do 11º e 12º ano da disciplina de Desenho da Escola Secundária de Ermesinde (ESE), quando estimulados pelo docente/investigador ao uso das redes sociais do Facebook e Instagram, para a partilha de projetos e aprendizagem entre pares. Realizada durante o processo de estágio na ESE, o projeto resulta no culminar da formação académica e integra o processo de experiência pedagógica, com o qual se inicia o desenvolvimento de aprendizagens de trabalho, vinculadas ao exercício da profissão de professor de artes visuais.

Segundo o The EPC Global Media Trends Book, aceder às plataformas de redes sociais é a segunda atividade mais popular dos utilizadores de internet em todo o mundo (World Newsmedia Network, 2015). Com um alcance de cerca de 80% dos utilizadores de internet à escala global, o Facebook é a rede social mais popular com um acesso de mais de uma vez por dia para 56% dos utilizadores e o Instagram para 28%. A ação de publicar conteúdos, comentar, visualizar, enviar uma mensagem é um hábito comum e faz parte da cultura dos jovens, gastando estes em média três horas por dia no acesso às redes sociais móveis por telemóvel, a atividade principal entre metade dos utilizadores globais de internet. Os utilizadores ativos de contas nas redes sociais totalizam 197 milhões na Europa Ocidental e 190 milhões na Europa Oriental (World Newsmedia Network, 2015).

Em Portugal o Facebook é a rede social com mais notoriedade seguida do Instagram (Grupo Marktest, 2016b). O uso das redes sociais abrange todas as culturas e têm vindo a transformar a comunicação e a internet. Observações feitas entre os jovens nas escolas portuguesas, constataam o uso das redes sociais dentro da escola e permitem debruçarmos sobre quais os interesses que têm nas redes sociais e como é que no contexto educacional poderemos aproveitar as redes para que eles aprendam.

A escola é um espaço onde a cultura dos jovens evidencia as relações entre pares e transporta para o seu interior os envolvimento fora desta. Neste sentido, o projeto em contexto escolar relaciona o uso das redes sociais do Facebook e Instagram pelos mesmos,

num processo que incentiva a participação e colaboração enquanto estudantes da disciplina de Desenho A, para a partilha de projetos e aprendizagem entre pares.

O caminho da investigação promove atividades para as aprendizagens formais e informais sobre o programa da disciplina de Desenho A em que se pretende verificar se é passível e válido incutir o uso das redes sociais neste processo ensino-aprendizagem.

Desta forma as questões a que se pretende dar resposta são as seguintes:

a) Em termos pedagógicos qual o impacto do uso das redes sociais, que os alunos já utilizam fora da escola, no ensino da disciplina de Desenho A?

b) Em que medida o uso dessas redes em sala de aula, contribui para uma maior participação e atitude crítica dos alunos?

c) E que mudanças daí advêm para o papel do professor?

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção... Quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina a aprender... Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa” (Freire, *Pedagogia da Autonomia*, 2002, p. 12). Esta exigência dicotômica de aprender e ensinar, patente nas palavras de Paulo Freire, leva o professor a estabelecer uma aprendizagem contínua, ao longo da sua vida e que é essencial para que durante o seu trabalho possa transmitir os seus ensinamentos e conhecimentos aos alunos e estes consigam assim aprender.

Como nos enuncia Simon Egenfeldt-Nielsen (2006) podemos aprender com qualquer atividade na vida, mas a questão difícil é: com quem aprendemos, qual a aprendizagem, onde a realizamos, com que ligeireza pode esta ser realizada e aprendemos porquê?

O professor pelo facto de lidar com os jovens tem um contacto forte com as culturas juvenis e o seu papel enquanto docente é intervir de forma a facilitar o acesso a conteúdos para as aprendizagens. Nos dias de hoje, opondo o conceito de transmissão à construção, os limites da aprendizagem ultrapassam-se por uma alteração do suporte dos conteúdos, ou seja, aprender com as mudanças e estar abertos a estas (Egenfeldt-Nielsen, 2006)

Assim, a liderança e mediação do professor são preponderantes para que aplique estratégias e torne mais efetivas as aprendizagens, conetando assim as culturas dos jovens com as ferramentas que mais interagem na World Wide Web (web), as redes sociais do Facebook e do Instagram, com a criação de espaços virtuais abertos à colaboração dos alunos.

O uso das redes sociais e da plataforma do Facebook têm sido utilizados em contexto escolar não artístico e relacionam-se com outros importantes contributos que têm implicações para o estudo, relativos a áreas do ensino à distância, ao uso das tecnologias no ensino e na criação de ambientes virtuais de aprendizagem.

A ligação da internet à cultura dos jovens, o uso da internet, a utilização de

dispositivos eletrônicos para o acesso às redes sociais, a influência do Facebook e do Instagram nos jovens, bem como os riscos e vantagens destes elementos foram áreas importantes para a investigação.

As fontes e referências teóricas abordadas contactaram com uma comunidade científica que tratou temas das relações dos jovens com os media: os jovens e o uso da internet, aprendizagens estabelecidas com dispositivos tecnológicos, redes sociais e novas ferramentas das tecnologias da informação e comunicação (TIC). São exemplo disso os projetos de investigação EU Kids Online e Net Children Go Mobile, bem como dados estatísticos de quantificação global, europeia e nacional do uso dos meios digitais, dando número aos dados em estudo.

O projeto teve um processo investigativo assente na observação direta durante as aulas, com o contacto com os alunos nas intervenções e participações nas plataformas sociais do Facebook e Instagram, na atividade nos perfis das redes sociais e na aplicação de um questionário realizado no final do ano letivo. A investigação orientou-se por princípios éticos, garantindo a confidencialidade, privacidade e segurança das identidades dos alunos envolvidos.

No Capítulo I - “Os Jovens e as Redes Sociais em um Contexto Escolar” - faz-se o enquadramento do estágio, caracteriza-se a comunidade escolar e revê-se o estado da arte sobre os jovens e as redes sociais, as redes sociais e a educação e outras plataformas para educativos. Aqui, a identificação das características do território escolar e a exposição das relações dos jovens com as redes sociais, com riscos e oportunidades, coloca à vista a forma como usam as redes num panorama em que se quantificam os comportamentos de utilização e salienta o relacionamento dos sistemas de ensino com as redes sociais no uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem.

No Capítulo II expõe-se o desenho da investigação, o trabalho de campo, o resultado do questionário e a análise dos resultados. A partir do trabalho de campo o processo de ação da investigação, revela os resultados das respostas ao questionário que na sua análise é comparado entre as redes do projeto e com outros estudos.

A conclusão traz as respostas às questões que guiam o trabalho e dão conta que estas redes sociais auxiliam o professor na intervenção pedagógica para as aprendizagens dos alunos.

CAPÍTULO I

OS JOVENS E AS REDES SOCIAIS NUM CONTEXTO ESCOLAR

1.1. Enquadramento

A sociedade atual vive numa utilização da internet bem diferente do seu uso inicial, na qual o seu contacto se resumia a estudantes, académicos, militares e pessoas ligadas aos sistemas informáticos. Hoje, as comunicações, a troca de informações e opiniões, o alojamento, leitura de conteúdos e a aprendizagem fazem da internet uma ferramenta indispensável na vida do Homem. Este é um espaço que abrange uma dimensão global e assume enorme importância nos mais diversos contextos, quer a nível informativo, científico, recreativo e educativo.

A web faz parte do nosso quotidiano tornando-se um uso recorrente para o estabelecimento de contactos pessoais e relacionamentos profissionais. No contexto educacional esta assume uma importância cada vez maior junto dos estudantes, revelando segundo António Câmara que “são estudantes baseados na web e por isso têm um quadro de referências completamente diferente dos estudantes de há vinte anos” (Câmara, 2010, p. 19).

A construção do conhecimento tem sido estabelecida pelo desenvolvimento humano, que segundo Qvortrup (2006), é um fenómeno e conceito básico que se adequa à sociedade de hoje. Nas construções sociais, a rede geracional contribui para o desenvolvimento das culturas entre pares, em que no percurso das crianças, a partilha de conhecimento se verifica ao longo do seu crescimento, já que em plena era dos jogos eletrónicos a transmissão de rituais e jogos é realizada com as crianças a continuarem a jogar ao pião ou à macaca (Sarmiento, n.d.).

A escola é um espaço de construção e partilha de conhecimento de gerações, pelo que importa saber qual o lugar que as tecnologias digitais e a internet, tão populares entre os estudantes para comunicação e lazer, ocupam nas suas aprendizagens.

No âmbito do estágio realizado na Escola Secundária de Ermesinde (ESE), as observações para o presente projeto de investigação incidiram na disciplina de Desenho A com as turmas de 11º ano e 12º ano, devido à proximidade da formação de base já adquirida com a prática artística da disciplina. O motivo de escolha da ESE deve-se ao contacto de anteriores colegas que já ali desempenharam funções e a descreveram como uma escola aberta a mudanças e a novas experiências, onde o processo colaborativo entre alunos, professores e comunidade se tem acentuado.

Com o decorrer do estágio no primeiro período do ano letivo 2015/2016 observou-se a forte ligação dos alunos às redes sociais comerciais dentro e fora da sala de aula através de telemóveis. As práticas dos alunos estabelecidas pelo acesso à internet às redes sociais são fundamentais para o estabelecimento das suas ligações e a partilha de conhecimento

para a disciplina, salientando-se em trabalho de campo. Evidencia-se o uso das redes sociais dentro e fora da sala de aula, demonstrando que estas fazem parte da cultura dos jovens. Dentro da sala de aula, os alunos acediam e utilizavam as redes sociais comerciais mais comuns, Facebook e Instagram, para dialogarem com os colegas, efetuarem tratamento de imagens, pesquisas de conteúdos disciplinares e outras da sua preferência.

A relação dos alunos com estas redes sociais motivou e despertou a investigação, onde se pretende responder às seguintes questões: a) Qual o impacto do uso das redes sociais, que os alunos já utilizam fora da escola, no ensino da disciplina de Desenho? b) Em que medida o uso dessas redes em sala de aula contribui para uma maior participação e atitude crítica dos alunos? c) Quais as mudanças que daí advêm para o papel do professor?

O trabalho de investigação-ação teve como objetivo estimular o uso das redes sociais pelos alunos para a partilha de projetos e aprendizagem entre pares.

1.2. Caracterização da Comunidade Escolar

A ESE é a instituição onde foi realizado o estágio e desenvolvida a investigação. Encontra-se em pleno centro da cidade de Ermesinde, cidade que dá nome à freguesia mais populosa do concelho de Valongo e tem como resultado do seu desenvolvimento urbano, o crescimento dos concelhos do Porto e Maia.

Implantada nas instalações atuais no ano letivo 1985-1986, a ESE é sede do Agrupamento de Escolas de Ermesinde desde no ano letivo 2012-2013. Fazem parte integrante do agrupamento a Escola Básica (EB) e Jardim de Infância (JI): EB1/JI de Sampaio, a EB1/JI da Gandra, EB1/JI da Bela e a EB2/3 D. António Ferreira Gomes. É composta por uma diversidade de níveis de ensino distribuídos pelo 3º ciclo do ensino básico regular, ensino secundário em cursos científico-humanísticos e em cursos profissionais com grande parte dos alunos provenientes da freguesia sede e de outras freguesias do concelho de Valongo, tendo também alunos em menor número provenientes dos concelhos da Maia, Santo Tirso, Gondomar, Penafiel e Paredes. Esta escola é um dos maiores estabelecimentos de ensino do Grande Porto e tem mantido uma frequência escolar na ordem dos 1700 alunos.

Segundo o último relatório de avaliação externa das escolas (Inspeção-Geral da Educação e Ciência, 2012), a ESE era frequentada por 96,9% de alunos de nacionalidade portuguesa dos quais 67% não beneficiavam de auxílios económicos. No que respeita ao acesso às TIC pelos alunos da ESE 89% dos alunos do ensino básico e 85% do ensino secundário possuíam computador e internet em casa,

Os referenciais relativos à formação académica dos pais dos alunos situam-se para os do ensino básico em 9,2%, com formação superior, 24% secundária e 66,8% formação básica, enquanto no ensino secundário esses valores são de 9%, 22% e 69%, respetivamente. No que respeita à ocupação profissional dos pais, 19,3% de pais dos alunos do ensino básico e 17,4% de pais de alunos do ensino secundário exercem atividades profissionais de nível superior e intermédio. Os resultados académicos da taxa de transição/conclusão demonstram serem acima dos valores nacionais tanto no 3º ciclo do ensino básico como no ensino secundário regular, o que é demonstrativo do sucesso educativo da escola e da estabilidade dos quadros dos docentes.

Com o objetivo de melhorar os índices e comportamentos escolares, o Agrupamento apresenta uma ação da qual assinala no projeto educativo os pontos fracos que pretende contrariar, prevenindo a indisciplina por meio das suas atividades e dinâmicas, reduzir o elevado número de alunos/formandos por turma, aumentar a participação ativa e o envolvimento escolar dos pais/encarregados educação. Destaca também uma taxa de abandono escolar residual

fruto do baixo investimento de alguns alunos/formandos no percurso académico, das alterações do contexto socioeconómico em consequência da crise económica e aumento da emigração.

A identificação da comunidade com a escola é reconhecida, possuindo uma boa ligação com o meio da qual é um importante pólo aglutinador e dinamizador. A ESE demonstra uma dinâmica artística com grande impacto e um esforço para valorizar o sucesso dos alunos. A sua abertura ao exterior é fruto da boa ligação com diversas entidades de comércio local, Junta de Freguesia de Ermesinde, Fórum Cultural de Ermesinde, entre outras. O reconhecimento das atividades realizadas pelos alunos e corpo docente são bastante enriquecedoras, numa lógica que tem sido reconhecida pela comunidade local, população, autarquia, entidades públicas e privadas.

Referente às duas turmas de Desenho A do 11º ano e 12º ano alvo da investigação, os índices que apresentam não se distanciam dos da escola, numa amostra total de 28 alunos provenientes das zonas de abrangência da escola. A idade dos elementos da amostra está compreendida entre os 16 e os 19 anos, com valores de média nos 17,21 anos e uma moda e uma mediana nos 17 anos. A percentagem de alunos do sexo feminino é de 71% e 29% do sexo masculino, estando 12 alunos a frequentar o 11º Ano, 4 do sexo masculino e 8 do sexo feminino e 16 alunos a frequentar o 12º Ano, 4 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Salienta-se o normal percurso dos alunos em que as idades de 16 e 17 anos dos alunos do 11º Ano estão em conformidade com a frequência do grau escolar e no 12º Ano apenas um aluno se encontra fora da idade normal de frequência justificada pela melhoria de nota. Destaca-se também que no segundo período de aulas, 3 alunos do 12º ano anularam matrícula à disciplina, recorrendo à proposta a exame.

As turmas tiveram sempre o acompanhamento e orientação dos professores titulares, sendo a prática pedagógica orientada pela professora cooperante, o que permitiu o contacto com a realidade da escola e todos os elementos que integram o sistema educativo. Nas características do espaço de sala de aula, este era variável consoante os conteúdos e as práticas a realizar, dispondo-se os estiradores em torno ou alinhados paralelamente ao objeto a registar-se em desenho. A sala de aula estava coberta pela rede sem fios de internet da escola e apresentava uma disposição linear dos estiradores voltados para a secretária destinada ao professor, onde se encontrava o computador de secretária. O acesso ao único computador da sala de aula poderia ser efetuado por qualquer aluno mediante aprovação do professor e este apresentava uma ligação fixa de internet e conexão ao projetor multimédia.

O uso de equipamentos tecnológicos em sala de aula: (telemóveis, *tablets* e computadores portáteis) era permitido pelos professores das turmas e assim a Lei n.º 31/2012 de 5 de Setembro do Estatuto do Aluno e Ética Escolar, aplicada pelo agrupamento, era posta em prática em conformidade com a autorização do professor.

1.3. Os Jovens e as Redes Sociais

O uso da internet torna-se imprescindível na sociedade atual. A internet intervém na forma como comunicamos, como pesquisamos e como desempenhamos a nossa vida profissional e pessoal. Segundo o relatório geral sobre a atividade da União Europeia (UE) (Comissão Europeia, 2016) 315 milhões de pessoas utilizam a internet todos os dias e, em Portugal 5,64 milhões de portugueses utilizam a internet (Marketeer, 2015). Segundo o Eurostat (Being young in Europe today - digital world, 2015) a maior proporção de utilizadores diários de internet na UE foi registada nos jovens com as idades entre 16-19 anos, tendo usado diariamente a internet 9 em cada 10 destes jovens.

A utilização da web permite a partir de elementos virtuais o relacionamento entre pessoas e a construção de uma rede de interação. A interatividade e o fácil acesso às redes a partir de elementos tecnológicos, proporcionam um contacto acessível a conteúdos diversos, que assimilados nos fazem construir conhecimento. O progresso dos sistemas e das plataformas tecnológicas permite o acesso a conteúdos na web a partir de uma simples pesquisa, abrindo janelas de oportunidades para os mais diversos assuntos. A procura destes elementos constitui um conhecimento de contacto, que pode originar um conhecimento teórico e, posteriormente construir conhecimento quando articulado com as nossas atividades, o nosso dia-a-dia, a nossa mobilidade, educação, bem-estar, lazer e atividades comerciais entre outras.

As redes sociais permitem tirar o maior proveito dos efeitos da rede na construção de um espaço de interação, colaboração e partilha de informação com as várias comunidades de utilizadores. Com o acesso à internet em dispositivos móveis, as redes sociais alargaram o seu campo de ação e por meio de um simples dispositivo móvel ligado à internet podemos estar conetados e envolvidos na rede. Os dispositivos das tecnologias de informação e comunicação permitem cada vez mais uma maior interatividade do utilizador com a rede social. No termo “interatividade” ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação (Lévy, 1999, p. 79) sendo nesta interatividade que se encontra a oportunidade de o utilizador ser um elemento ativo na comunicação e na evolução dos instrumentos tecnológicos.

Os dispositivos móveis e a tecnologia associada interferem na forma como aprendemos, trabalhamos e nos divertimos, combinando a forma como nos relacionamos com estes elementos.

No panorama da UE, segundo a Eurostat os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos preferem em 94% o acesso à Internet através de um telemóvel ou de um

smartphone, 71% através de um portátil ou netbook, 53% por um computador de secretária e 42% por um tablet. Em Portugal, o acesso à Internet através de telemóvel ou de um *smartphone* é realizado por 78% (15º na UE), o acesso por portátil ou netbook por 73% (7ª na UE), por computador de secretária 46% (20º na UE) e por um tablet 44% (11º na UE) (Eurostat, 2016).

Também os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), no Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias (2016) revelam um acesso crescente à internet por parte dos portugueses via telemóvel (78% entre os 16 e os 74 anos) e no que respeita à participação nas redes sociais, 74% dos utilizadores de internet participa, evidenciando aumento em 17 pontos percentuais relativos ao ano 2011 e também a um distanciamento crescente quanto à média da UE-28 de 63% no ano de 2015 (INE, 2016).

No índice de Digitalidade da Economia e da Sociedade, os resultados da Comissão Europeia revelam que Portugal é o 14º país mais digitalizado da UE, havendo uma necessidade de melhoria para a digitalização da sociedade visto que 28% da população nunca utilizou a internet (ANACOM, 2016a). De acordo com os dados referentes aos Serviços Móveis do 3º Trimestre de 2016 em Portugal, o número de estações móveis/equipamentos de utilizador ativos e em uso é de 11,4 milhões. No uso de banda larga móvel atingiu-se um valor de 6,3 milhões de utilizadores com uma crescente utilização de *smartphones*, sendo que 80% dos acessos à internet através do telemóvel foram para utilização do correio eletrónico e de redes sociais (ANACOM, 2016b).

Os últimos dados do trimestre móvel de Maio de 2015 referenciam que a taxa de utilização entre os jovens com idades entre os 15 e os 24 anos apresenta o valor médio de 55% (Grupo Marktest, 2015). A quantificação do uso de *smartphones* em Portugal, pela Marktest, contabilizava 6176 mil pessoas no trimestre móvel de Fevereiro de 2016, ou seja 68% dos utilizadores de telemóvel residentes em Portugal com 10 e mais anos (Grupo Marktest, 2016a).

Em termos de nível de escolaridade completa, dos portugueses com 15 e mais anos, 51,5% têm o ensino básico, 96,4% o ensino secundário e 98,4% o ensino superior (Pordata, 2016). Entre Outubro e Novembro de 2016, o estudo online realizado pela Uniplaces a estudantes de várias nacionalidades revelou que o principal motivo para o uso dos *smartphones* (71,4% dos jovens inquiridos) é o acesso às redes sociais, o contacto com os amigos (67,8%) e correio eletrónico (49,6% da amostra). Apurou também que o uso de *smartphones* é feito por 53,1% dos estudantes na casa de banho, 55,3% nos transportes públicos e 60,7% utiliza-o maioritariamente em movimento. Em qualquer das circunstâncias o seu uso tem como propósito o acesso às redes sociais (UDireito, 2016).

O estudo Net Children Go Mobile de 2014 em Portugal, (Simões, Ponte, Ferreira, &

Azevedo, 2014), evidencia que o primeiro dispositivo móvel (enquanto *smartphone*) tem começado a ser usado nas crianças entre os 9 e 10 anos, com uma média de idades de 9,7 num subgrupo de 100 respondentes. O mesmo estudo revela ainda que 47% dos jovens acedem à internet no telemóvel apenas através do uso de redes wireless gratuitas e não por um plano de dados móveis. Os telemóveis cada vez mais fazem parte da cultura juvenil e a mudança do uso do simples telemóvel para o *smartphone* é reveladora da disseminação do acesso à internet nas escolas e em espaços de acesso público. No último relatório do estudo EU Kids Online o acesso na web pelos jovens entre os 11 e 16 anos é realizado em maior número para aceder a perfis nas redes sociais, enviar mensagens instantâneas, visualizar vídeos e em quarto lugar no uso para realização de trabalho escolar (Haddon, Hasebrink, Ólafsson, O'Neill, Šmahel, & Staksrud, 2014).

Em Portugal as políticas nacionais que se têm implementado para o acesso às TIC no ensino formal, como é o exemplo de programas como e-escola, e-escolinha, com portáteis Magalhães entre outros, conjugados com a oferta e a melhor funcionalidade dos dispositivos de *smartphones*, favorecem o uso e o acesso à internet no contexto formal de ensino. A implementação nacional do uso de um computador composto com específicas determinações de um público alvo jovem, como o modelo aplicado nos portáteis Magalhães em 2008, tenta responder a uma cultura própria, proporcionando o desenvolvimento de competências e de actividades online. Os resultados do inquérito EU Kids Online, a crianças, entre os 9 e os 16 anos, de 25 países europeus, demonstraram que os jovens portugueses apresentavam um valor médio acima da média europeia quanto às competências e actividades online (Jorge, Ponte, Simões, & Cardoso (org.), 2012).

A ação de implementação de portáteis Magalhães levou a um rápido crescimento e democratização no acesso à web e à consciencialização dos riscos e oportunidades na conexão à rede. Por meio de práticas de minimizar riscos e maximizar os benefícios cabe aos professores implementar, enquanto agentes de responsabilidade socializadora formal, uma abordagem educativa a que as crianças e os jovens recorram quando se deparam com algum problema online (Jorge, Ponte, Simões, & Cardoso (org.), 2012).

Os riscos associados ao uso da internet têm sido estudados e merecido bastante atenção por parte dos media e de investigadores no entendimento da correlação do seu uso com a idade do jovens. Com o acesso cada vez maior a dispositivos tecnológicos com ligação à internet, grande parte dos equipamentos são direccionados para determinadas faixas etárias e/ou incorporam softwares que permitem a localização e controlo das actividades das crianças.

Estudos desenvolvidos por Livingstone e Bovill (2001) revelam já que o telefone é um dos media mais controlado e que as repercussões do seu controle se sentem no seio

familiar, bem como nos seus educadores. Este controlo justifica-se devido ao “choque de culturas mediáticas” que segundo Fromme (2003) é provocado pelo crescimento dos educadores numa cultura mediática diferente das gerações mais novas e que por vezes não lhes são assimiláveis. Como nos enuncia Livingstone (2002) a predominância dos media no dia-a-dia dos jovens no seu espaço, traduz numa nova maneira de organização do seus afazeres diários, que segundo Loader (2007) traduz que os jovens que dominam e se encontram mais socializados com as novas tecnologias serão os mais aptos para uma nova cultura tecno-social.

No estudo sobre crianças e risco online (Jorge, Ponte, Simões, & Cardoso (org.), 2012) conclui-se que nem todo o risco pode resultar em dano para as crianças ou jovens já que depende em parte da sua idade, género e estatuto socioeconómico, da sua resiliência e recursos para lidar com o que acontece na internet, bem como do papel que têm os pais, a escola, os pares, da regulação nacional, da provisão de conteúdos, dos valores culturais e do sistema de educação. Contudo, fruto de uma competência mediana no contexto europeu, a rede de investigadores do projeto EU Kids Online refere no relatório das Perspectivas Nacionais (Haddon, Livingstone, & EU Kids Online network, EU Kids Online: National perspectives, 2012) que as crianças portuguesas podem ser menos capazes de colocarem em prática as suas competências digitais aquando do surgimento de um problema.

O risco de problemas deve ser acautelado pelos professores e também pelas suas famílias para que desenvolvam capacidades para estarem mais seguras na internet quanto aos riscos e danos, já que um comportamento de risco não resulta necessariamente em dano e a exposição ao risco pode ser a oportunidade de construir utilizadores com experiência e capacidade ativa de lidar com eles (Jorge, Ponte, Simões, & Cardoso (org.), 2012).

O risco é inerente a qualquer sistema e, à semelhança do pensamento que nos envolve em outros sistemas da organização de normalização internacionais, o pensamento baseado no risco permite que em todo o processo de uso da rede, a consideração do risco seja a oportunidade para se atingirem os objetivos, prevenir o risco e assegurar a aquisição de mais conhecimentos sobre a rede.

Assim, com o sentido de dar uma melhor resposta, além do apoio para a segurança na internet em que deve ser transmitido aos pais dos alunos por parte do professor e técnicos, há a oportunidade de a par deste apoio, implementar o aumento das competências digitais através da prática e de consciencialização pública.

Hoje, os diversos sistemas tecnológicos permitem a ligação e acesso à internet. Este pode levar-nos a pensar que os jovens realizam um uso excessivo da web, contudo o projeto EU Kids Online evidencia que não é o tempo gasto na internet que a torna problemática e excessiva, já que esta veio ocupar parte do espaço que era destinado à

televisão (Smahel, Helsper, Green, Kalmus, & Blinka, 2012).

Com um uso mediado da internet, o *smartphone* é uma ferramenta que grande parte dos jovens possui e permite o fácil acesso à internet em casa, na escola, no espaço público, em qualquer lugar. Este dispositivo, com a sua ligação à internet, transforma-se numa ferramenta de trabalho para crianças e jovens, ou seja, não é apenas um dispositivo de controlo parental e de entretenimento. Substituindo ou complementando o uso do computador, o *smartphone* é também um espaço de oportunidades e riscos. Com este há assim a oportunidade de aprendizagem, de partilha de conhecimento, de desenvolvimento do sentido crítico dos alunos. Neste conjunto de aspetos e padrões culturais relacionados com a internet, a comunicação em rede é uma nova relação para a educação, um desafio para o ensino-aprendizagem que torna fundamental o papel do professor, enquanto mediador, no contacto, assimilação e proveito da tecnologia.

1.4. Redes Sociais e Educação

Os jovens efetuam transformações às suas linguagens e representações, utilizando uma comunicação e escrita diferentes. Nos tempos que correm fazem uso de um português sintetizado, com recursos a elementos figurativos de emoji, resultado do hábito de uma escrita rápida e abreviada em espaços de conversação e no envio de mensagens. O contacto constante com videojogos eleva muitos dos padrões de qualidade e de acessibilidade a suportes tecnológicos e por tal, as ferramentas que lhes são interessantes e que os fascinam não se encontram no espaço da sala de aula.

Segundo Patricia Greenfield (1984) os contactos com estes elementos tecnológicos fazem com que os jovens desenvolvam competências cognitivas numa aprendizagem em contexto informal, o que permite o uso de outras tecnologias a partir de um conhecimento semelhante que tenha sido assimilado. Desta forma, o reconhecimento das literacias mediáticas como uma competência para desempenho funcional, varia consoante o contexto, atores e as experiências dos jovens.

No contexto alfabetizador dos novos media, muitos investigadores desde os anos 80 têm desenvolvido abordagens científicas com uma pesquisa sobre as práticas nos media de alunos e audiências. A interligação entre o sistema da educação e os media como elemento de transformação cultural e social abre a possibilidade de uma aprendizagem conetada entre os dois elementos (Buckingham, 2003; 2007). Assim, aproveitar os novos contributos e os elementos inovadores é controverso, mas representa o avanço da literacia mediática, exigindo estudos combinados de aprendizagem, contextos educacionais, diferentes meios e modalidades (Drotner & Erstad, 2014). Com estas mudanças a aprendizagem é reforçada, podendo acontecer fora da escola e alterando o sistema educativo tradicional quanto à prática e quanto à formação dos seus atores.

No conceito de controvérsia de Latour (2005), a teoria do ator rede coloca como atuantes os objetos e a ação humana na modificação do estado das coisas, já que interferem na atividade e desenvolvimento da rede à qual se relacionam. Nesta não se separa o ser humano e a máquina, o que permite a formação de uma rede com as interconexões entre grupo dos atores/atuadores e as suas ações. Na ligação à rede, os utilizadores conseguem ter uma ubiquidade que lhes permite transitar em qualquer hora e em qualquer lugar, possibilitando o acesso, a produção e a partilha de conteúdos, que produzam efeitos na sua formação, bem como dotar os cidadãos com competências e ferramentas capazes de suprir a falta de conhecimentos sobre os media.

Os valores culturais inseridos na educação opõem-se aos da cultura mediática que

na década de 80 e 90 tinha nos teóricos Neil Postman e E.D. Hirsch Jr. o forte argumento de a cultura mediática estar muito voltada para o entretenimento, afirmando, o que a Escola de Frankfurt caracterizava como uma cultura para a sociedade de massas, uma indústria cultural (Drotner & Erstad, 2014).

Com os desenvolvimentos tecnológicos, os meios de comunicação nos seus desafios e problemas morais fazem os jovens dispendirem tempo nos media, que num envolvimento intenso se transforma numa preocupação por parte dos adultos, das instituições escolares, e de todos os agentes sociais. Através de Krinsky (2008) e Drotner (1999), estas preocupações categorizam-se respetivamente por pânico moral e pânico dos media. Esta preocupação trouxe uma solução que foi mitigada pela ação de normas de escolaridade, à semelhança do ocorrido na difusão da literatura de massas no século XIX pela Europa e América do Norte. Assim, para Cuban (1986), a evolução tecnológica na educação, nunca deixou de ser orientada para o livro. O livro é um elemento limitado no seu acesso, e quando comparado com meios de massa existentes como o rádio, televisão, vídeo e os discos compactos nunca o conseguiram desvincular do ensino e revolucionar as práticas educativas. Asseverado por Drotner (2010), o livro é como um elemento transparente de conteúdo, ao contrário das outras tecnologias de media, que são ferramentas complementares, com riscos e que podem tornar-se marginais.

A forte ligação do livro com a escola perdura até hoje, não existindo qualquer outro elemento que substitua o livro, apesar da ligação dos meios digitais terem criado mudanças a todos os níveis nas funções humanas. Mesmo com todo este vínculo, o papel da tecnologia na educação tem sido uma questão crítica ao longo das últimas duas décadas. Segundo Selwyn (2011), uma resposta assenta na implementação da tecnologia no centro da educação e outra resposta passa pela incorporação da tecnologia nas práticas sociais configuradas para o interior e exterior da escola.

A implementação da tecnologia no centro da educação é vista com as mudanças na escola criadas por educadores, que introduziram com Papert (1984) os computadores e a internet. Aqui, o foco dos alunos estava no uso e na operacionalidade da tecnologia, onde o impacto da introdução destas ferramentas foram fundamentais para a mudança digital. O choque tecnológico sentido na sociedade começou a ser modificado com iniciativas para a literacia mediática.

Com o processo de literacia mediática induziu-se a segunda mudança na educação, a multiliteracia. O termo aplicado por Cope e Kalantzis (2000) determina instituir uma alfabetização mediática assente nas condicionantes do meio e nas práticas sociais de um determinado grupo. Desta forma, a ação para uma literacia mediática vai ao encontro das culturas e do discurso de cada grupo social.

Os alunos de hoje vivem muito próximos da internet, com dispositivos móveis que são uma extensão deles próprios na comunicação, na criação de novas redes de conhecimento, na forma como vivem, como trabalham, dentro e fora da escola.

A web conjugada com as redes sociais são elementos de exteriorização da personalidade dos alunos, de conhecimento e de contacto com o mundo exterior. Nas perspectivas lógicas de Paulo Freire (1996) e de Edgar Morin (2001) enquadra-se nestas a conceção do Homem e do conhecimento, pois este é um sujeito ativo de relações, que se constrói com conhecimento pelo contacto com os sujeitos exteriores e com o mundo que o rodeia.

Na sua utilização fora da escola, o estudo de Ito et al. (2010) para compreensão do processo de literacia mediática e das suas influências através da ligação ativa ou desativada na web, evidencia-se que os jovens usam diferentes media no seu dia-a-dia.

Nas ligações à web os jovens criam e acedem a conteúdos num desafio que Drotner (2008) vê como um processo multimodal relevante para os processos de aprendizagem. O interesse e interactividade dos discursos dos jovens na rede de utilizadores/membros de uma plataforma social são maiores que o meio primário da televisão. Na plataforma social os jovens conseguem integrar, debater questões próprias e assim construir visões mais amplas do mundo (Carey, 1989).

Os jovens ao apropriarem-se do meio de comunicação, alteram a sua linguagem, estendem e abrangem a sua cultura, funcionando como facilitadores nas interações em determinados contextos, conteúdos e críticas. O sistema de educação estendeu-se para fora da escola, mais aberto às atividades exteriores, à vivência e influência da conexão dos jovens com experiências de aprendizagem nas suas redes sociais, o que propicia segundo Scardamalia e Bereiter (2006) o desenvolvimento de conhecimentos.

O desempenho dos alunos nas redes sociais cada vez mais se tem intensificado e as suas ligações à tecnologia levam a que o discurso futuro da orientação da educação se preocupe com a criatividade, a colaboração, pensamento crítico e resolução de problemas. Encarar os seus interesses na tecnologia leva a que o sistema se centre nas potencialidades do aluno, no desempenho aberto das suas atividades, na procura e na resolução dos seus problemas. Esta ação dará vontade e motivação para o aluno aprender e despertará o seu interesse em obter as suas respostas (Gee, 2003; Ito, et al., 2010).

As redes sociais e os media móveis estimulam e incentivam um engajamento social e mobilização dos jovens. A participação dos jovens vai muito para além da presença nas redes, conduzindo a uma interação participativa e de criação de conteúdos, ou seja, a um novo paradigma de aluno nas suas novas possibilidades de aprendizagem (Hull e Katz, 2006) As aprendizagens pelas redes sociais são desafios ao aluno e, constroem nesse

desafio um papel importante no processo coletivo de criação de conhecimento (Scardamalia & Bereiter, 2006).

A aprendizagem dentro e fora da sala de aula será configurada numa nova interseção onde os recursos mudam ao longo do tempo para desempenho de atividades de mudança (Wertsch, 1998). Estas mudanças advêm de uma alteração dos recursos dos alunos, com acesso à tecnologia, onde um simples dispositivo móvel modificará as suas acções e comportamentos dentro e fora da sala de aula. Os comportamentos alteram-se fruto de uma maior possibilidade de diálogo entre pares e professores. Os media e as ferramentas tecnológicas mais apelativas alteraram a distância da comunicação praticada ao longo de anos e hoje as proximidades nas conversações são maiores, substituindo os monólogos e distanciamentos entre professores e alunos.

A partir daqui, combinar um mundo diferente (as redes sociais dos alunos), apresenta ao professor um desafio: ao invés de separar a realidade da sala de aula com a virtualidade, como é que os alunos podem aprender nas redes sociais e introduzir numa linguagem mais próxima deles e dos conteúdos dos currículos disciplinares para uma melhor aprendizagem?

Sabemos que as redes sociais não surgiram com um intuito educativo, mas podemos colocá-las nesse sentido para que assumam uma dinâmica inovadora onde os alunos podem interagir em todo o processo e instituir um modelo pedagógico. O professor está presente virtualmente para os alunos e estes podem contribuir sempre com conteúdos e conhecimento que interajam com o ensino. Há que procurar na ambiguidade e incerteza, a divergência de ensino, para que na procura de resposta se aumentem as possibilidades para a aprendizagem e constituir novos meios de vivenciar as práticas pedagógicas.

Olhando para o panorama das redes sociais na educação, podemos verificar que há um conjunto de plataformas e uma rede de comunicação colaborativa nas comunidades escolares e não escolares. Predominam plataformas educativas de vertente educacional como é exemplo a aprendizagem de idiomas através da rede social Livemocha. Esta permite que os alunos aprendam um idioma através de aulas na rede com troca de experiências e partilha de conteúdos. Outro exemplo baseado no modelo de aprendizagem colaborativo é a plataforma Edmodo que está desenhada por espaços customizados com similaridades ao Facebook. Esta plataforma permite que interajam professores, estudantes e pais, num espaço virtual de comunicação com troca de mensagens, documentos, propostas e tarefas de trabalho, atividades, entre outros.

No âmbito do ensino, o Personal Learning Environment (PLE) é uma plataforma que proporciona um ambiente pessoal de aprendizagem. Neste, relacionam-se entre si os atores, comunidade e os recursos, disponibilizando o conhecimento que possa suprir as

diferentes necessidades de cada aluno, numa modalidade de aprendizagem gerida por si. O PLE permite a definição dos objetivos pessoais, com um controlo dos conteúdos, das pesquisas, do acesso à informação e das comunicações com outros colegas.

O PLE não é mais do que uma individualização educacional que permite a cada aluno realizar o seu próprio percurso, construindo o seu ambiente pessoal de aprendizagem e adequar a sua aprendizagem que é adaptada pelo professor numa personalização para o aluno (Buckley, 2006). Assim, as atividades dos alunos dentro e fora da sala de aula são baseadas nos seus conhecimentos prévios e o professor consegue direcionar os conteúdos para o aluno efetuar as aprendizagens e consubstanciar a avaliação dessas aprendizagens continuamente. As vantagens do acesso instantâneo do aluno às informações são evidentes, contudo o desafio e a profundidade da abordagem dos temas não deve ser confundida no processo (Hargreaves & Shirley, *The Fourth Way: The Inspiring Future for Educational Change*, 2009). O aluno tem aqui um papel mais ativo na aprendizagem, consegue efetuar a comunicação com outros pares, integrar debates e partilhar assuntos que podem fazer parte com outros conteúdos PLE, desde redes sociais, softwares de imagem, som, edição gráfica, etc.

Os PLE são na realidade um conjunto de sistemas que interligam recursos de aprendizagem que se adequam aos contextos pedagógicos, previamente estabelecidos e às competências a adquirir por cada um. Através dos PLE os alunos conseguem realizar uma aprendizagem ativa, com sentido crítico e seletiva, onde através de um mediador/regulador/professor o aluno é orientado a escolher o suporte e o caminho de como quer e o que quer aprender. Os objetivos e a gestão das aprendizagens a realizar são construídas por si e este realiza individualmente a sua aprendizagem, mas nunca de forma isolada, pois está integrado numa rede com outros pares que lhe permite comunicar e interagir, explorando a potencialidade do conjunto. São exemplos de PLE, as plataformas como SAPO Campus e Google for Education, que integradas numa especificidade geográfica são redes de comunicação e colaboração, direcionadas para as comunidades escolares, que podem ser utilizadas em vários níveis de ensino. Agregam em si um conjunto de sistemas com funcionalidades sociais, de partilha e multimédia, com um interesse subjacente ao trabalho colaborativo, que pode ter fins pedagógicos e sociais.

As plataformas estão relacionadas diretamente com espaço territorial em que se inserem e nesse âmbito a Sapo Campus surgiu em 2009 fruto de uma parceria de investigação e desenvolvimento entre a Universidade de Aveiro e a Sapo. Segundo os dados existentes de Julho de 2011 esta plataforma contava com 1980 utilizadores, com publicações de cerca de 5050 posts até o mês de Junho e 25000 publicações de fotos até Julho. A plataforma Sapo Campus insere-se com pressupostos de rede social, contudo a

sua aceitação não apresenta a expressão de utilizadores como outras redes sociais (Santos, Pedro, & Almeida, 2011).

A presença no Sapo Campus encontra-se muito relacionada com utilizadores institucionais, como se verifica com o projeto-piloto que integrou 12 instituições escolares no ano letivo 2012-2013. O Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Aveiro teve a sua presença na plataforma através de uma promoção realizada por conversas cruzadas entre professores, investigadores e alunos, com 1.001 utilizadores registados até ao final de 2015 (Pedro, Santos, Batista, Cabral, Pais, & Costa, 2016).

Em outro estudo, com uma amostra que integrou o uso das plataformas do Sapo Campus, Facebook e Twitter, registou-se um total de 3692 publicações, com a maior participação de 2096 publicações no Twitter, 1249 no Facebook e 347 no Sapo Campus. Verifica-se que a identidade construída pelos participantes no Sapo Campus está assente na partilha de conteúdos de teor académico, sobretudo mensagens de texto e as outras plataformas mais informais com uma presença sobretudo social. Desta forma, a rede com mais informalidade junto dos utilizadores é o Facebook com 82% de publicações, em que 56% dos conteúdos são áudio/vídeo, seguidas de ligações para outros espaços (Moreira, Aresta, Pedro, & Santos, 2013).

O uso de todas estas plataformas no ensino, assentam num modelo de ensino/aprendizagem eletrónico onde a ligação à web é essencial para que o aluno em qualquer lugar consiga aceder aos conteúdos disponibilizados pelo professor e estabelecer o princípio de e-learning, um ensino não presencial que lhe confere mais autonomia.

Segundo o The EPC Global Media Trends Book os utilizadores de plataformas sociais partilham ações como links, posts e comentários com amigos, colegas e familiares nas redes sociais que consigo interagem, destacando-se a liderança da rede do Facebook com 82% dos artigos partilhados (World Newsmedia Network, 2015).

Nos acessos à internet, segundo o relatório dos resultados nacionais do projeto Net Children Go Mobile 2014, os seus autores (Simões, Ponte, Ferreira, & Azevedo, 2014) expõem que a presença nas redes sociais e troca de mensagens é uma actividade diária em cerca de metade dos inquiridos. Quanto à prática de comunicação a “rede social Facebook tornou-se a rede hegemónica, para ambos os sexos e em todos os níveis socioeconómicos: 97% dos inquiridos que têm um perfil numa rede social refere o Facebook. O Instagram, em segundo lugar, é referido por 19%.” (p. 2). Este contacto com as redes sociais é uma actividade importante para os jovens e “quem usa *smartphones* e *tablets* para aceder à internet está mais envolvido em atividades diárias nas redes sociais” (Simões, Ponte, Ferreira, & Azevedo, 2014, p. 17).

Hoje, ao acedermos ao Facebook constatamos que jovens e adultos se encontram

na rede social. Contudo as políticas de acesso da plataforma apresentam restrições de idade no registo de utilizadores, o que faz com que as gerações sub-13 se interessem e prefiram outras redes, evitando assim a presença adulta.

Em Portugal, segundo o estudo da Marktest 'Os Portugueses e as redes Sociais', a rede social com a maior taxa de penetração é a plataforma do Facebook. Face a 2015, revela-se que “em notoriedade sugerida e notoriedade total, o Instagram sobe ao segundo lugar da tabela, apenas precedido pelo Facebook. Mantém assim uma tendência de crescimento em notoriedade que se vem evidenciando em anos anteriores” (Grupo Marktest, 2016b).

Pela observação em aula, estes dados corroboram os interesses dos alunos no acesso à internet, em que as funcionalidades sociais de acesso ao Facebook e Instagram são um dos motivos os alunos se ligarem à web. Portugal é segundo os Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile um dos países onde as crianças e os jovens mais referiram o uso da internet e dos meios móveis nas escolas no desempenho de trabalho colaborativo (Simões, Ponte, Ferreira, & Azevedo, 2014). Em 40% dos utilizadores activos no Facebook as atividades para além das publicações incluem comentar a foto ou o vídeo de um amigo, enviar mensagens pelo serviço de conversação, ler um artigo, comentar as publicações de amigos, ler uma notícia, carregar e partilhar fotos, atualizar o perfil, visitar o Facebook de marcas do mercado e navegar no feed de notícias (World Newsmedia Network, 2015).

Nesse sentido as redes sociais tecnológicas como o Facebook são propícias ao desempenho de aprendizagens e participação dos jovens, quer pelas características hipermédia, quer pela sua importância social. O governo de Singapura, por exemplo, está a implementar mudanças na escola, mais concretamente em Ngee Ann, tirando partido das potencialidades do Facebook e outras redes sociais, para as mais diversas disciplinas, na construção de textos, partilha de imagens, gráficos, documentos, entre outros.

A escola bilingue Richmond na Colômbia é outro exemplo e neste caso integrou os pais e seus educandos num programa escolar para navegarem na web e conhecerem os pontos fortes bem como os riscos das redes sociais.

Em Portugal, no III Congresso Internacional das TIC na Educação, um dos projetos apresentados relacionado com a disciplina de Português demonstra o favorável uso da plataforma do Facebook na comunicação, partilha de conteúdos entre alunos e professor, centrando a aquisição de conhecimentos no aluno e ampliando os espaços de ensino e aprendizagem além do espaço da escola. Dois dos trabalhos também aí apresentados ligam a Matemática e o Facebook, recorrendo um deles ao jogo na rede social para criar um ambiente virtual de aprendizagem colaborativa, enquanto outro coloca os alunos num grupo

para demonstrar a possibilidade da rede para a aprendizagem desta disciplina. O blog MatActiva é um projeto com jogos ligados à Matemática iniciado em 2007, que recorre à presença mais atual entre os jovens, o Facebook, para tirar proveito das hiperligações e todas as potencialidades da rede, com partilha de vídeos, fotos e desafios.

Durante os quatro Congressos Internacionais das TIC na Educação, foram apresentados desempenhos pedagógicos com o uso de redes sociais e do Facebook como ferramenta de apoio às aulas, evidenciando-se que as disciplinas eram de variantes não artísticas. Assim, em cerca de 1000 apresentações nestes congressos destaca-se que apenas 3% das apresentações são referentes ao uso de redes sociais e do Facebook no espaço de sala de aula, sempre com o intuito de incutir nos alunos um maior interesse pelo conhecimento, participação e colaboração. Nestes estudos, as relações e a comunicação entre pares e com o professor revelam-se bastante positivas. O fato dos alunos interagirem muito na rede fora do âmbito escolar faz com que eles interajam mais com os conteúdos publicados e apresentem uma maior motivação para realizarem aprendizagens no 'mundo virtual'. Destaca-se também, o estudo com um grupo de alunos do 9º ano, onde o uso do Facebook evidencia um impacto positivo nos resultados académicos, sendo "particularmente relevante em contextos de aprendizagem assentes em modelos de ensino eminentemente expositivos" (Miranda, Monteiro, & Brás, 2014, p. 545).

As redes sociais potenciam o estabelecimento de relações entre as pessoas e até participação, pelo que o Facebook, Instagram, Twitter, LinkedIn, entre outros "facilitam e, de certo modo, estimulam o processo de interação social e de aprendizagem" (Carvalho, 2008, p. 8). Segundo o relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, 88% dos estudantes têm como atividade de lazer mais comum o acesso à internet, com 83% destes a terem uma participação em redes sociais (OECD, 2015).

A interação humana na rede cria uma nova forma de sociabilidade, o que fortalece o círculo de amizades em torno desta, incentiva a participação, obtém a troca de experiências, a partilha de ideias e um novo modo de comunicar. O processo comunicativo estabelece-se de forma instantânea em que não há o entrave do limite temporal. A comunicação pode ser realizada num sentido colaborativo, com a troca de informações que rapidamente pela interação entre utilizadores demonstra se ocorreu assimilação e entendimento dos conteúdos ou se será necessário uma nova contribuição para melhorar a ação.

Na sociedade de hoje, os modelos tradicionais de ensino têm que ser recombinaados para modelos que fomentem o processo colaborativo, a partilha, a recriação de novos e mais favoráveis ambientes para aprendizagens formal e informal dos alunos. Através das redes sociais consegue-se chegar aos vários universos de informação, quer de carácter global quer local. De uma maneira prática e intuitiva estabelece-se uma relação com o

utilizador que passa de sujeito informado, numa metodologia de conteúdo de consumo rápido de informação, para um sujeito que monitoriza, na ideia de que o importante é o debate, a troca de conhecimentos, os critérios para chegar às informações e à sua consequente validação.

O modelo atual de sociedade permite que pessoas ligadas numa lógica de redes, enquanto socializam, estabelecem um ambiente em que ao mesmo tempo se aprende e ensina. Ao criar-se esta forma de agrupamento social, o grupo aumenta as suas relações e juntam vozes para alterarem e reconfigurarem a informação, deslocando o poder dos meios de comunicação para a sociedade.

Nesta sociedade em rede, o pensamento pedagógico sobre as pedagogias que devemos usar é a de tentar colocar o aluno no centro produtor de conhecimento e criar uma cultura aprendente, em que o professor terá que procurar integrar estes ambientes na educação e ser o “catalisador da sociedade do conhecimento” (Hargreaves, 2003, p. 45). Neste trabalho, foram assim introduzidas as redes sociais como uma ferramenta pedagógica numa perspetiva construtivista.

CAPÍTULO II

DESENHO DA INVESTIGAÇÃO, MÉTODO E RESULTADOS

2.1. Desenho da Investigação

Todo o processo da investigação foi orientado por princípios que garantam a confidencialidade, a privacidade e segurança dos alunos. As considerações éticas colocadas em prática pelo consentimento informado pretendiam que a aproximação etnográfica fosse a mais natural possível, estabelecendo-se uma confiança e familiaridade no âmbito de observações das atividades, auscultação e interpelação dos intervenientes na investigação. A adoção de um posicionamento igualitário das partes, com um respeito mútuo e uma comunicação espontânea com a livre troca de ideias, estendeu-se por todo o processo investigativo e estendeu-se para fora do espaço escolar através das redes sociais do Facebook e Instagram. Ressalva-se que o projecto evita prejudicar de alguma forma os alunos e professores envolvidos, respeitar as suas opções, valores e decisões com sentido de justiça e produzir proveito da pesquisa.

O estudo assenta num trabalho ao longo de todo o ano letivo com a metodologia ilustrada pela Imagem 1.

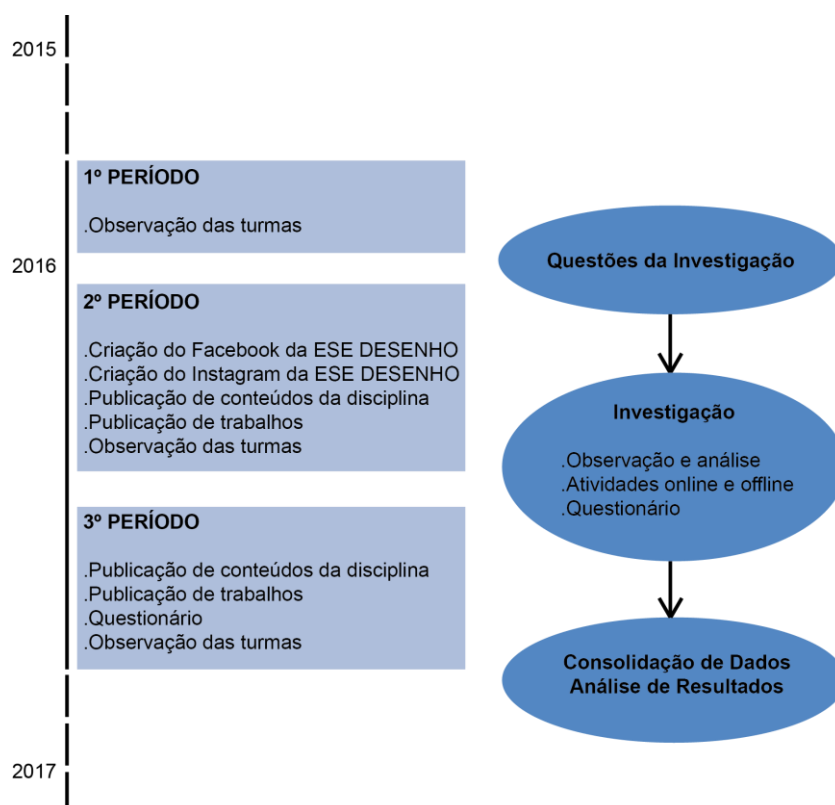


Imagem 1. Metodologia da Investigação.

Os métodos da investigação descrevem os fenómenos numa resposta quantitativa e qualitativa, tentando adequar a investigação sem recorrer a um único dispositivo metodológico para que nenhum se sobreponha nem se recorra a uma aplicação mecânica.

Apoiado no que nos enuncia Quivy e Campenhoudt a utilização e escolha dos métodos da investigação resultam da função dos objetivos, modelo de análise e das hipóteses. De forma a se tornar útil a investigação, os limites e validade da metodologia assentam numa escolha sensata e flexível, com discernimento crítico e a procura de uma melhor compreensão da temática (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Segundo Bell, os estilos, tradições ou diferentes abordagens valem-se de métodos de recolha de informação também diferentes, sem rejeição de qualquer método em causa e podendo o investigador quantitativo recorrer a técnicas qualitativas e vice-versa. Assim, numa investigação quantitativa, a recolha dos factos é estudada pelo investigador na relação entre eles e na investigação qualitativa este coloca em dúvida a existência de factos sociais e questiona a abordagem científica no estudo de seres humanos, interessando-se em compreender as perceções individuais do mundo. (Bell, 2010).

No primeiro período a atividade de campo cingiu-se a construir relações com os alunos, ao estabelecimento de elos de confiança e familiarização com a cultura juvenil atendendo aos gostos, conteúdos e vontades em sala de aula. Logo no início, os professores titulares das turmas clarificaram o papel do professor estagiário. O ambiente descontraído nas aulas e a abertura ao diálogo entre pares permitiram que o desenvolvimento da investigação se realizasse num contexto simples e natural.

A partir das observações das turmas construíram-se as questões de investigação e, no segundo período após a criação dos perfis de Facebook e Instagram da ESE DESENHO pelo investigador, foram sendo publicados conteúdos da disciplina em conformidade com o planeamento das aulas, bem como os trabalhos desenvolvidos pelos alunos até ao terceiro período. As publicações dos conteúdos da disciplina foram sendo realizadas online, diretamente na página do Facebook, com a qual os alunos estabeleciam o contacto com os assuntos de aula. Os trabalhos de aula realizaram-se após abordagem dos conteúdos, em modo offline, com a posterior publicação nas redes.

O contacto dos alunos com as páginas foi totalmente aberto às suas vontades e a adesão foi rápida, constituindo o ponto de partida para o estabelecimento de elos e aproximação dos conteúdos da disciplina aos seus espaços nas redes sociais. As estratégias combinavam conteúdos diversos, que fossem de âmbito artístico, que ocorressem em sala de aula e que fossem relacionados com a disciplina. Assim, os alunos ligaram-se aos perfis de Facebook e Instagram da ESE DESENHO pela partilha de experiências artísticas, pelos conteúdos das suas autorias que eram partilhados, pelos

assuntos que lhes despertavam a curiosidade e que faziam parte dos seus interesses.

O procedimento seguido na investigação assentou na observação participante tendo particular focus nas intervenções, comportamentos e participações dos alunos nas redes sociais ESE DESENHO, culminando com um questionário no final do ano letivo. O questionário teve como o objetivo recolher as atitudes dos alunos face ao uso e às mudanças que a introdução destas ferramentas implicara e também as suas opiniões sobre a aquisição e apropriação de conhecimentos no processo ensino-aprendizagem.



Imagem 2. Perfil da ESE DESENHO na rede social Facebook.

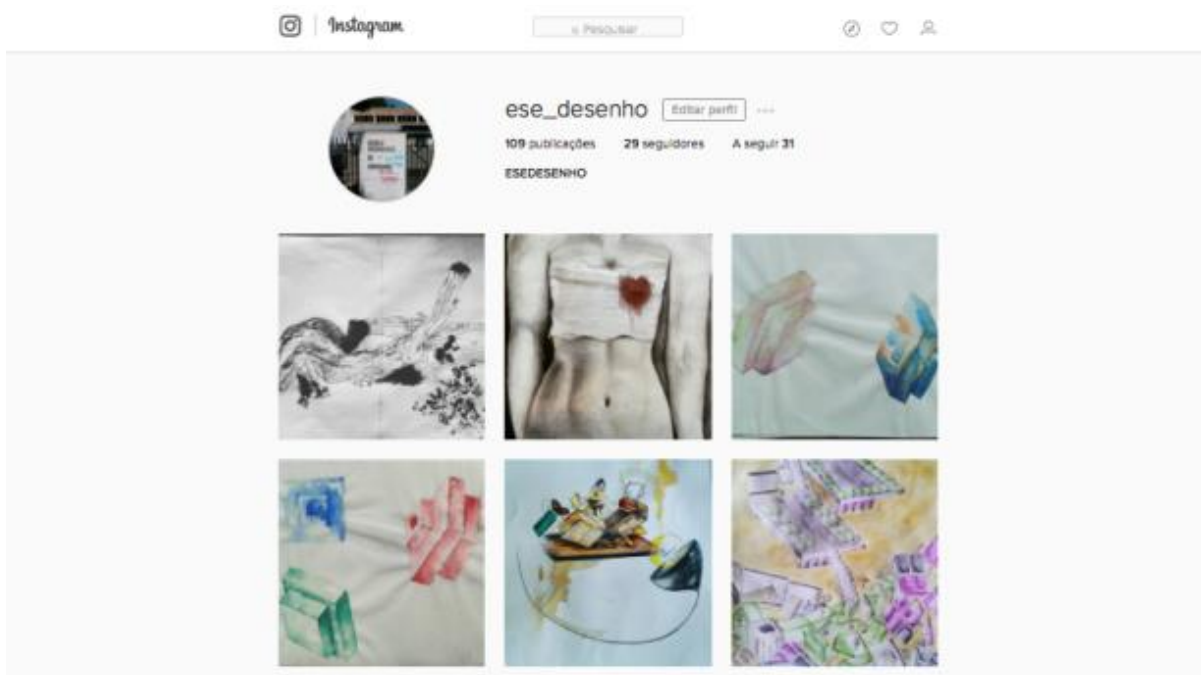


Imagem 3. Perfil da ESE DESENHO na rede social Instagram.

2.2. Trabalho de Campo

A amostragem da investigação cingiu-se às turmas lecionadas do 11º e 12º ano. Considera-se uma amostragem de conveniência de 28 alunos, com o que enuncia Carmo e Ferreira o “grupo de indivíduos que esteja disponível”, que poderá levar a “um estudo exploratório cujos resultados não podem ser generalizados à população à qual pertence o grupo de conveniência, mas do qual se poderão obter informações preciosas” (Carmo & Ferreira, 2008, p. 213).

Esta fração representativa de carácter não probabilístico acedeu-se de modo intencional, pela disponibilidade dos alunos nas duas turmas e é constituída de acordo com representações ilustradas nos seguintes elementos. Os alunos da investigação possuem uma idade compreendida entre os 16 e os 19 anos, com uma média de 17,21 anos, uma moda e uma mediana nos 17 anos. A percentagem de alunos do sexo feminino é de 71% e 29% masculino, estando 12 alunos a frequentar o 11º Ano e 16 alunos a frequentar o 12º Ano.

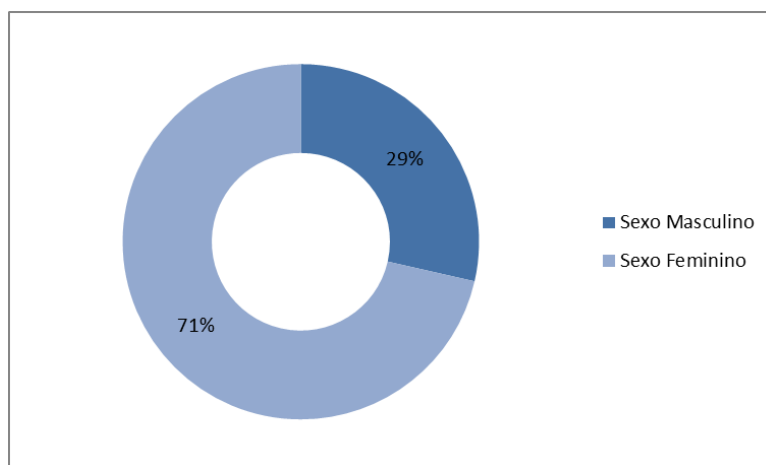


Gráfico 1. Gráfico de distribuição dos alunos por género.

Tabela 1. Tabela de distribuição dos alunos por anos de frequência e sexo.

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Total
11º Ano	4	8	12
12º Ano	4	12	16
Total	8	20	28

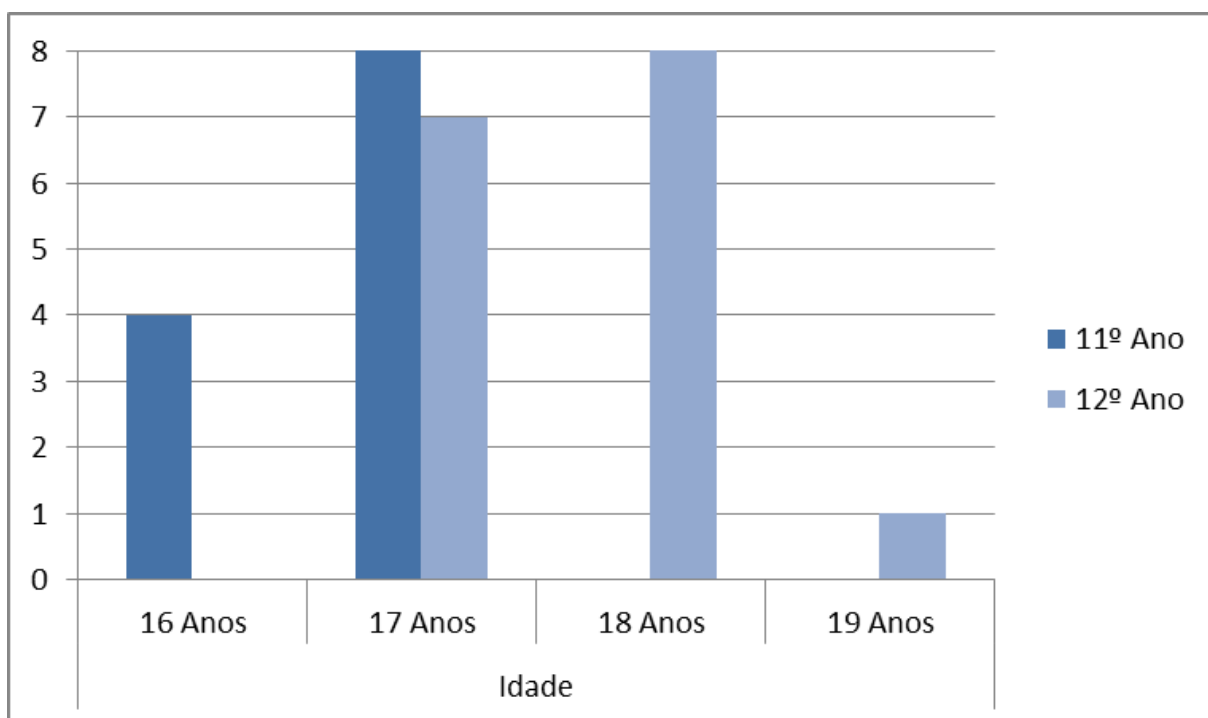


Gráfico 2. Gráfico de distribuição dos alunos por anos de frequência e idade.

Com a observação em sala de aula logo no início do ano letivo se constatou que as redes sociais são ferramentas presentes no espaço da sala de aula através dos telemóveis dos alunos. Estas plataformas sociais estão presentes tanto no interior como no exterior da escola e como enuncia Fritjof Capra “são antes de mais nada redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder” (2002, p. 86).



Imagem 4. Separador Fotos com trabalhos de alunos na rede social do Facebook.

A utilização por parte dos alunos das redes sociais era visível na quase totalidade dos elementos das turmas e acontecia por estes serem utilizadores e/ou visualizadores de publicações que advinham de pesquisas nas plataformas sobre assuntos da disciplina ou de assuntos triviais dos diálogos entre pares. Com as suas presenças nas redes sociais a introdução da ESE DESENHO nas plataformas surgiu primeiramente na rede de maior uso nacional o Facebook, num perfil até ao final do ano letivo fechado e privado aos alunos das turmas, permitindo mais tarde a amizade de perfis ligados à escola, de alunos, ex-alunos e funcionários da escola.



Imagem 5. Publicação de vídeo de aguarela e do trabalho da artista Cinta Vidal na rede Facebook.

As publicações de conteúdos por parte do investigador no Facebook eram realizadas em paralelo com as aulas e surgiam por meio de vídeos, de projetos de artistas e de fotografias dos elementos desenvolvidos em aula. O incentivo à partilha dos trabalhos dos alunos foi realizado nas primeiras semanas, com 17 publicações de trabalhos realizados. Posteriormente os alunos solicitavam que o registo do seu trabalho fosse efetuado pelo investigador para este realizar diretamente a publicação.

Muitos dos trabalhos desenvolvidos em aula eram concebidos através de modelos físicos compostos no momento e que foram fotografadas por telemóvel, servindo de suporte auxiliar de desenho a 2 dimensões e permitisse continuar o trabalho fora da sala de aula.

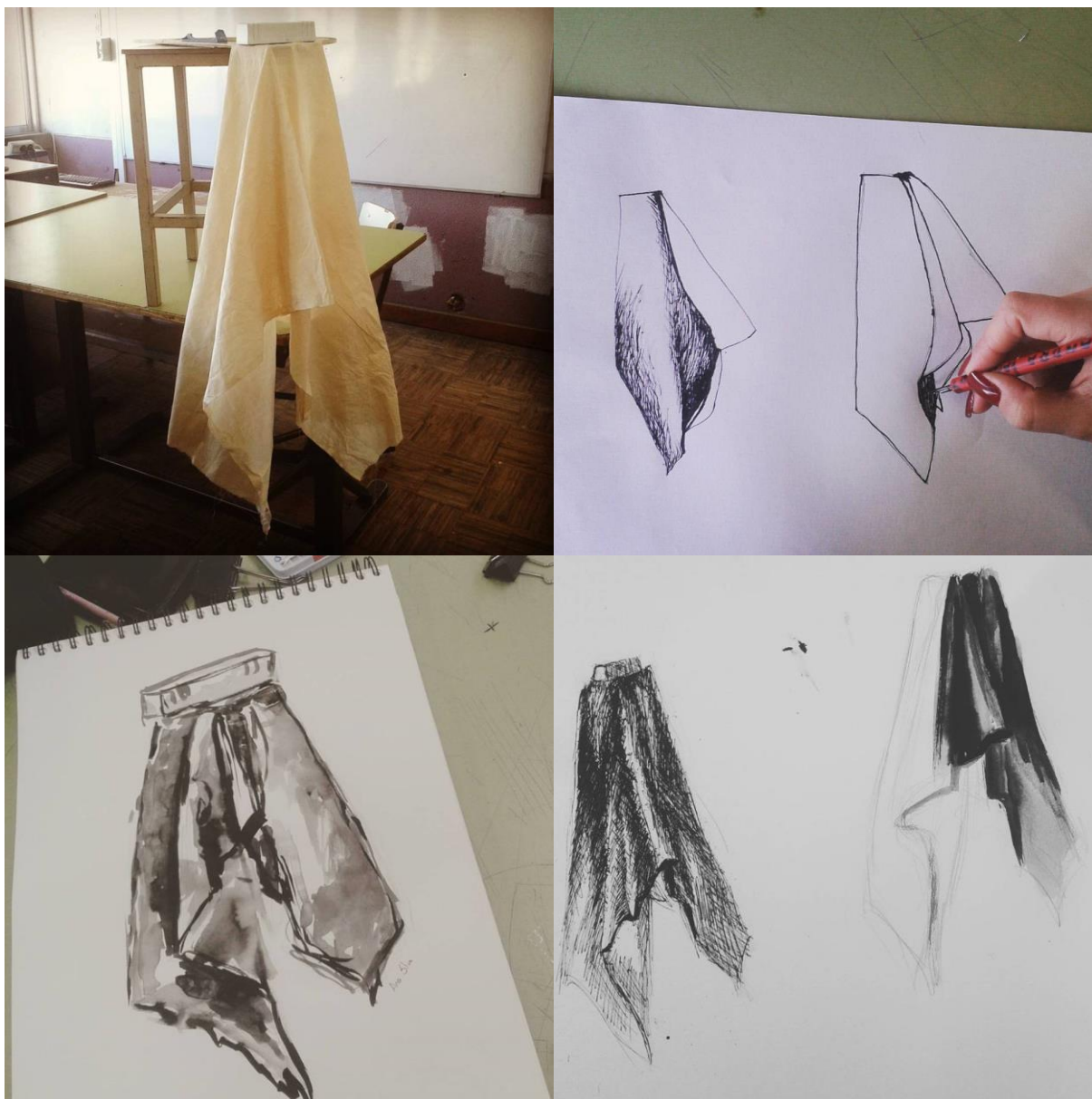


Imagem 6. Publicações do investigador de fotos de trabalhos desenvolvidos em aula pelos alunos.

A partilha dos trabalhos dos alunos queria-se instantânea, contudo esta foi realizada

A partilha dos trabalhos dos alunos queria-se instantânea, contudo esta foi realizada através do investigador na grande maioria das publicações como mostra a Imagem 6, Nas 206 publicações contabilizadas, apenas 17 (8%) são publicações de 14 alunos.

Quanto ao método de publicações do investigador e alunos, não houve qualquer regra, nem se concebeu documento de boas práticas para tal, mas à medida que o tempo passava foi notória a dificuldade dos alunos publicarem diretamente os seus trabalhos. Ao fim das primeiras semanas todos os elementos da amostra forneciam já as suas propostas no seu suporte original ao investigador, para que se conseguisse proceder ao registo fotográfico e depois à publicação. Salienta-se que quatro alunos enviaram trabalhos desenvolvidos na aula por chat para que o investigador procedesse à sua publicação.



Imagem 7. Mensagem com o registo de um aluno.

O motivo desta hesitação em publicar, respondida aquando da interrogação deve-se à timidez em tornar visível os seus trabalhos. No entanto, os alunos acompanhavam e reagiam às publicações com comentários e expressões figurativas, como é visível na Imagem 8, o incentivo do aluno id. 2 ao id.1 com o comentário “Orgulho do meu menino!!!” .



Imagem 8. Publicação do trabalho Figura Humana na rede social do Facebook.

Com as primeiras publicações no perfil de Facebook da ESE DESENHO e a publicação a não acontecer pelos alunos criou-se outro perfil no Instagram de cariz público, pois notava-se que grande parte dos alunos tinha bastante interesse nesta rede e tinham aí conta de utilizador, justificada pela grande publicação à base de imagens.

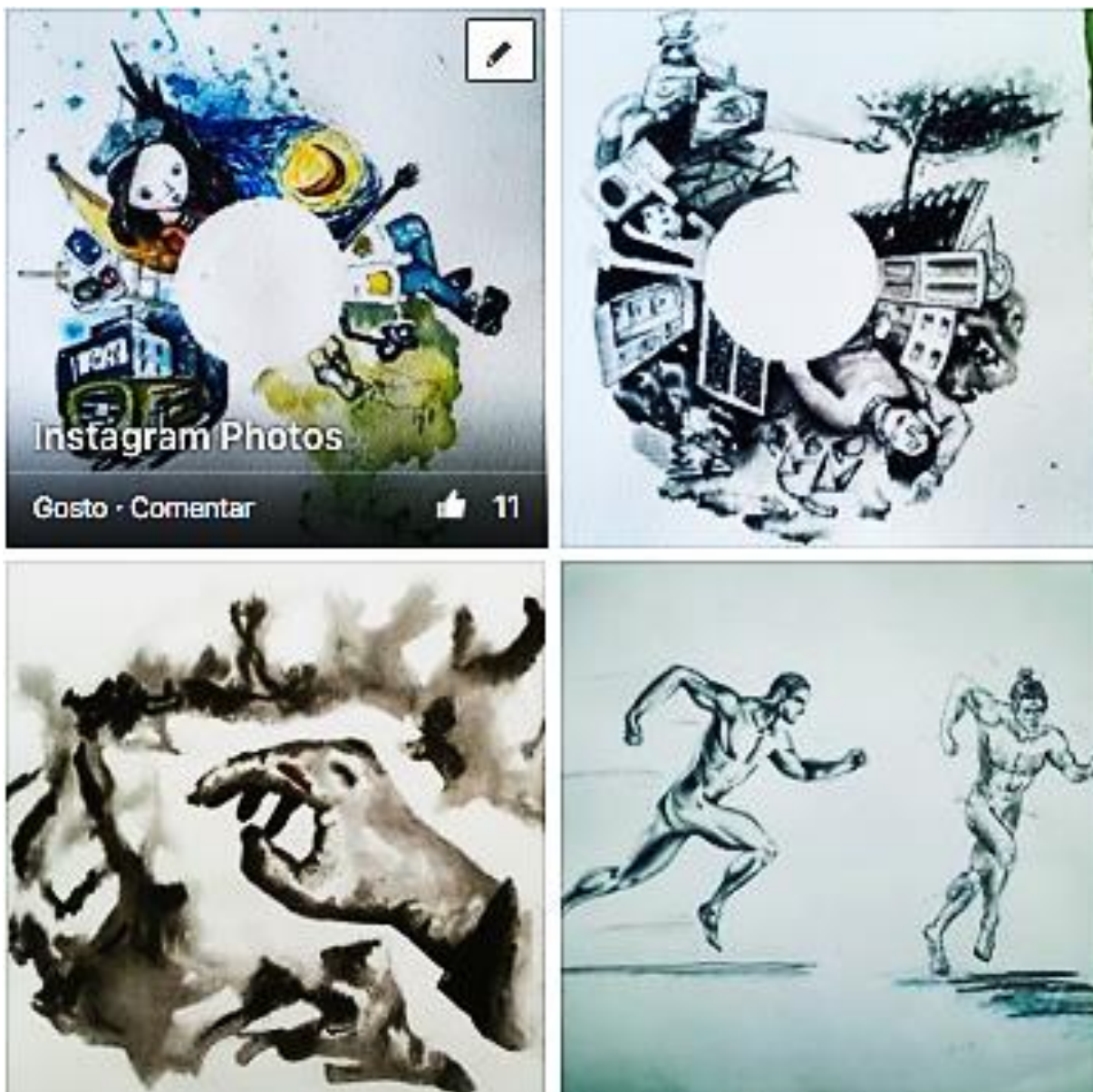


Imagem 9. Publicação de trabalhos da disciplina na rede social do Instagram.

A partir da criação dos dois perfis o processo de criação de conteúdos definiu-se por um objetivo claro de proporcionar a confluência de trabalhos em aula para o Instagram, uma comunidade mais ligada à publicação em imagem e no Facebook à partilha de conteúdos e republicação dos trabalhos em aula. Focou-se o projeto para a partilha de conteúdos que proporcionasse um assunto para a discussão na turma e fora da turma, bem como aumentar a qualidade dos trabalhos em conformidade com a atividade do docente titular da turma.

As atividades em sala de aula foram acompanhadas com conteúdos publicados no Facebook da disciplina que permitiram aos alunos estabelecerem novos contactos, e interpretações sobre os exemplos aí demonstrados. Exemplo disso reflete-se na Imagem 10 em que os trabalhos de alguns alunos assumem a base criativa a partir da leitura da obra da

artista Cinta Vidal, exposta na Imagem 5.

Estes alunos utilizaram o conteúdo fornecido na rede para estabelecerem a sua resposta à solicitação do professor e assim deram sentido às suas ideias perante um exemplo de um projeto artístico recente e que não se encontra em manuais escolares.



Imagem 10. Trabalhos de alunos desenvolvidos a partir da leitura da obra da artista Cinta Vidal.

Devido à natureza da rede social, a ação no Instagram foi a que teve uma maior participação e intervenção da comunidade de utilizadores, justificada pela abertura do perfil e o uso de palavras-chave, que perfez a obtenção de reações aos conteúdos publicados. Pela Imagem 11 consegue-se verificar as reações aos trabalhos dos alunos na comunidade.



Imagem 11. Reações no Instagram.

Em conformidade com a natureza das duas redes sociais, estas demonstram que as re-publicações não aconteciam pelos alunos e pela privacidade instituída no perfil de Facebook. Optou-se por identificar os alunos, autores dos trabalhos e observar-se que em algumas situações existe consentimento da partilha do registo no seu perfil pessoal pela identificação e a inexistência de partilha direta.

Quando inquiridos sobre o motivo para não existir a sua partilha direta, os alunos responderam não quererem ser eles a expor os seus trabalhos, que se esta ação não for realizada por outra pessoa, geralmente é aceite e permite dar conhecimento do trabalho à comunidade e ficar com o registo no seu mural. Nota-se também a preocupação de alguns alunos na criação de conteúdo que fosse do interesse dos seus seguidores, com a partilha no mural da ESE DESENHO de trabalhos exteriores às aulas, como ilustra a Imagem 12.

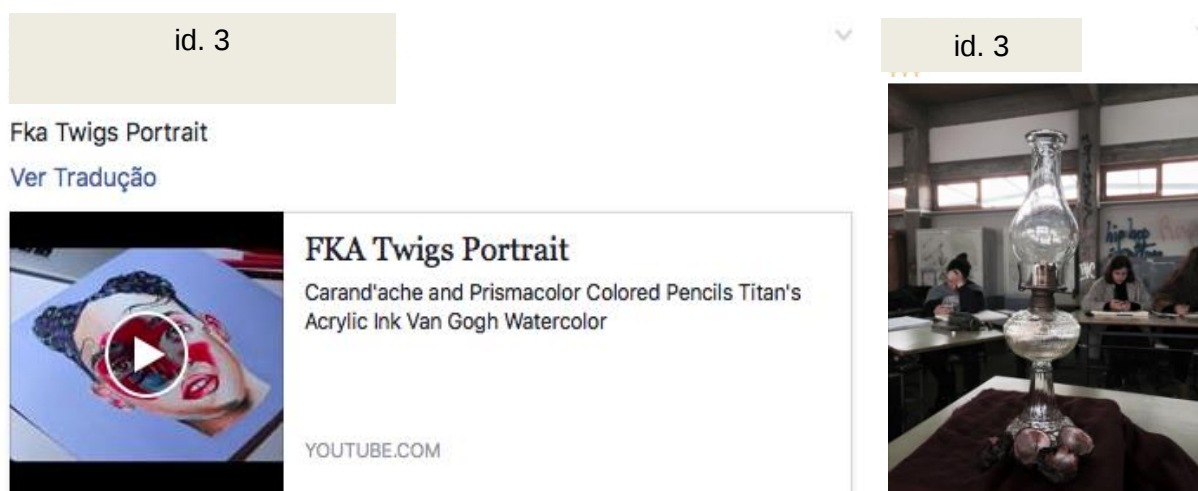


Imagem 12. Publicação de aluno no mural ESE DESENHO.

Quanto ao questionário aplicado no final do ano letivo, este foi estruturado por grupos de itens. Os seus dados foram obtidos por meio de questões e afirmações que remetem a opções de escolha positiva ou negativa, opiniões de frequência, de importância, de avaliação, numa tipologia de resposta aberta e resposta fechada com alternativa.

Assim, em conformidade com o questionário apresentado no apêndice II temos grupos de questões em que as respostas nos fornecem dados de caracterização da amostra, identificação da percepção dos hábitos, padrões de utilização e motivos para uso da internet, redes sociais, Facebook e Instagram, bem como dos perfis sociais da ESE DESENHO. Na Tabela 2 de forma simplificada apresentam-se os temas e as questões correspondentes ao questionário.

Tabela 2. Temas e questões do questionário aplicado aos participantes.

Temas	Questões
Caraterização da Amostra	1. 2. 3. 4.
Identificar a percepção dos hábitos, padrões de utilização e motivos para uso da internet	5. 6. 7. 8. 9. 10. 11.
Identificar a percepção dos hábitos, envolvimento, motivações e utilização da rede social do Facebook.	12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24.
Identificar a percepção dos hábitos, envolvimento, motivações e utilização da rede social do Instagram.	25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36.
Identificar a percepção dos hábitos, envolvimento, motivação e utilização das redes sociais.	37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52.

2.3. Resultados do Questionário

A partir do questionário observou-se que os padrões de utilização de internet, no Gráfico 3 tornam evidente que todos os elementos da amostra possuem computador pessoal com internet em casa, bem como todos eles possuem telemóvel com acesso à internet, à exceção de dois alunos do 12º Ano.

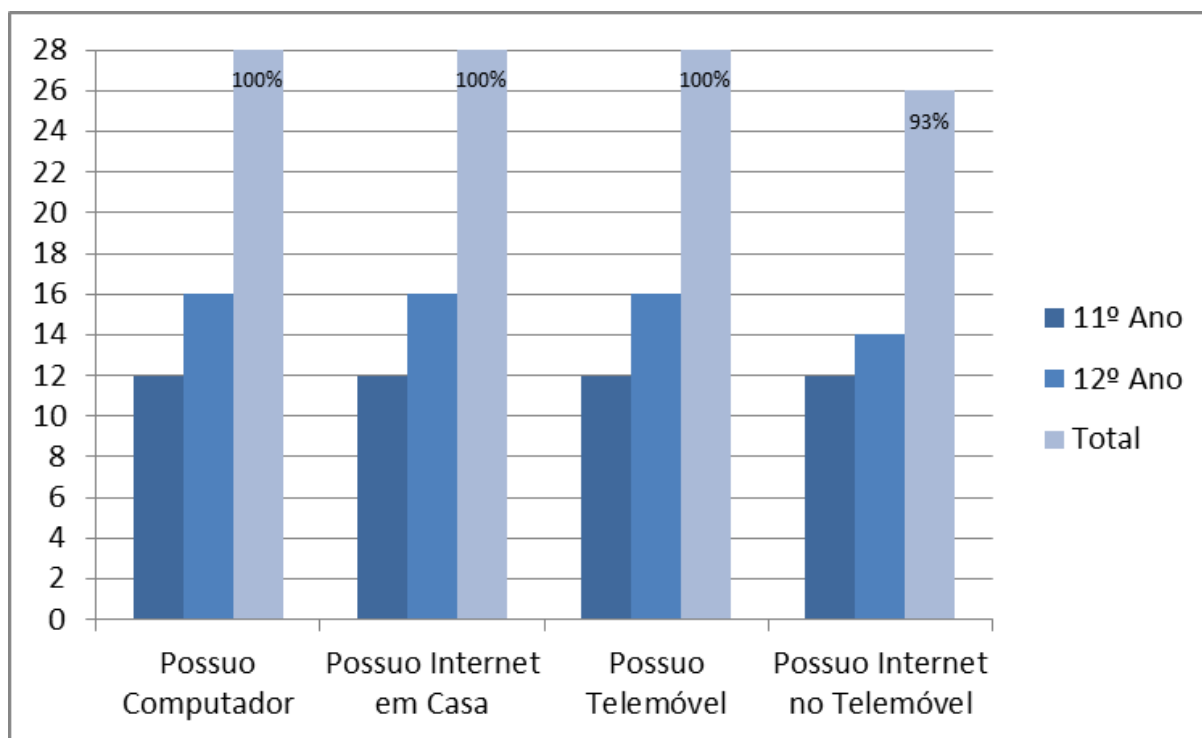


Gráfico 3. Gráfico dos alunos que possuem computador, telemóvel, internet em casa e no telemóvel.

O acesso à internet em casa e por computador é realizado por 96% da amostra, revelando a ausência de resposta por parte de um aluno do 11º ano. Efetuam um acesso à internet mais de quatro vezes por dia 43% (12) dos inquiridos, 14% (4) acedem três vezes, 7% (2) ligam-se à internet por duas vezes diárias e 32% (9) só se ligam uma vez. Nenhum elemento da amostra efetua ligação à internet quatro vezes por dia em conformidade com o Gráfico 4.

A frequência diária de acesso à internet por telemóvel é demonstrado pelo Gráfico 5, evidenciando que 7% (2) não responderam à questão, 4% (1) ligam-se duas vezes por dia, 11% (3) utilizam a internet quatro vezes por dia e 79% (22) conetam-se diariamente mais de quatro vezes.

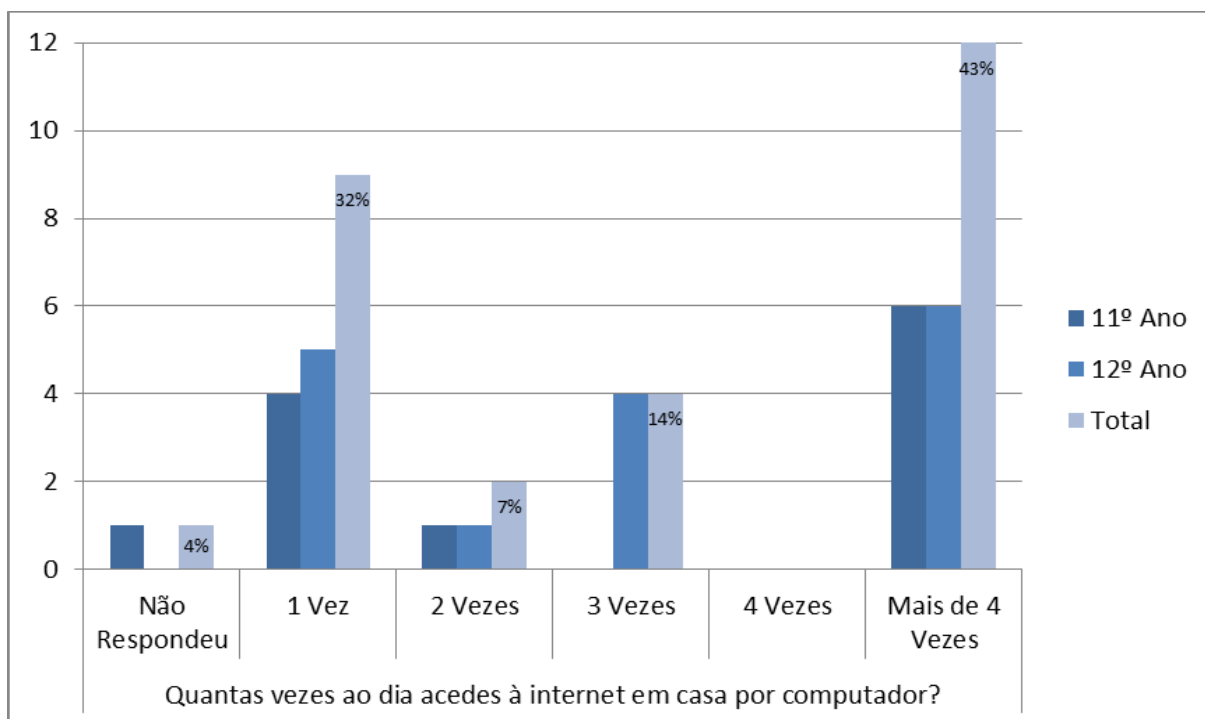


Gráfico 4. Gráfico da frequência com que os alunos acedem à internet em casa por computador.

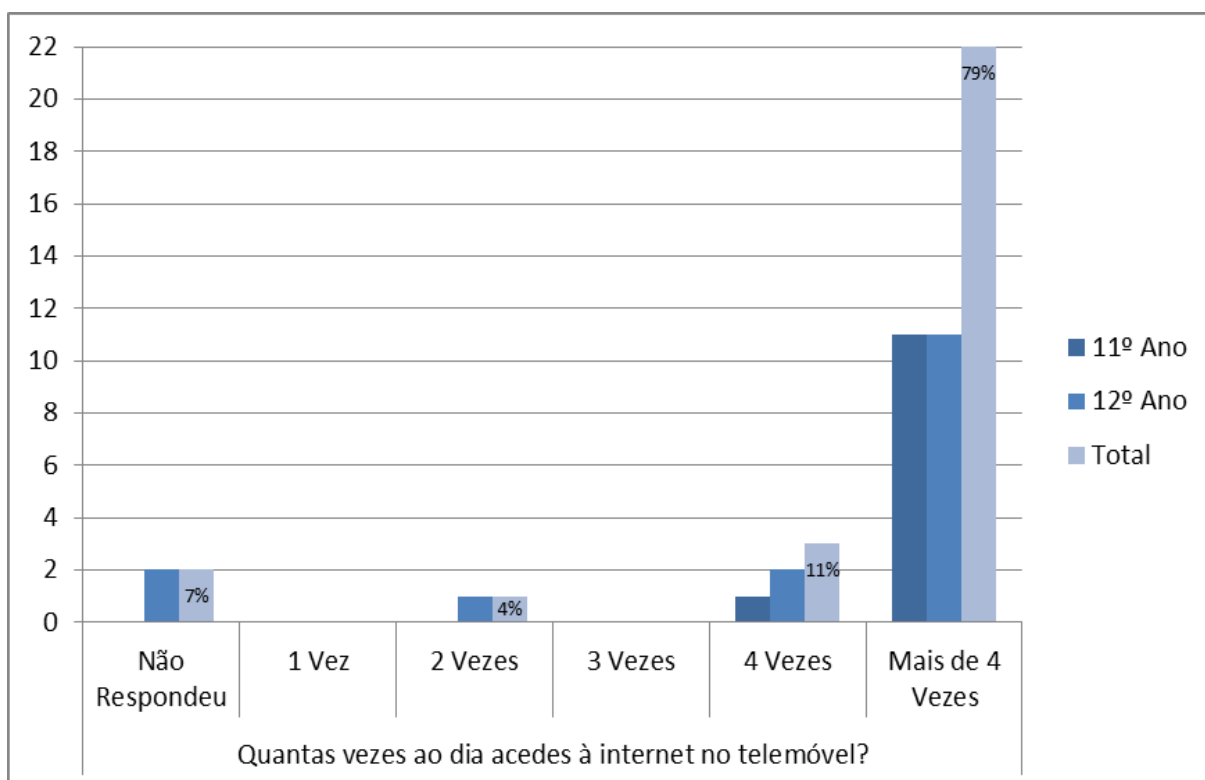


Gráfico 5. Gráfico da frequência com que os alunos acedem à internet por telemóvel.

Nas conexões à internet o seu uso caracteriza-se por 15 respostas na procura de informações e visualização de filmes, 18 resposta para jogos online, 21 respostas para uso de chat, 23 alunos usam-na para ouvir música e 24 alunos utilizam a web para aceder a redes sociais e YouTube.

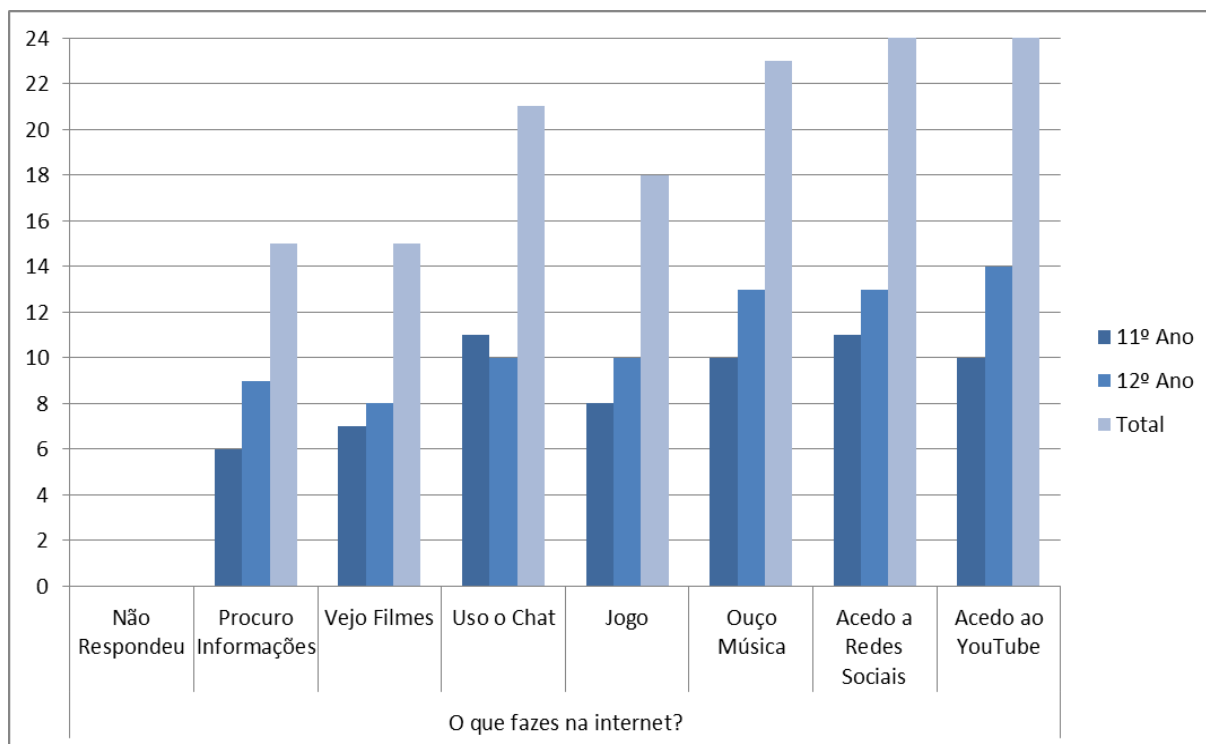


Gráfico 6. Gráfico do que os alunos fazem na internet.

Nos padrões de utilização de redes sociais do Facebook e do Instagram, o Gráfico 7 permite observar que 82% (23) dos inquiridos possuem conta de Facebook e 18% (5) não fazem parte da comunidade desta rede social. Os utilizadores de conta no Instagram situam-se nos 79% (22), havendo 28% (6) de não utilizadores.

Os utilizadores que possuem conta de Facebook e de Instagram são 68% (19) da amostra, não tendo conta simultânea 32% (9) dos alunos.

O uso destas redes sociais é efetuado pela maioria no telemóvel através da versão (app) móvel. Apresenta-se com iguais valores de uso da versão móvel e de acesso de conta no Instagram com 79% (22) e 75% (21) para o Facebook. Pode-se verificar também pelo Gráfico 10 que 7% (2) dos alunos acede à sua conta de Facebook via web. Além do acesso pelo telemóvel há 15 alunos que também usam o computador para aceder ao Facebook e 3 ao Instagram.

Referente ao uso da versão móvel no telemóvel das redes sociais, apenas 18% (5) não responderam se usam esse dispositivo para aceder ao Facebook e 21% (6) ao Instagram.

Pela observação nos dados de que o elemento “Não Respondeu” tem uma predominância de uma percentagem de 18% (5) referentes à rede social do Facebook e 21% (6) no Instagram, constata-se que estes valores são os correspondentes aos alunos que não têm contas nestas redes sociais e qualquer variação será enunciada.

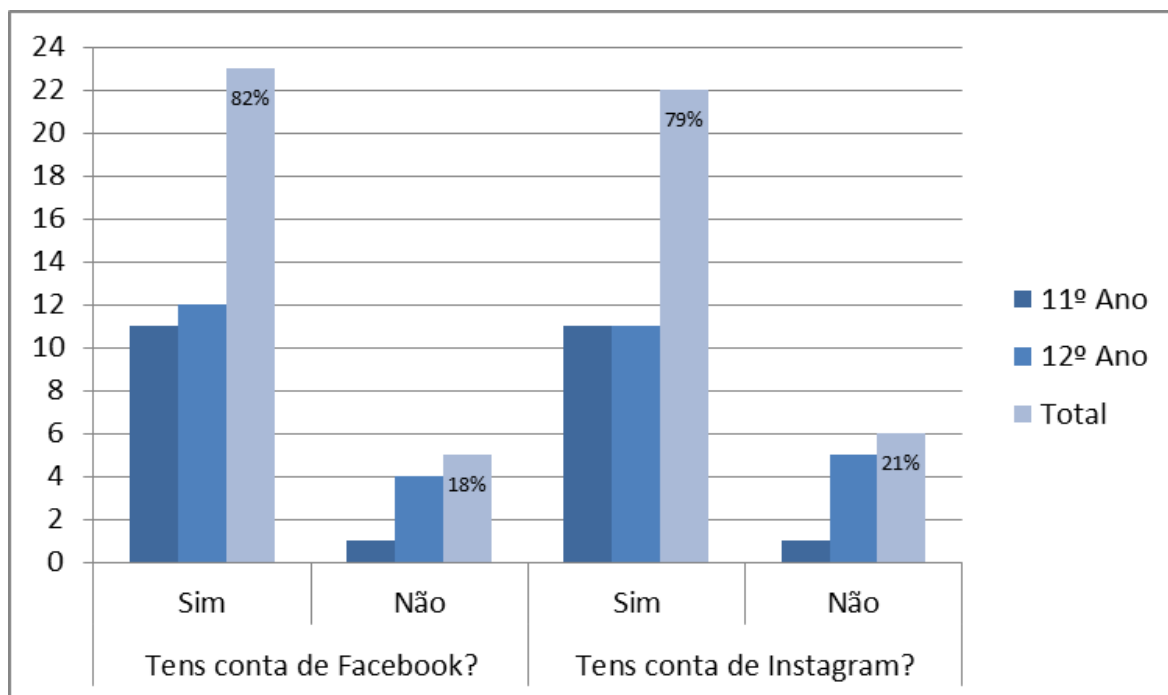


Gráfico 7. Gráfico de uso de conta das redes sociais do Facebook e do Instagram.

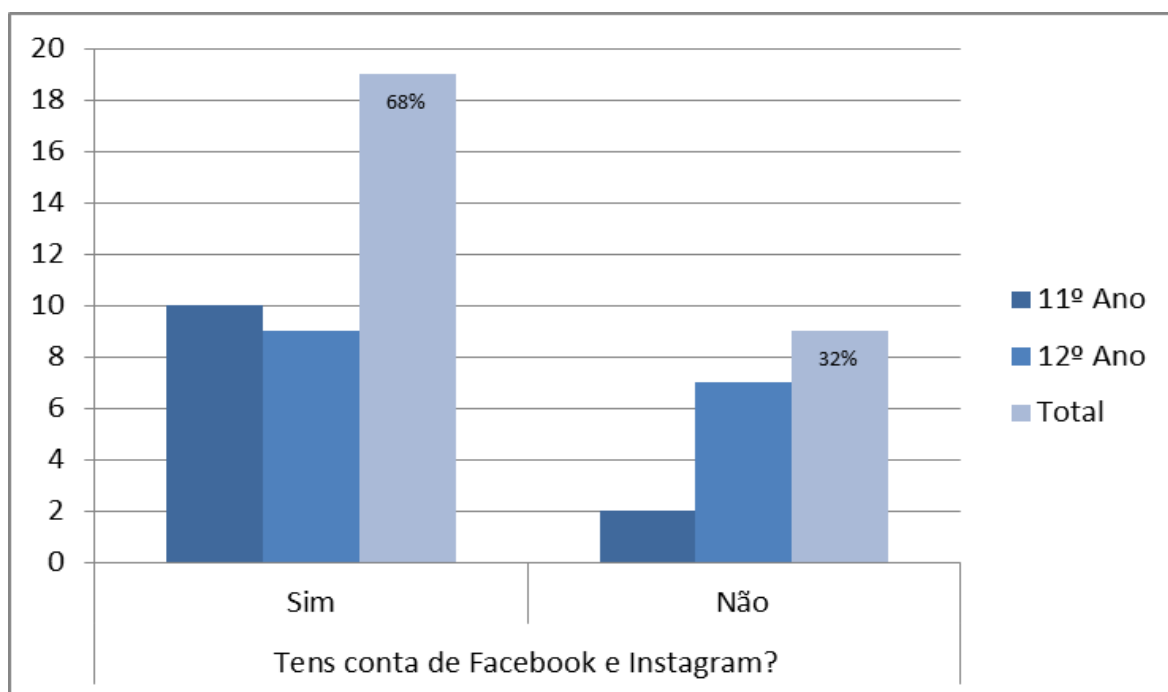


Gráfico 8. Gráfico de uso de contas simultâneas de Facebook e do Instagram.

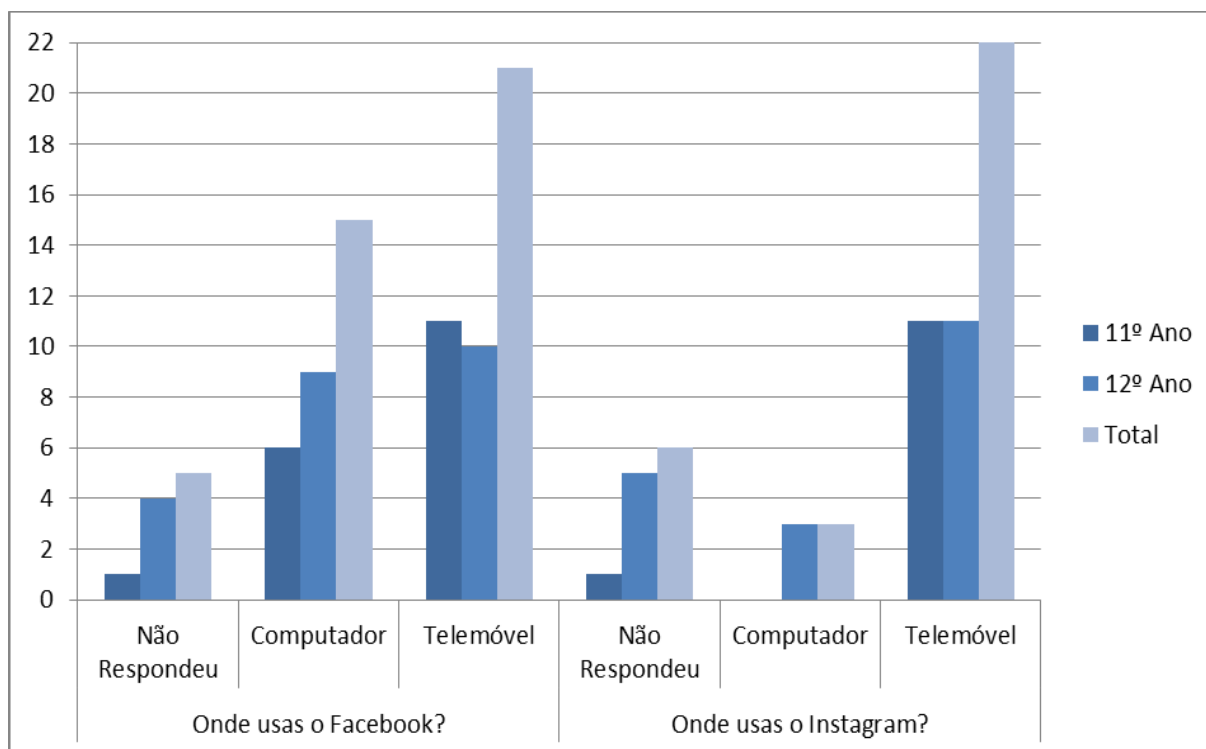


Gráfico 9. Gráfico do lugar de uso das redes sociais do Facebook e do Instagram.

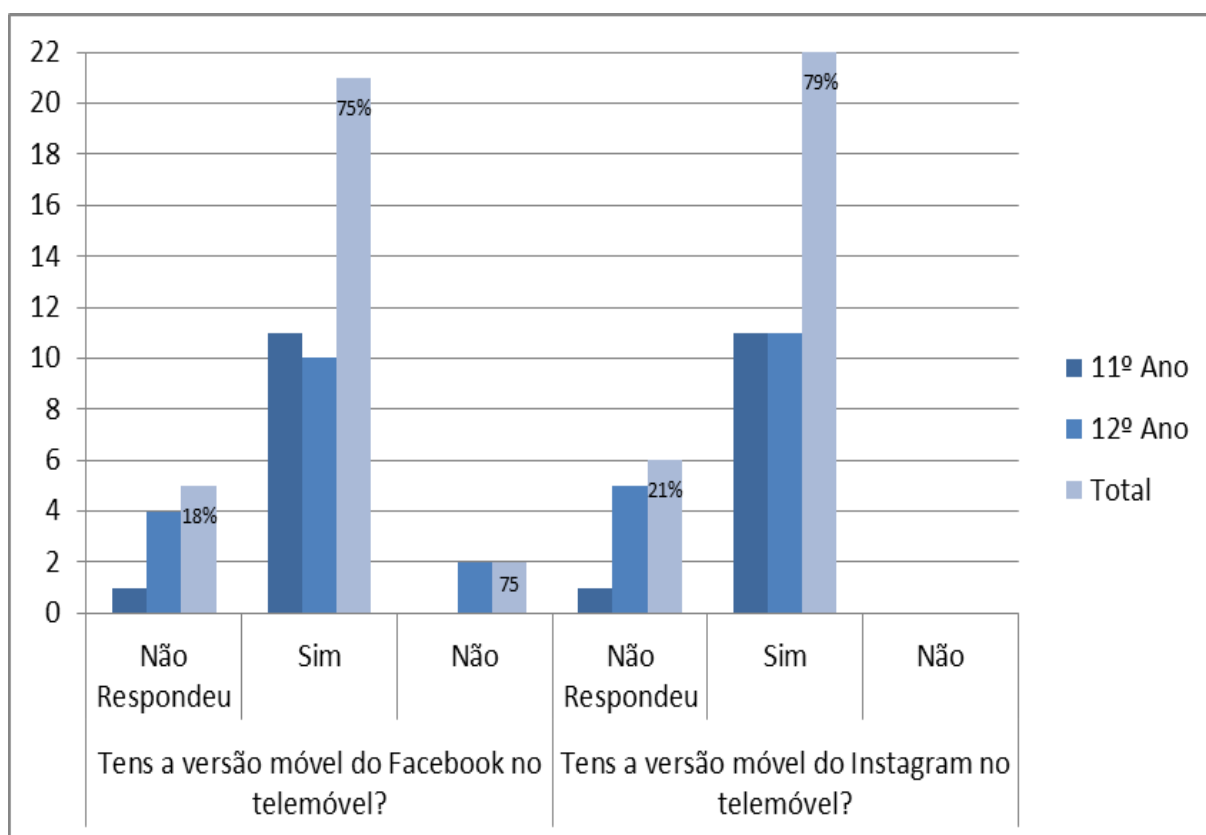


Gráfico 10. Gráfico referente ao uso no telemóvel da versão móvel do Facebook e do Instagram.

O Gráfico 11 coloca em evidência que 75% (21) alunos possuem conta de Facebook há mais de três anos e 7% (2) há três anos. Quanto ao Instagram verifica-se que apenas 7% (2) tem conta há mais de três anos, 29% (8) há três anos, 18% (4) há dois anos e 11% (3) há um ano.

Constata-se que a grande maioria dos estudantes tem conta de Facebook há mais de três anos, ao invés do Instagram em que as suas percentagens se encontram distribuídas com um crescimento gradual até ao valor máximo nos três anos.

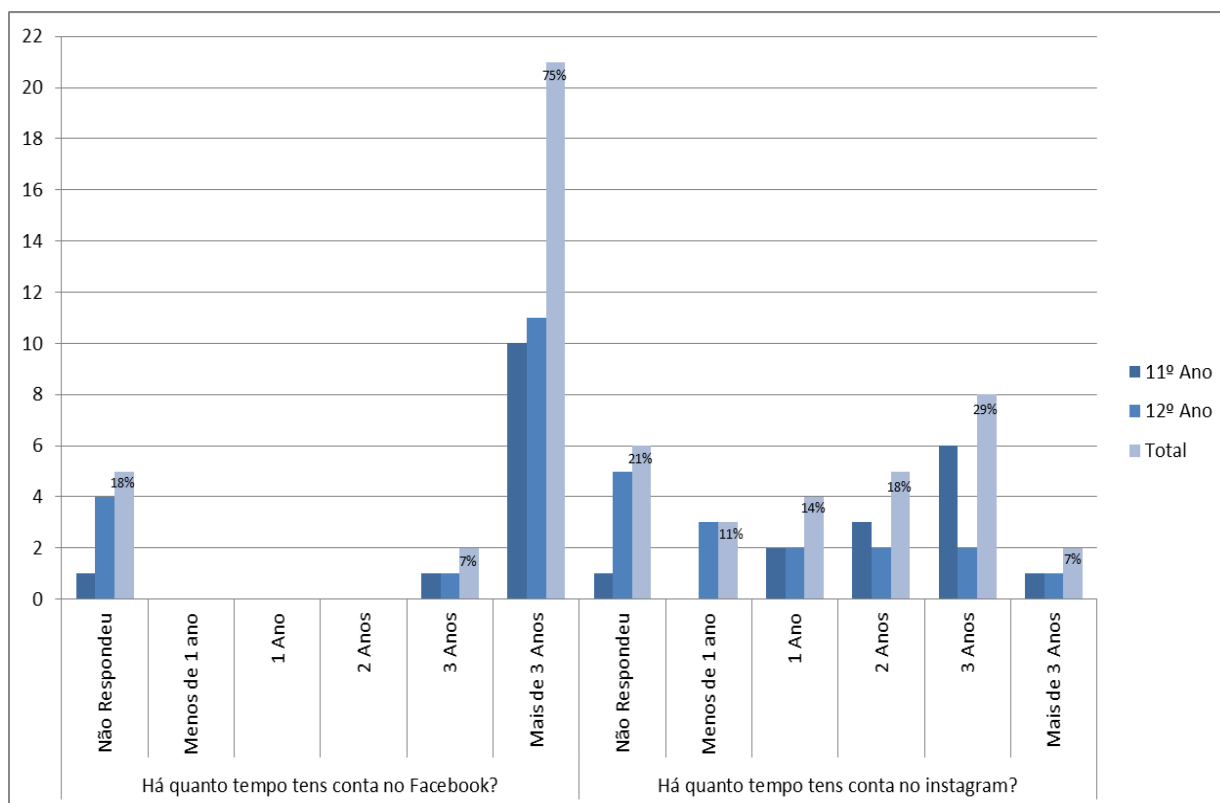


Gráfico 11. Gráfico de há quanto tempo os alunos têm conta nas redes sociais do Facebook e do Instagram.

Retratado no Gráfico 12 a percentagem de acesso diário ao Facebook evidencia que 18% (5) dos estudantes não responderam, 32% (9) dizem que acedem mais de quatro vezes, seguido de uma percentagem de 11% (3) para um acesso de quatro vezes por dia, três vezes com um valor de 18% (5) e 11% (3) em duas e uma vez ao dia.

Nas ligações com a rede Instagram, com um acesso a mais de quatro vezes por dia a percentagem é de 46% (13), quatro vezes com 21% (6), três vezes com 4% (1) e uma vez com 7% (2).

Observa-se que o acesso diário ao Facebook é menos frequente que o Instagram, o que constitui um indicador da pregnância e o aumento desta rede pelos jovens.

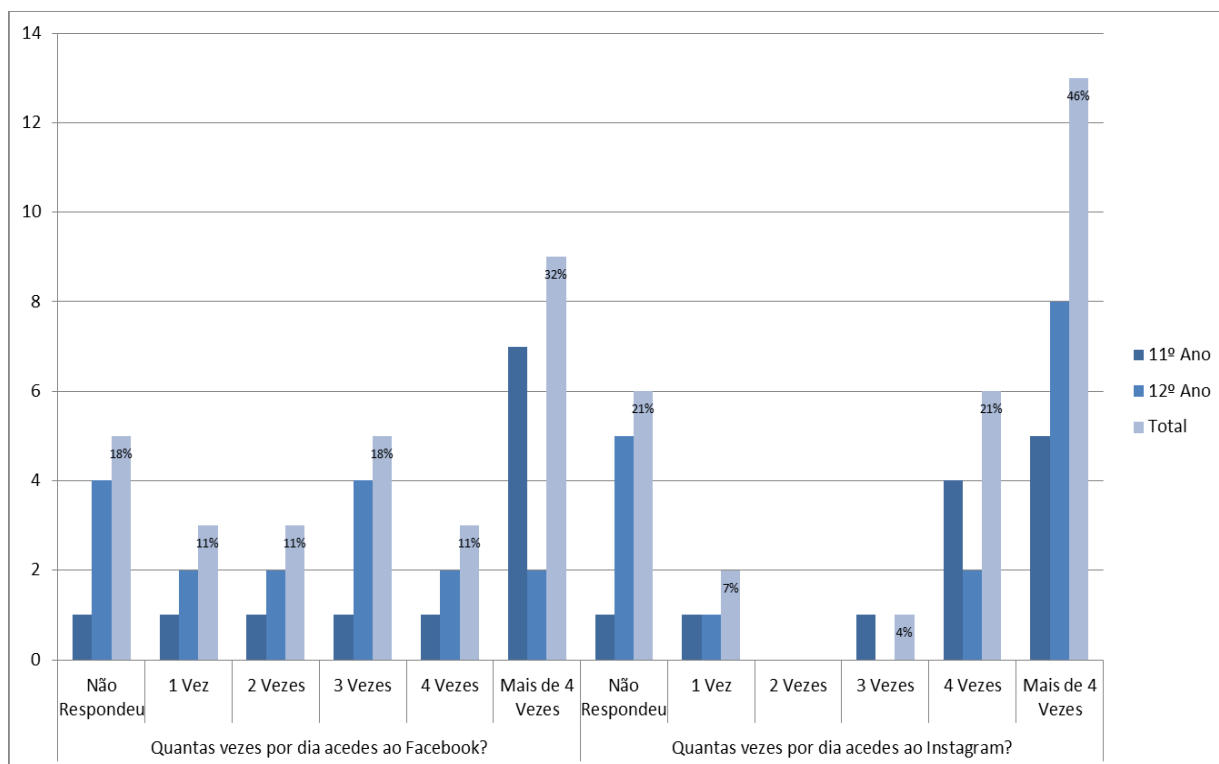


Gráfico 12. Gráfico da frequência diária de acesso às redes sociais do Facebook e do Instagram.

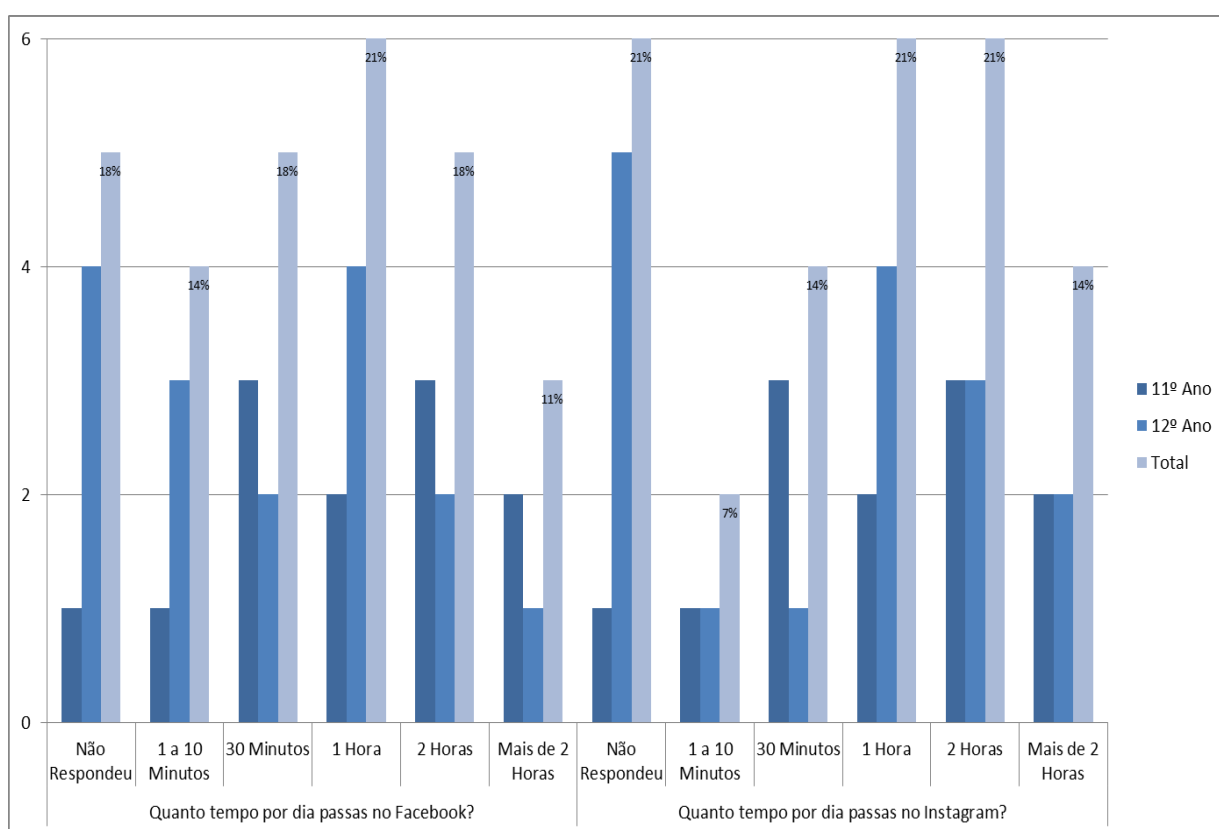


Gráfico 13. Gráfico da frequência de tempo passado por dia nas redes sociais do Facebook e do Instagram.

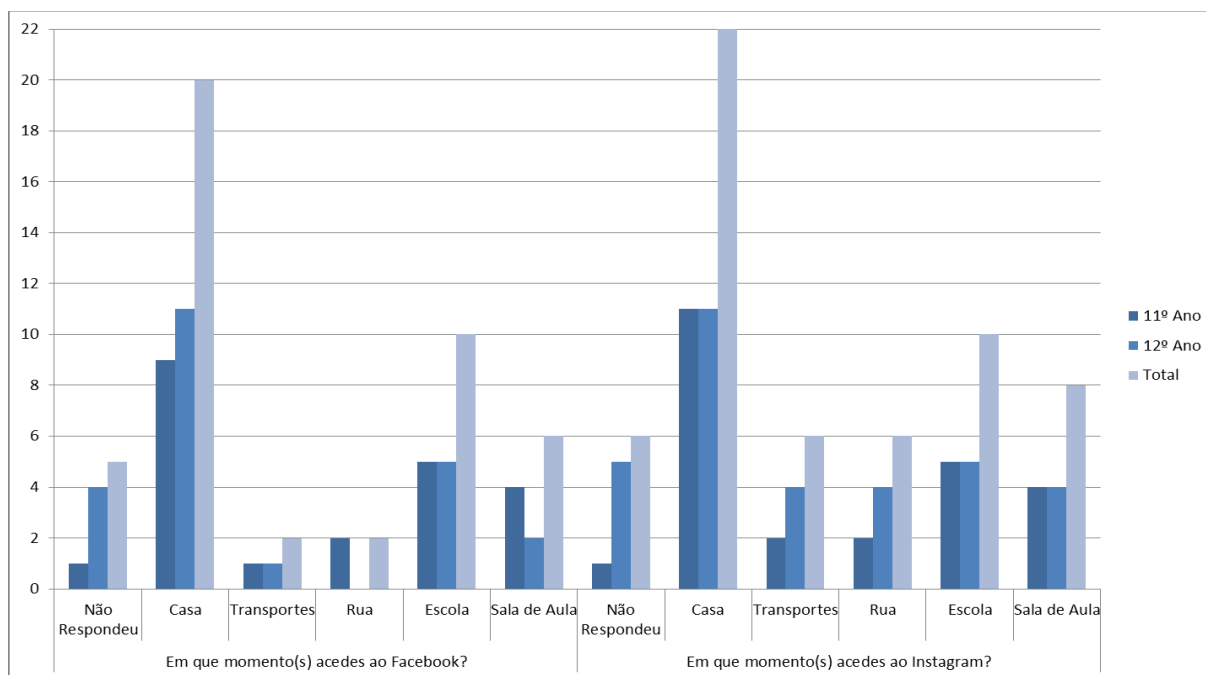


Gráfico 14. Gráfico do lugar de acesso às redes sociais do Facebook e do Instagram.

O lugar de acesso às redes sociais revela um desenho igual e com valores próximos, havendo claramente um acesso maior em casa com vinte pessoas a acederem ao Facebook e vinte e duas no Instagram. O espaço da escola apresenta um valor igual nas duas redes sociais com dez pessoas, seguido de ligações efetuadas em sala de aula com seis pessoas no Facebook e oito no Instagram. Segue-se depois os acessos nos transportes e na rua com duas pessoas cada a ligarem-se nestes locais pelo Facebook e 6 pessoas por meio do Instagram.

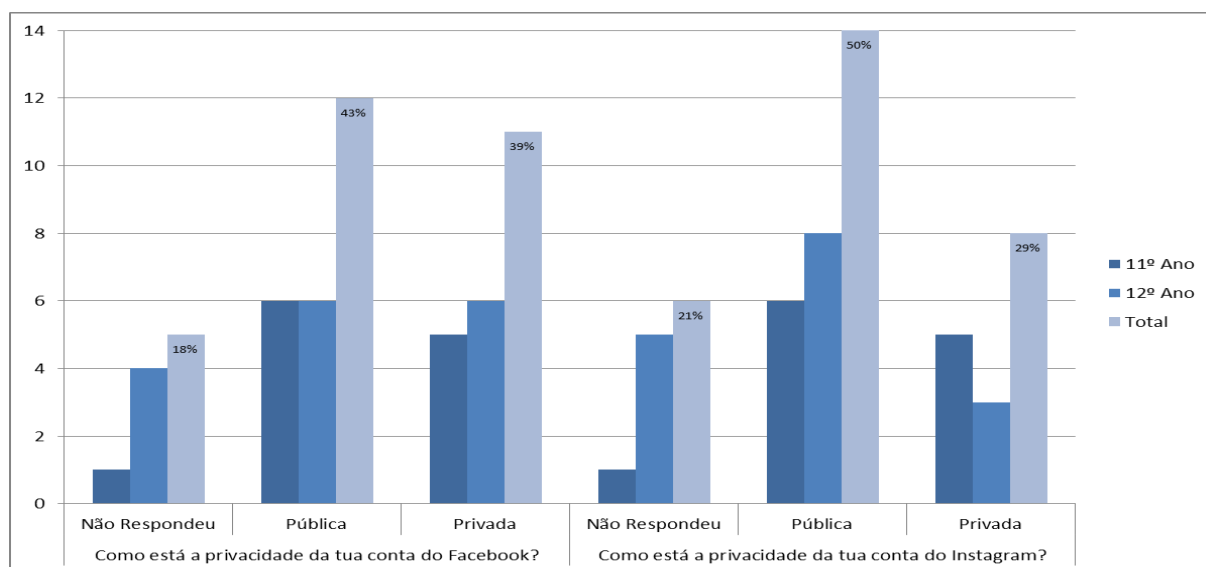


Gráfico 15. Gráfico de estado de privacidade da conta nas redes sociais do Facebook e do Instagram.

No que concerne à privacidade das contas, 43% (13) dos estudantes responderam que o seu conteúdo no Facebook é público e 39% (11) que é privado.

O Instagram mantém o mesmo padrão, mas com valores mais acentuados, sendo 50% (14) das contas de acesso público e 29% (8) privadas.

As publicações de Facebook são 18% (5) realizadas sem qualquer restrição, encontrando-se os seus conteúdos públicos, 50% (14) das publicações são para todos os amigos, 7% (2) para alguns amigos e também grupos restritos.

Quanto à frequência de publicações semanais 50% (14) realiza uma publicação, 14% (4) duas publicações, 7% (2) três, 4% (1) cinco e 7% (2) mais de sete publicações.

As partilhas das duas redes sociais são realizadas em grande parte com visibilidade para os amigos/seguidores e/ou tornadas públicas, o que nos permite enunciar segundo Gross e Acquisti (2005) que as quantidades de informações disponibilizadas, a forma como expõem os seus dados aos utilizadores podem colocar em risco muita da sua privacidade num modo desligado e em modo ligado à sua própria identidade.

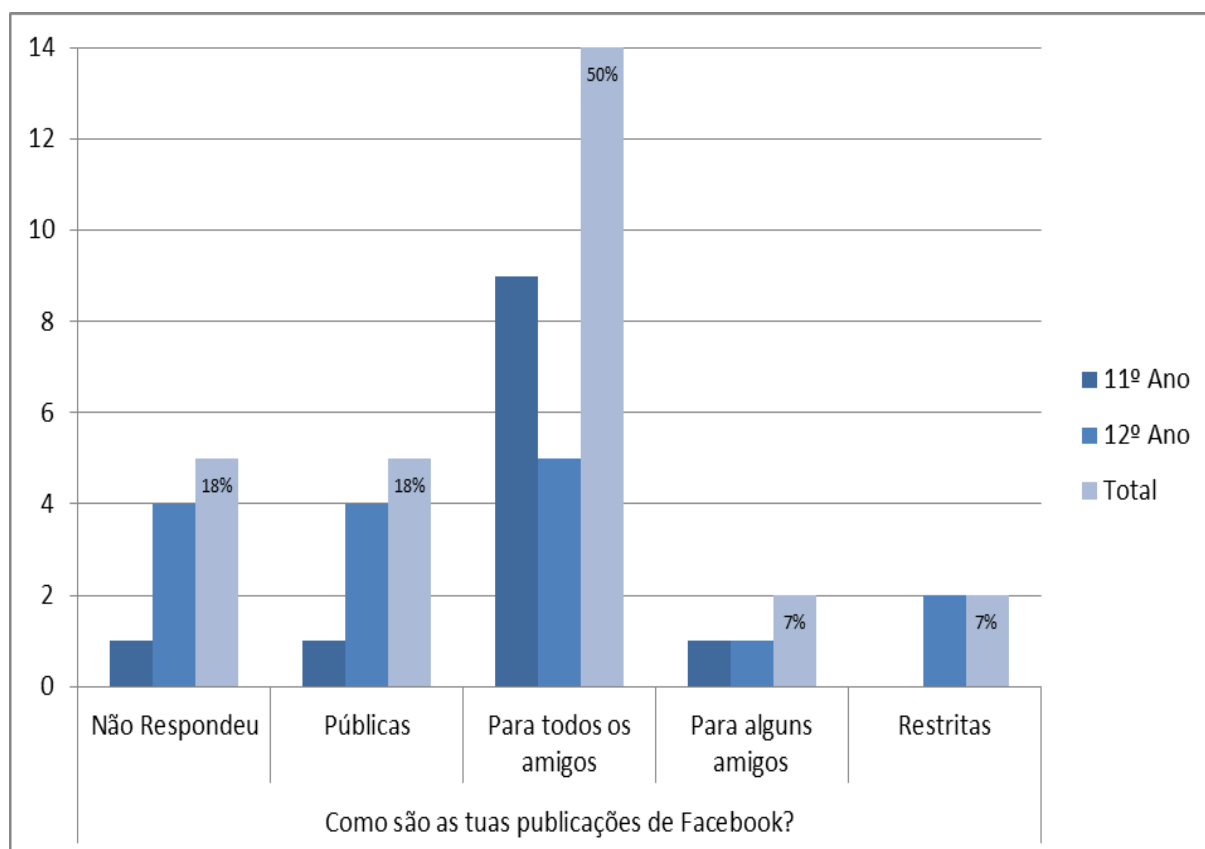


Gráfico 16. Gráfico do tipo de restrições nas publicações que são feitas na rede social do Facebook.

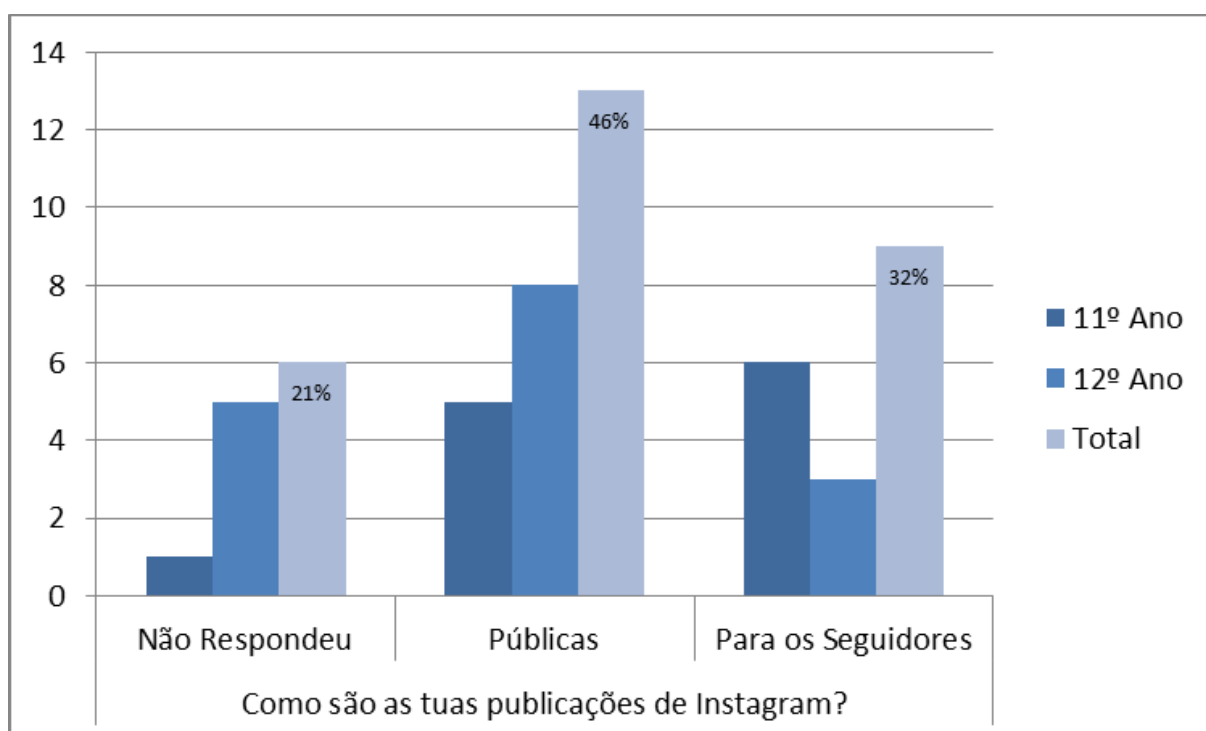


Gráfico 17. Gráfico do tipo de restrições nas publicações que são feitas na rede social do Instagram.

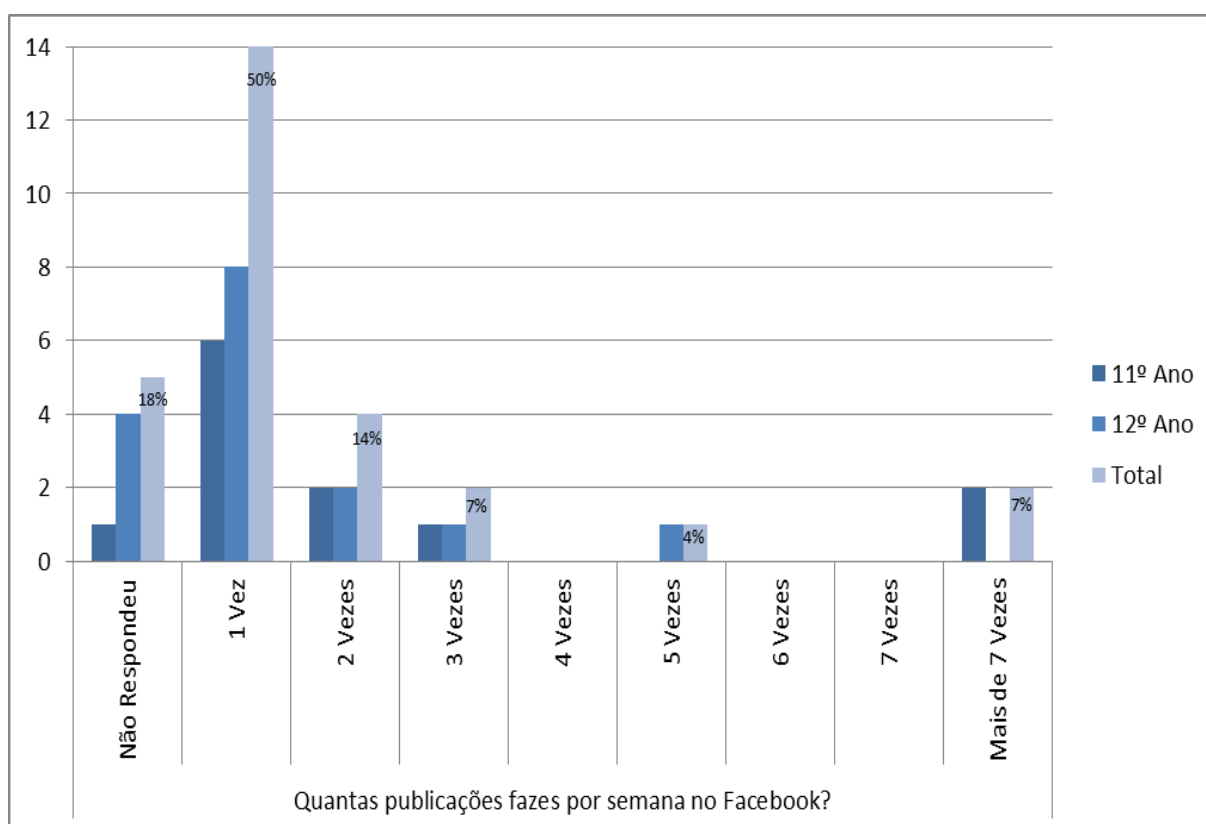


Gráfico 18. Gráfico do número de publicações semanais que são feitas na rede social do Facebook.

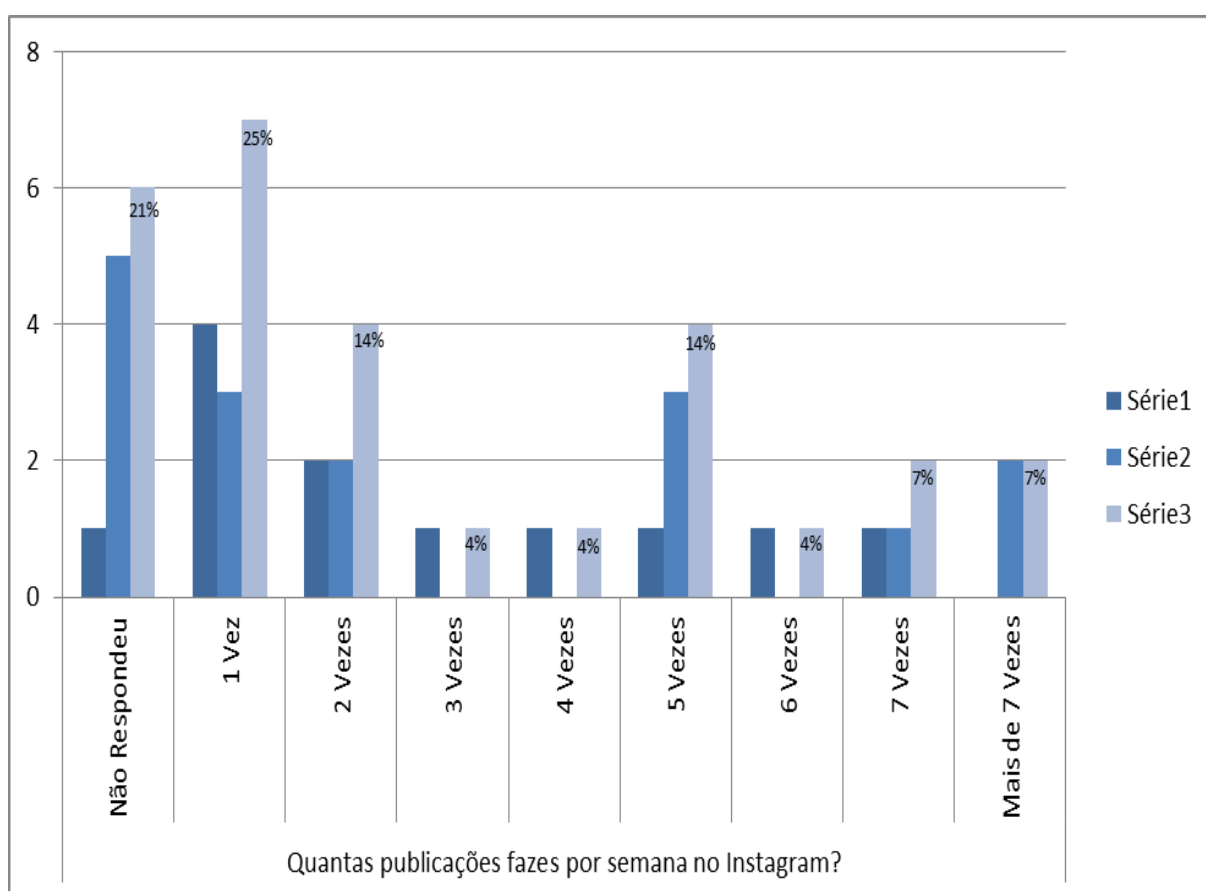


Gráfico 19. Gráfico do número de publicações semanais que são feitas na rede social do Instagram.

Ao nível das amizades no Facebook 11% (3) dos estudantes têm entre um e cem amigos, 18% (5) entre cento e um e dois mil, 11% (3) dos inquiridos possuem entre dois mil e um e três mil amigos e 7% (2) têm mais de três mil amigos.

Na opção de seguidores 68% (19) dos estudantes não responderam, contudo 21% (6) têm até cem, 7% possuem entre cento e um e quinhentos e 4% (1) entre quinhentos e um e mil.

O sistema de seguidores tem mais adesão no Instagram que no Facebook, possuindo 11% (3) dos alunos até cem seguidores, 21% (6) entre cento e um e quinhentos seguidores e também entre mil e um e dois mil seguidores.

No valor entre os quinhentos e um e mil seguidores responderam 14% (4) da amostra, 7% (2) possui entre dois mil e um e três mil seguidores e 4% (1) tem mais de três mil seguidores.

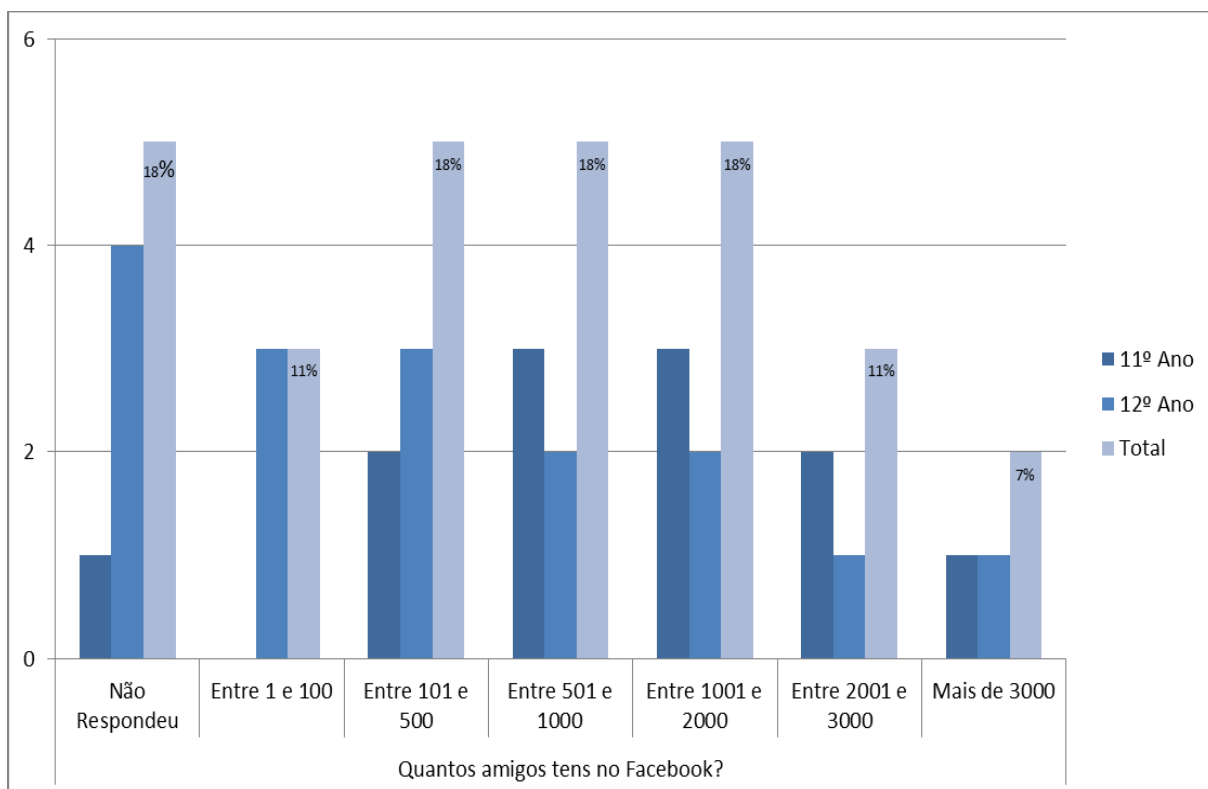


Gráfico 20. Gráfico de quantos amigos possuem na rede social do Facebook.

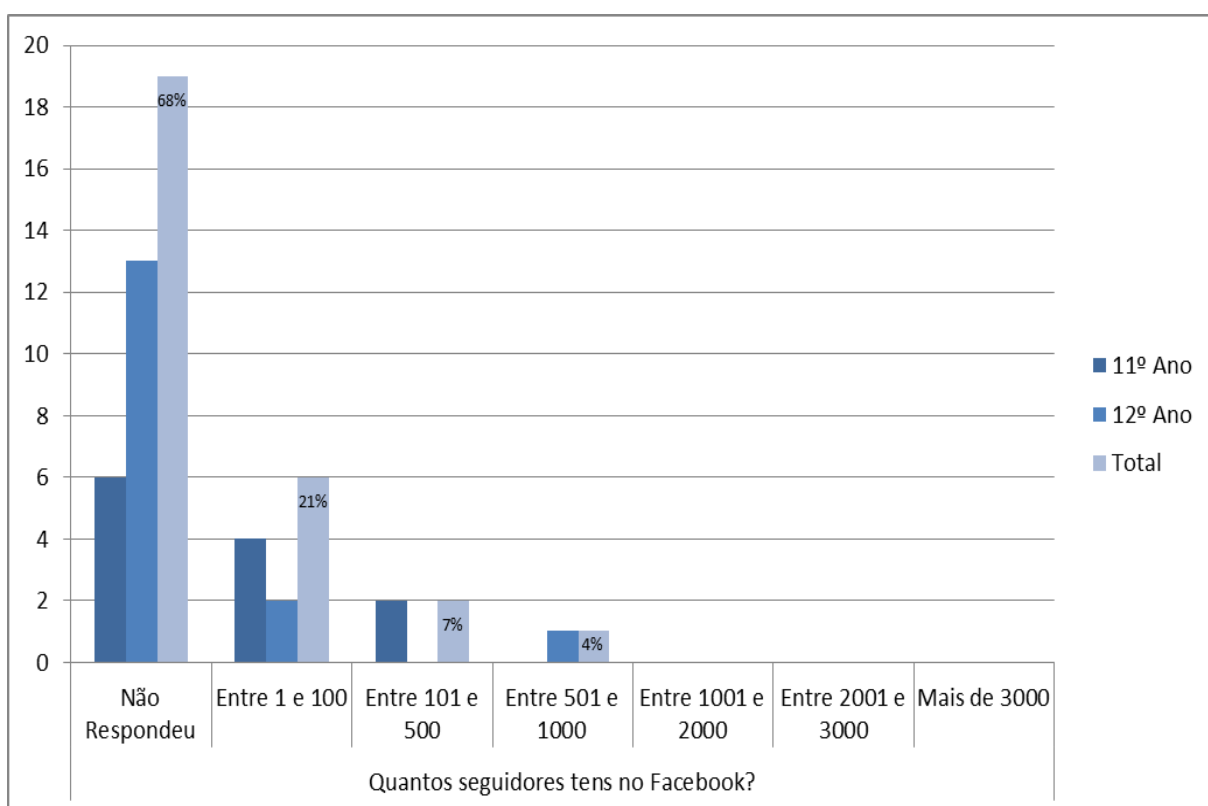


Gráfico 21. Gráfico de quantos seguidores possuem na rede social do Facebook

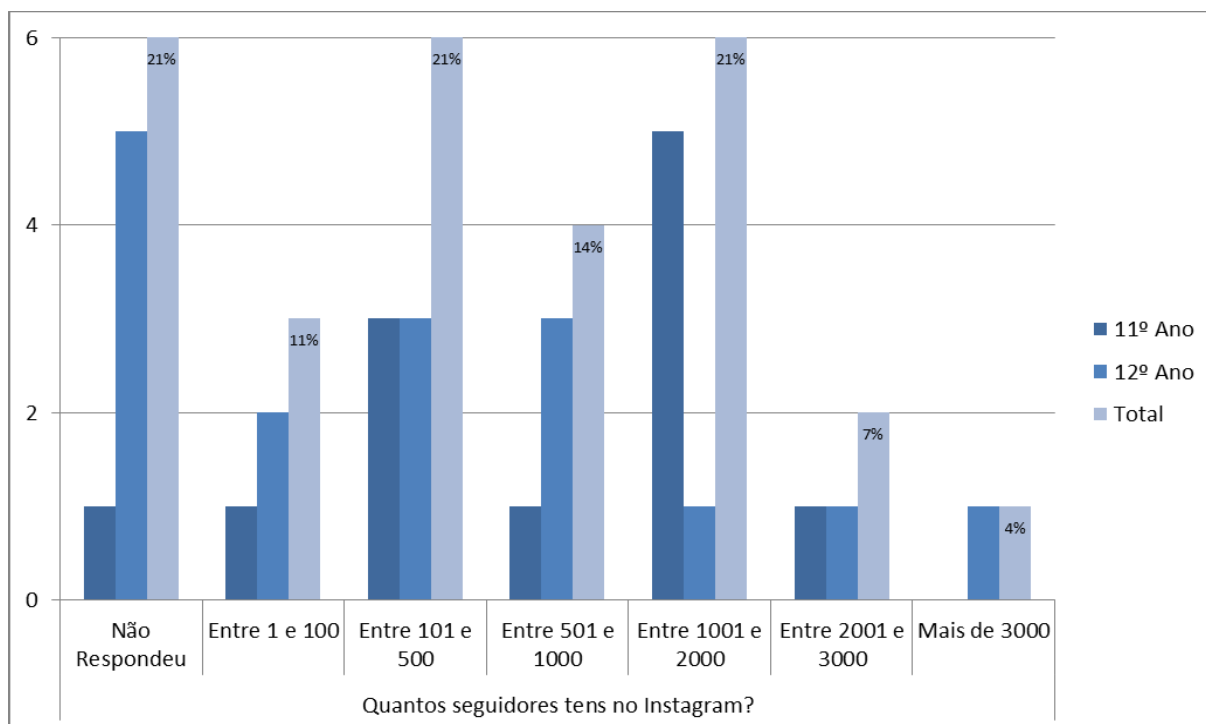


Gráfico 22. Gráfico de quantos seguidores possuem na rede social do Instagram.

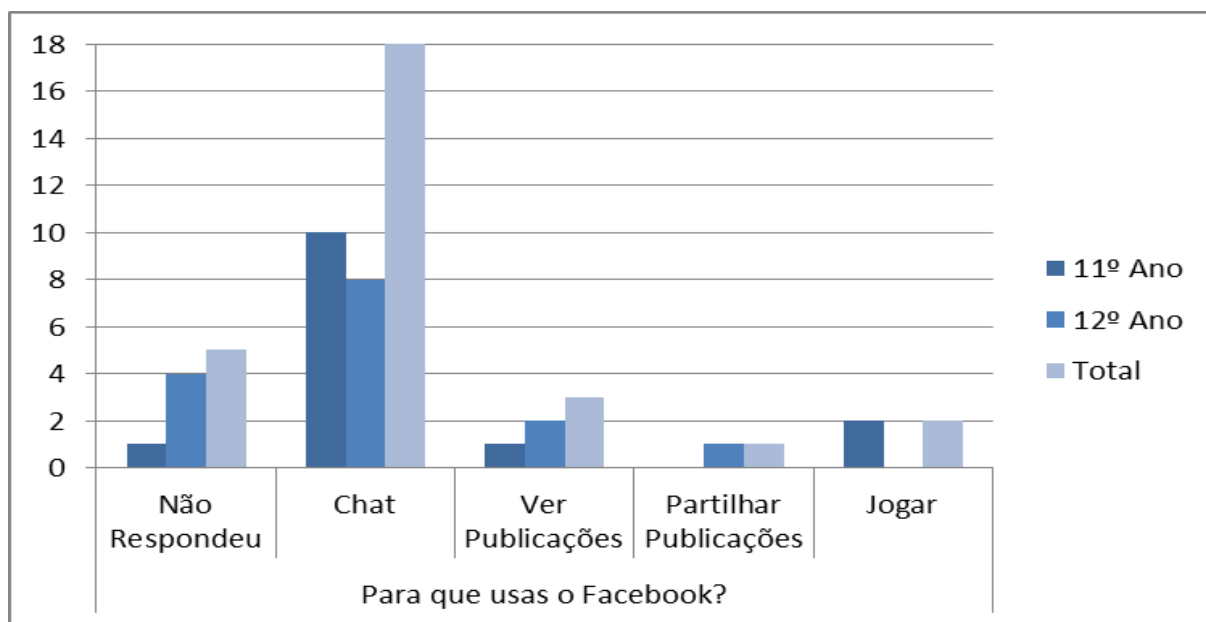


Gráfico 23. Gráfico do uso dado à rede social do Facebook.

A utilização do Facebook é maioritária para conversação no chat com dezoito respostas, três estudantes utilizam-na para ver publicações, dois para jogar e um para partilhar publicações. No Instagram quinze pessoas usam a rede social para visualizar as publicações, treze para ver imagens, dois alunos utilizam-na para chat e um deles como fonte de rendimento monetário.

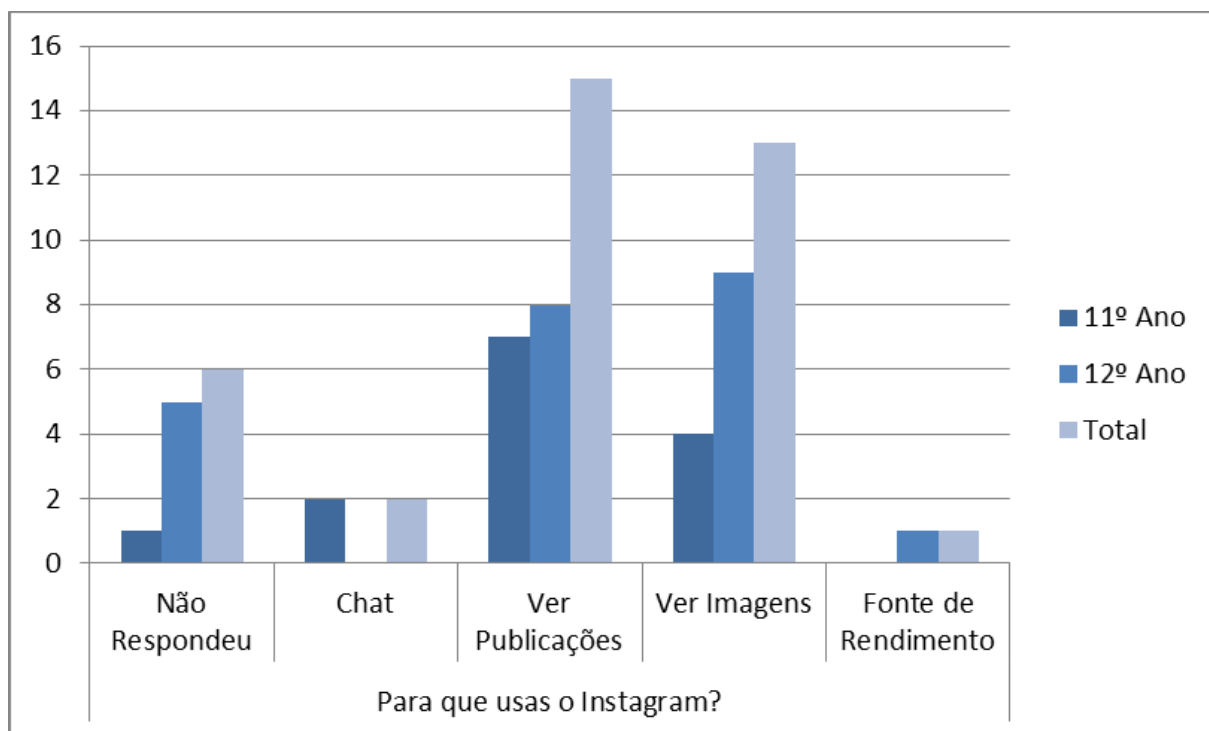


Gráfico 24. Gráfico do uso dado à rede social do Instagram.

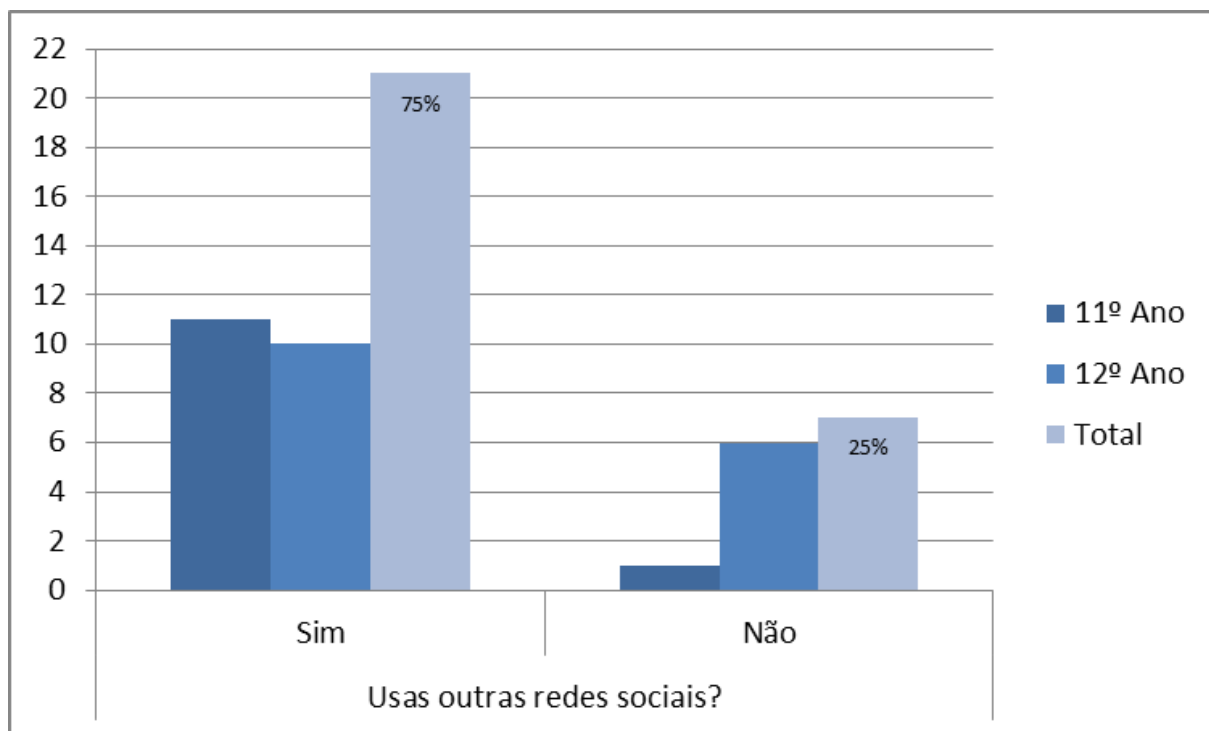


Gráfico 25. Gráfico do uso de outras redes sociais.

No uso de outras redes sociais, 75% (21) disse que usava outras redes sociais, destacando-se 57% (16) o Twitter e 18% (5) o Tumblr. Validado pela igualdade de respostas, 25% (7) da amostra não respondeu às duas questões.

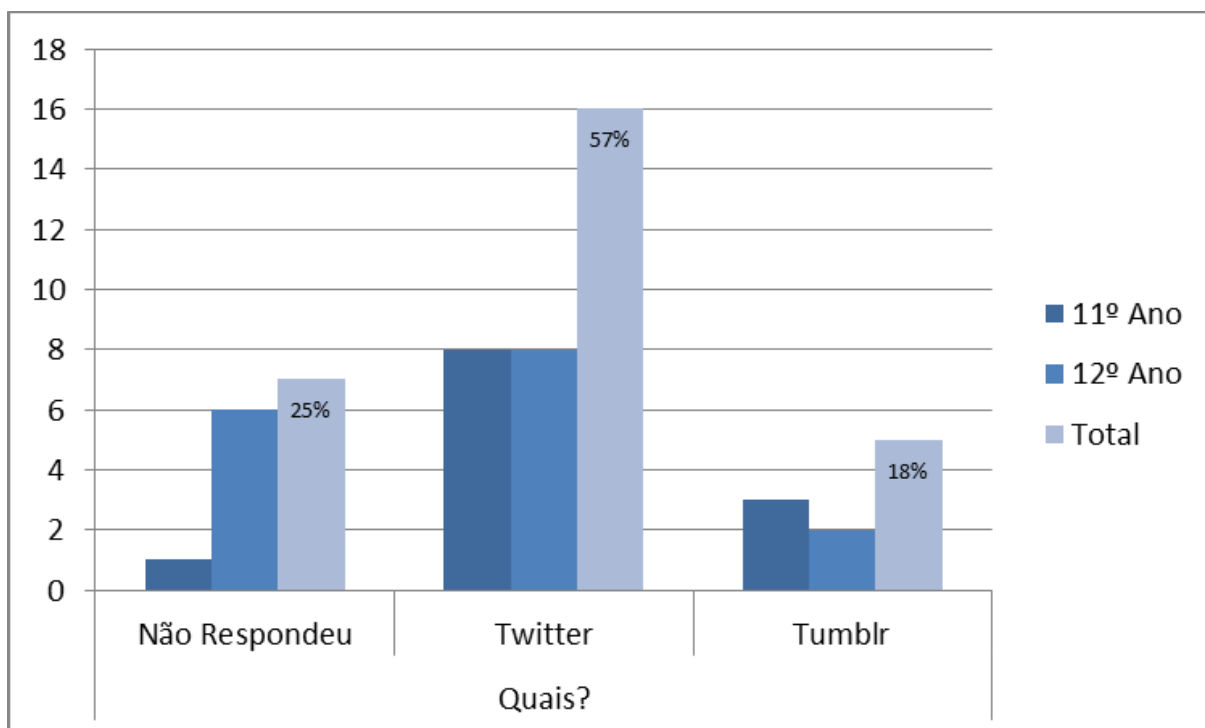


Gráfico 26. Gráfico de outras redes sociais usadas pelos alunos.

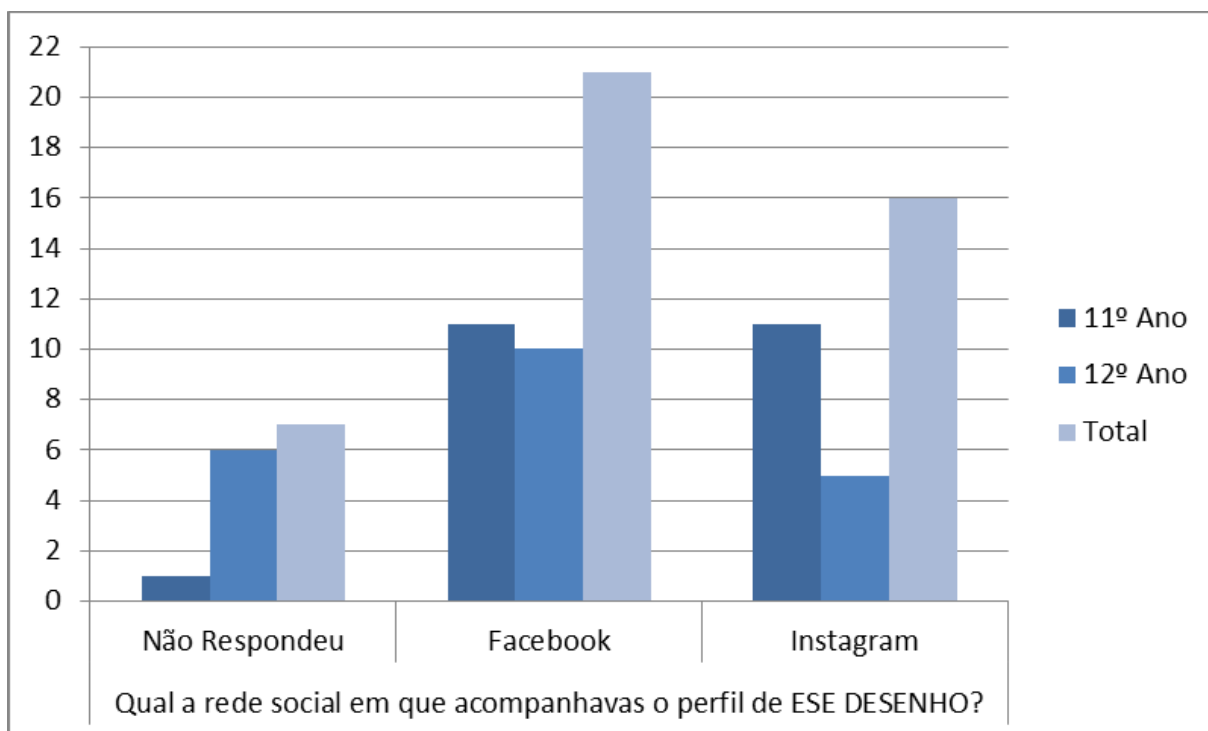
Nos padrões de utilização das redes sociais do perfil da ESE DESENHO podemos verificar o acompanhamento dos perfis ESE DESENHO através do gráfico 27. Constatase que vinte e um alunos acompanhavam a disciplina pelo Facebook e dezasseis alunos pelo Instagram.

A opção de escolha do Facebook recai na de maior funcionalidade, chat e publicações mais diversificadas, ao invés do Instagram que é de menor exposição, possui menos publicações de vídeo assente numa base de fotografias, o que permite uma partilha mais eficaz pelas imagens.

Estas redes sociais diversificam-se um pouco dos seus padrões de funcionamento e ambas são do gosto dos alunos, sendo cada uma escolhida por nove estudantes. Quatro estudantes têm preferência pelas duas redes sociais e sete alunos da amostra não deram resposta à questão.

As justificações das suas escolhas das redes sociais que mais gostam da disciplina encontram-se no gráfico 28. Há que salientar o interesse pelo Facebook, pelo facto de este partilhar vídeos técnicos, possuir uma maior diversidade de publicações e de funcionalidades que permitam uma análise dos trabalhos na rede.

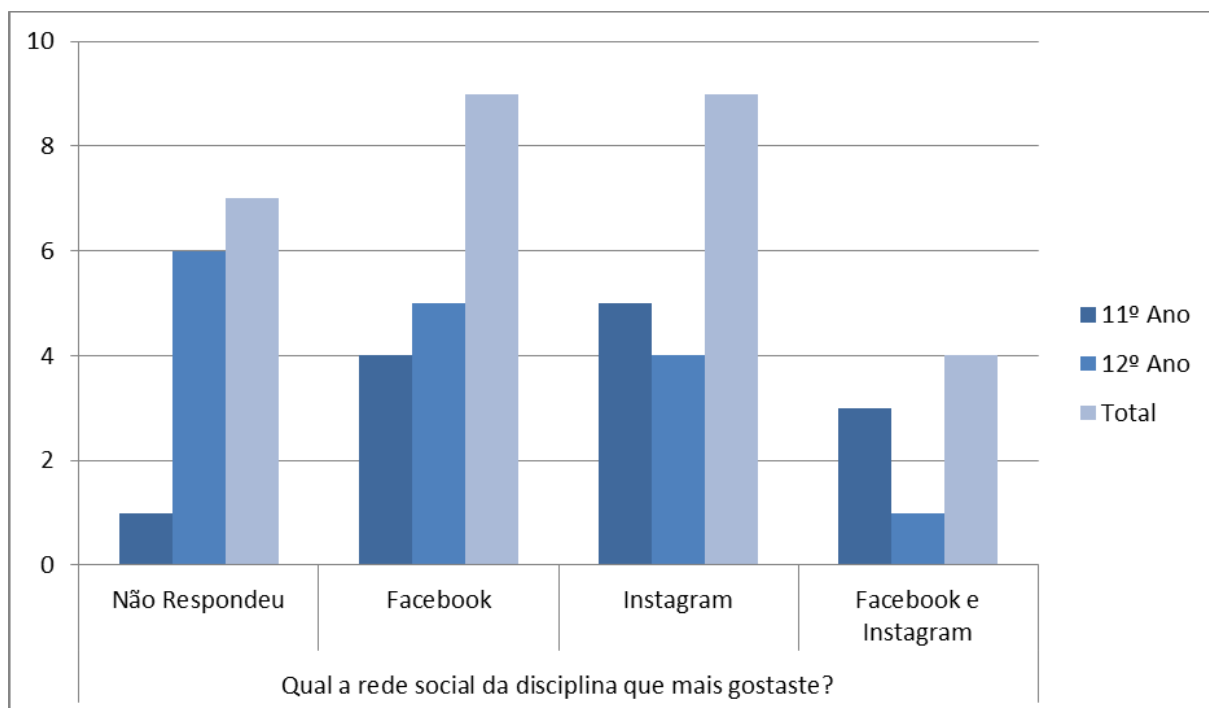
Já o interesse pelo Instagram da disciplina centra-se na potencialidade da partilha ser à base de fotografias e conseguir-se assim acompanhar os trabalhos dos colegas.



	Porquê o Facebook?
11º Ano	Chat.
12º Ano	Chat.
	Publicações mais diversificadas.
	Mais funcional.

	Porquê o Instagram?
11º Ano	Publicações à base de fotografias.
	Eficácia da partilha de fotografias.
	Não há muita partilha de vídeos.
12º Ano	Publicações à base de fotografias.
	É de menor exposição que o Facebook.

Gráfico 27. Gráfico da rede social em que os alunos acompanhavam os perfis de ESE DESENHO.



Porquê o Facebook?

- | | |
|----------------|--|
| 11º Ano | Partilha de vídeos técnicos.
Acompanhar os trabalhos dos colegas.
Análise do meu desenho na rede.
Maior diversidade de elementos. |
| 12º Ano | Acompanhar os trabalhos dos colegas. |

Porquê o Instagram?

- | | |
|----------------|---|
| 11º Ano | Acompanhar os trabalhos dos colegas.
Partilha à base de fotografias. |
| 12º Ano | Partilha à base de fotografias. |

Porquê o Facebook e Instagram?

- | | |
|----------------|---|
| 11º Ano | Acompanhar os trabalhos dos colegas.
Partilha à base de fotografias. |
| 12º Ano | Partilha pública dos meus trabalhos. |

Gráfico 28. Gráfico da rede social da disciplina que mais gostaram.

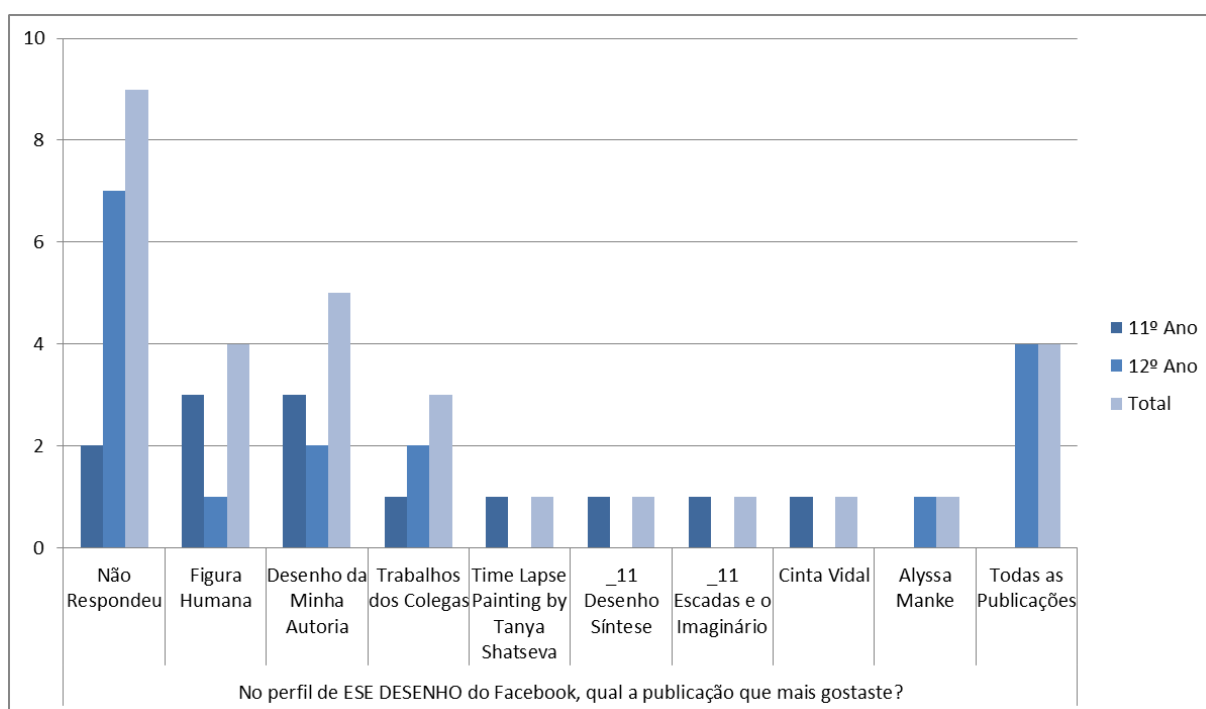


Gráfico 29. Gráfico das publicações que mais gostaram do perfil de Facebook da ESE DESENHO.

No perfil de Facebook da ESE DESENHO retratado no Gráfico 29, cinco alunos enunciam que gostaram mais das publicações de desenhos da sua autoria, quatro comunicaram que foi figura humana, três dos desenhos dos colegas e todas as restantes respostas dadas com uma seleção. Gostaram de todas as publicações quatro alunos e nove alunos não responderam.

Pelo Gráfico 30 verifica-se que no perfil do Instagram dois alunos gostaram de todas as publicações e doze não responderam. As restantes respostas contabilizam-se com cinco alunos a gostarem da figura humana, quatro de desenhos da sua autoria, dois dos trabalhos dos colegas e todas as outras com uma seleção por aluno.

Através do gráfico 28 e Gráfico 29 consegue-se evidenciar a funcionalidade das redes sociais quanto às tipologias de conteúdos de publicação. Assim, em conformidade com a natureza das redes sociais, as publicações de vídeo, bem como a apresentação de obras e projetos de outros artistas são mais favoráveis à interação dos alunos na rede social do Facebook.

Nas duas redes sociais os conteúdos desenvolvidos no âmbito escolar têm boas reações dos alunos, sendo as publicações dos seus trabalhos os conteúdos que apresentam uma maior interação do grupo.

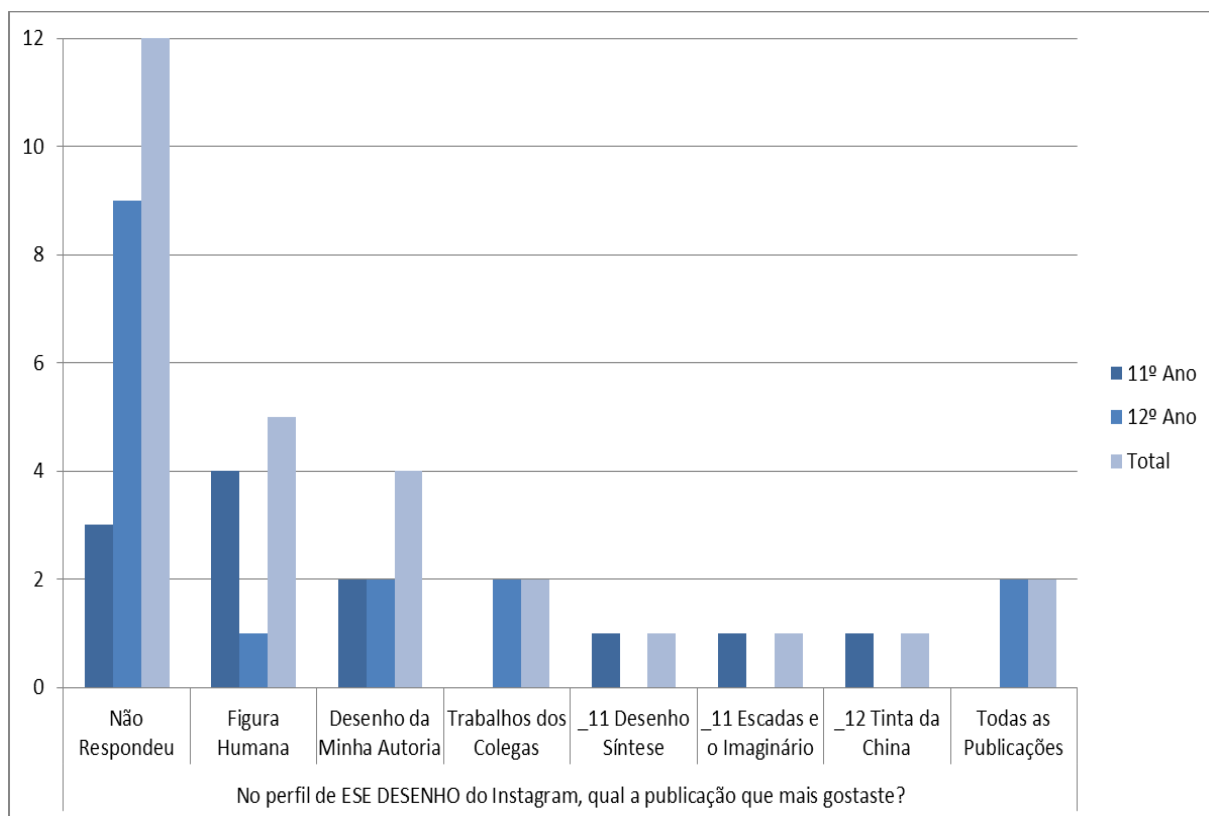


Gráfico 30. Gráfico das publicações que mais gostaram do perfil de Instagram da ESE DESENHO.

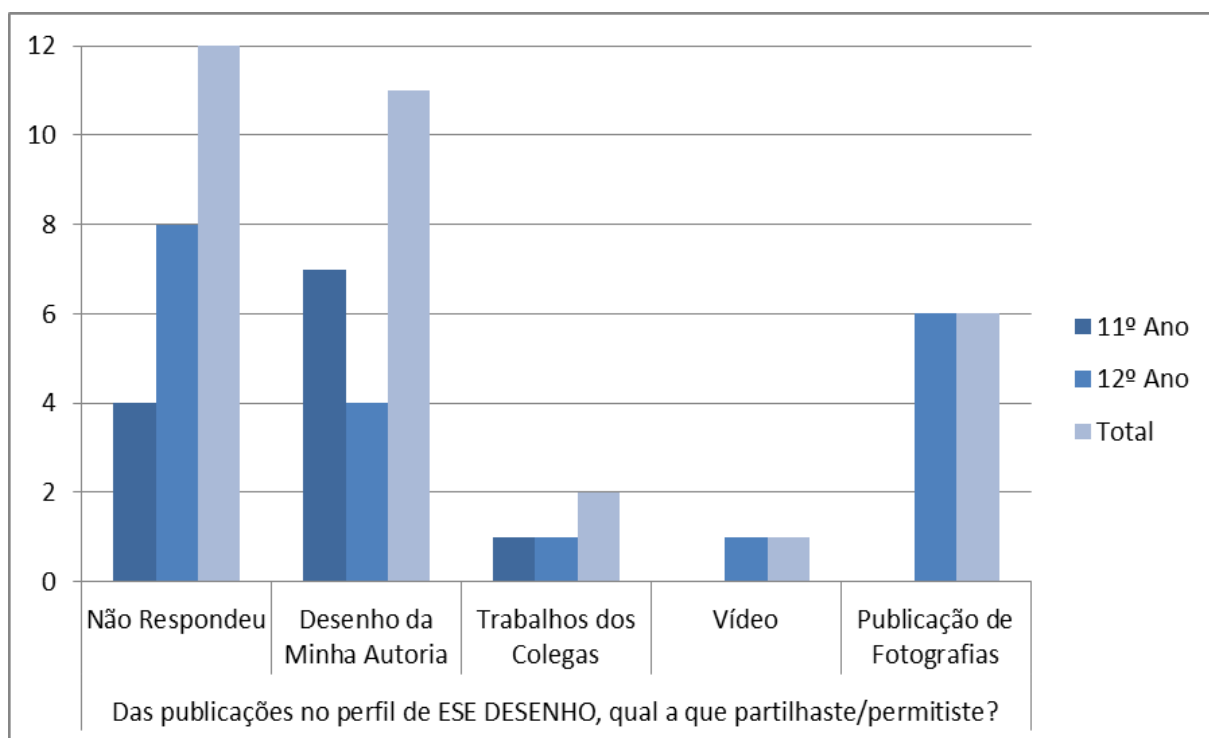


Gráfico 31. Gráfico das publicações que partilharam/permitiram.

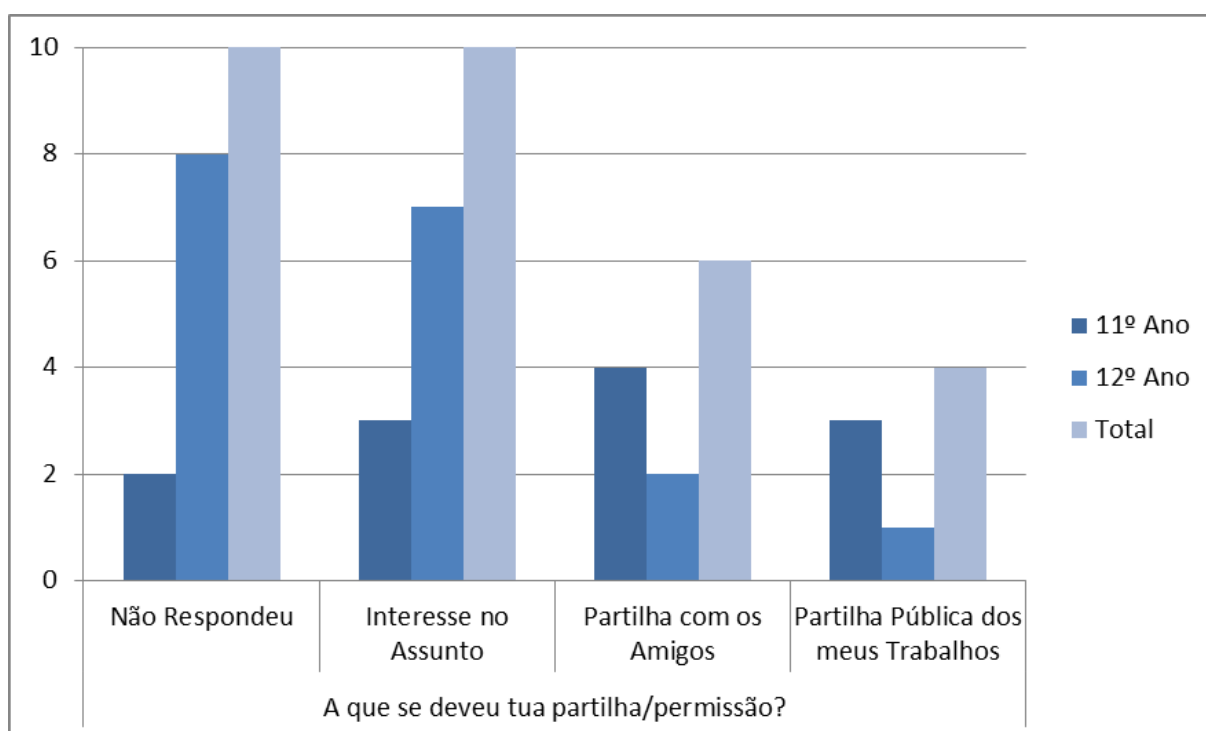


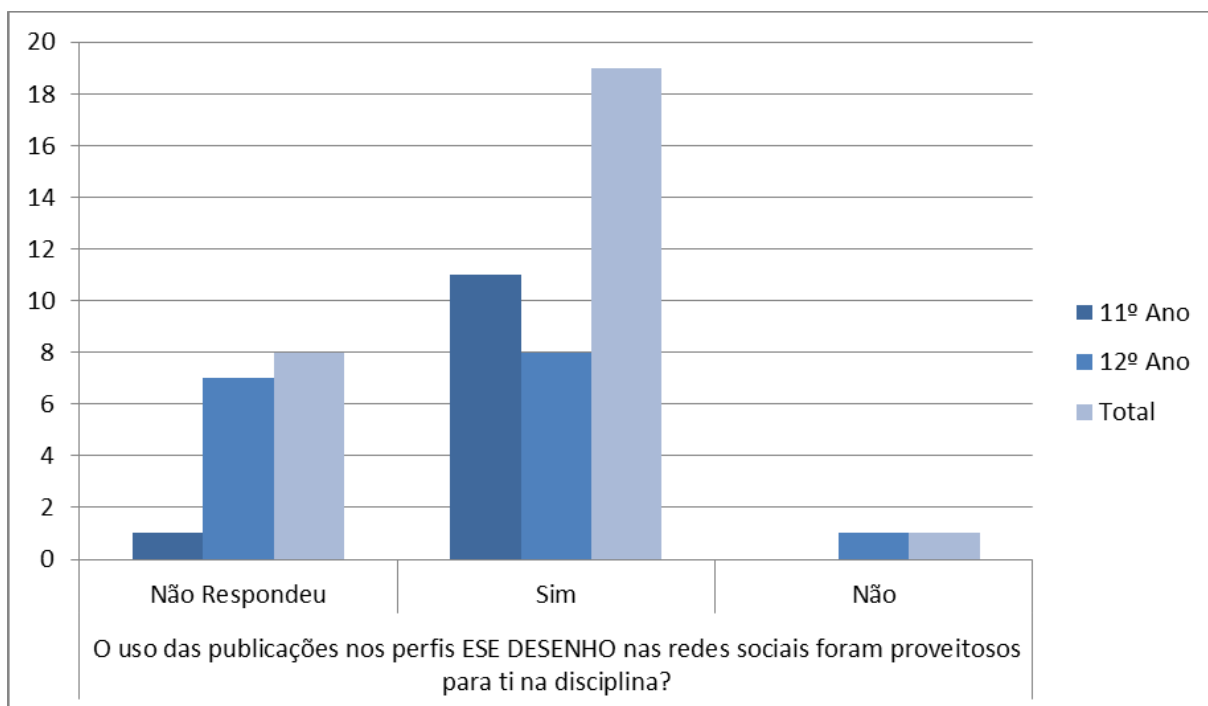
Gráfico 32. Gráfico dos motivos das publicações que partilharam/permitiram partilhar.

De acordo com o Gráfico 31, as publicações partilhas/permisões no perfil ESE DESENHO foram onze para desenhos da minha autoria, duas para trabalhos de colegas, uma para um vídeo e seis para publicação de fotografias. Não se obteve resposta à questão por parte de doze elementos da amostra.

Estas partilhas/permisões foram enunciadas por dez alunos por motivos de interesse, seis alunos efetuaram-nas junto dos seus amigos, quatro para um partilha pública dos seus trabalhos e dez elementos não responderam.

Dezanove alunos dizem que as publicações nos perfis da disciplina foram proveitosas para acompanhar os trabalhos desenvolvidos pelos seus colegas, conhecer trabalhos de outros artistas, poder analisar os seus desenhos pela rede, a partilha pública dos seus trabalhos e a possibilidade de se aperfeiçoar e aprender novas técnicas. Da amostra, oito alunos não responderam e um aluno não tinha qualquer interesse.

Representado no Gráfico 33 as partilhas e permisões das publicações foram para 19 dos elementos da amostra proveitosas, apresentando-se motivos diversos, desde a análise e aperfeiçoamento dos seus trabalhos, à partilha pública destes nas redes sociais. Apenas 1 aluno enunciou que não teve qualquer proveito por motivos de desinteresse e os restantes não responderam à questão.



Porquê?	
11º Ano	Acompanhar os trabalhos dos colegas. Análise do meu desenho pela rede. Partilha pública dos meus trabalhos. Aperfeiçoar e aprender novas técnicas.
12º Ano	Acompanhar os trabalhos dos colegas. Partilha pública dos meus trabalhos. Aperfeiçoar e aprender novas técnicas. Conhecer o trabalho de outros artistas.

Porquê?	
12º Ano	Não tinha interesse em nada.

Gráfico 33. Gráfico do proveito em usar as publicações nos perfis ESE DESENHO nas redes sociais.

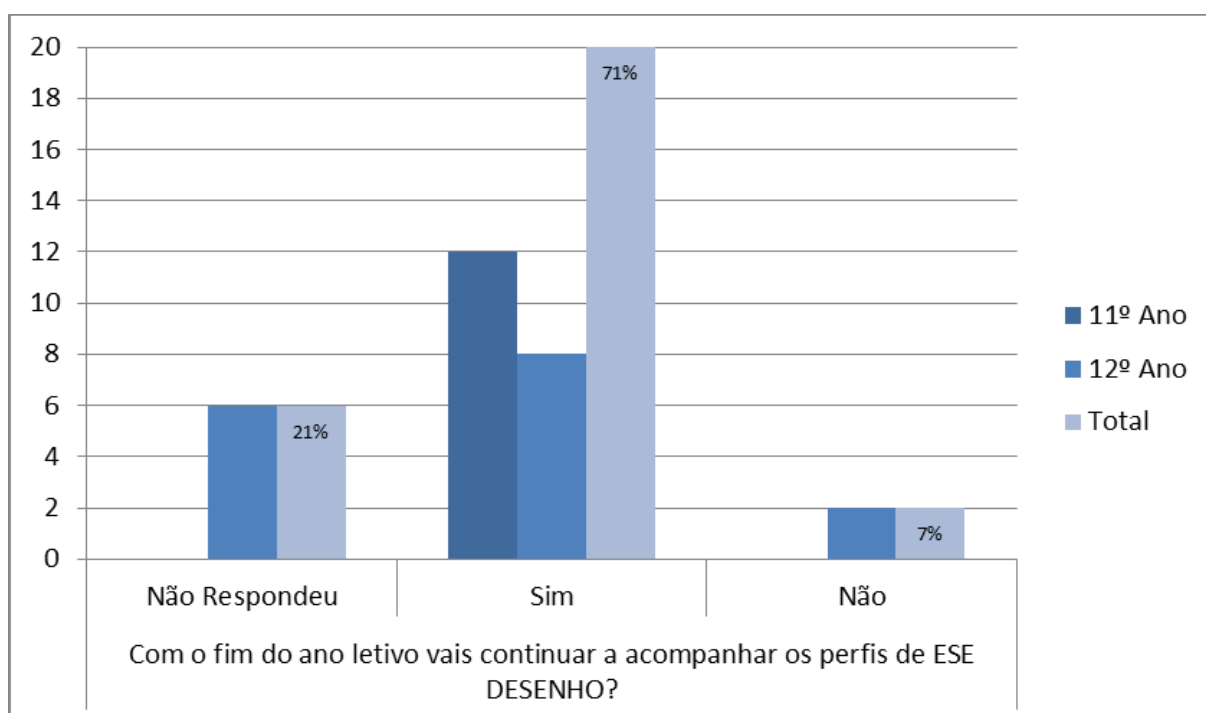


Gráfico 34. Gráfico da predisposição em acompanhar os perfis ESE DESENHO com o fim do ano letivo.

Com o final do ano letivo e com o final do projeto de investigação 71% (20) dos alunos responderam acompanhar os perfis da disciplina de Desenho A, 7% (2) não têm interesse e 21% (6) não responderam.

No que respeita à partilha de trabalhos futuros 21% (6) não responderam, 54% (15) partilhariam os seus trabalhos e os restantes 25% (7) não.

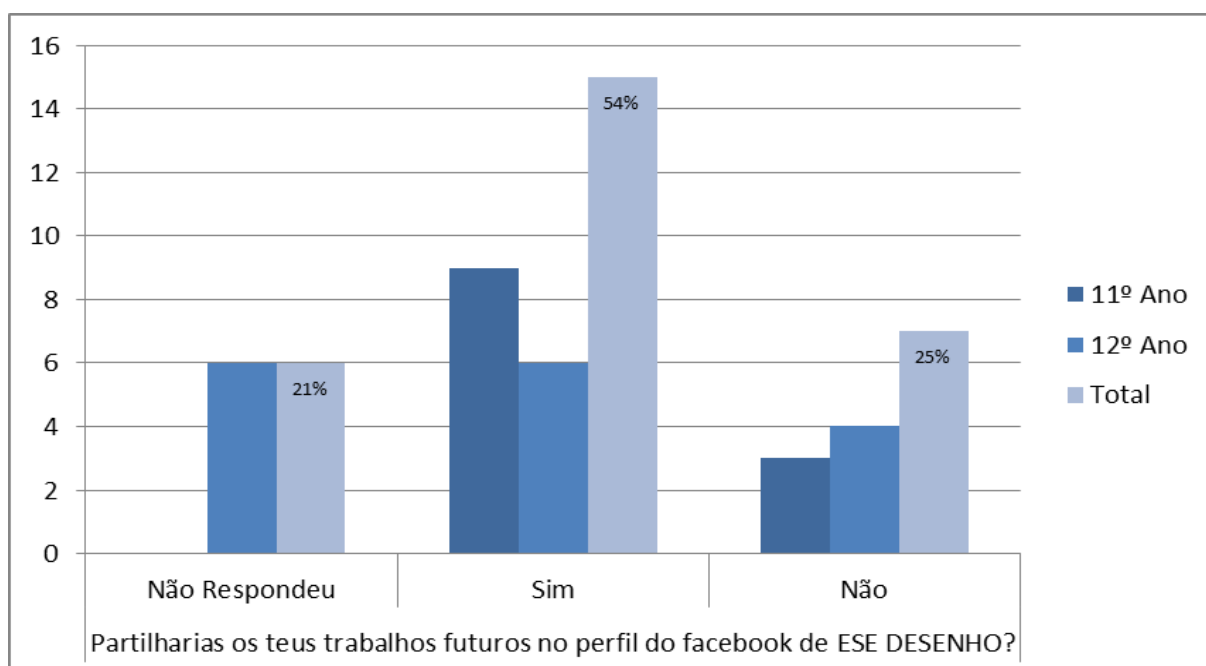


Gráfico 35. Gráfico da vontade dos alunos na partilha de futuros trabalhos no perfil ESE DESENHO.

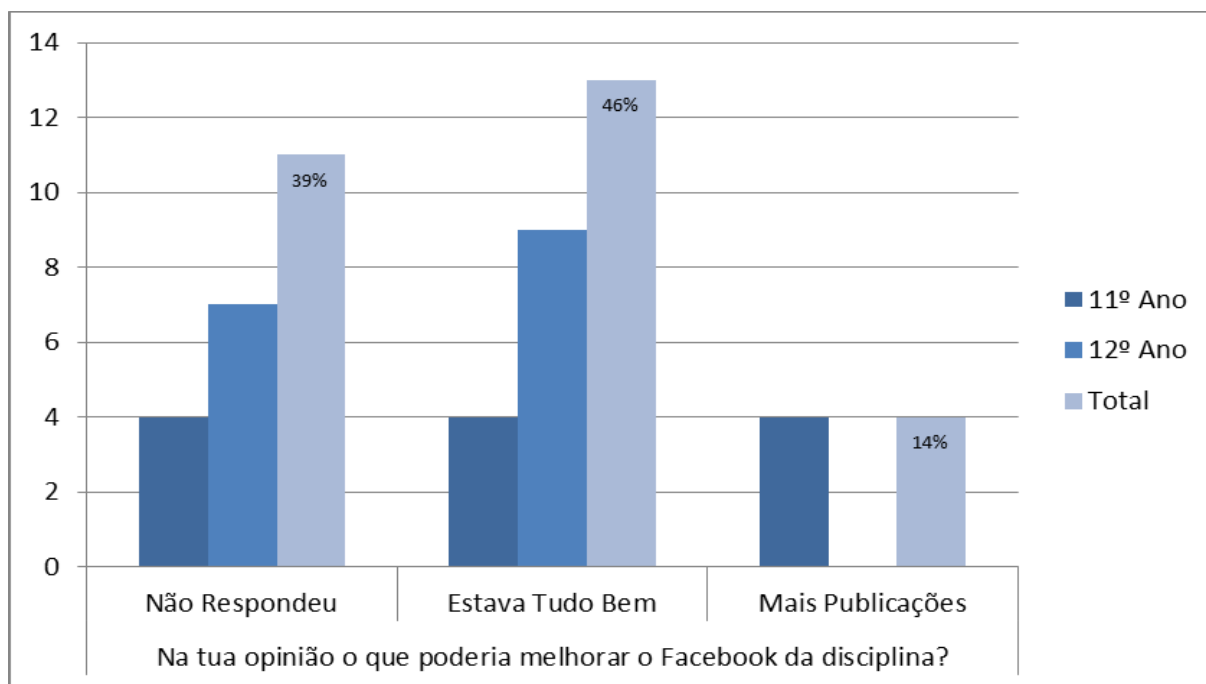


Gráfico 36. Gráfico do que poderia melhorar no perfil do Facebook da disciplina.

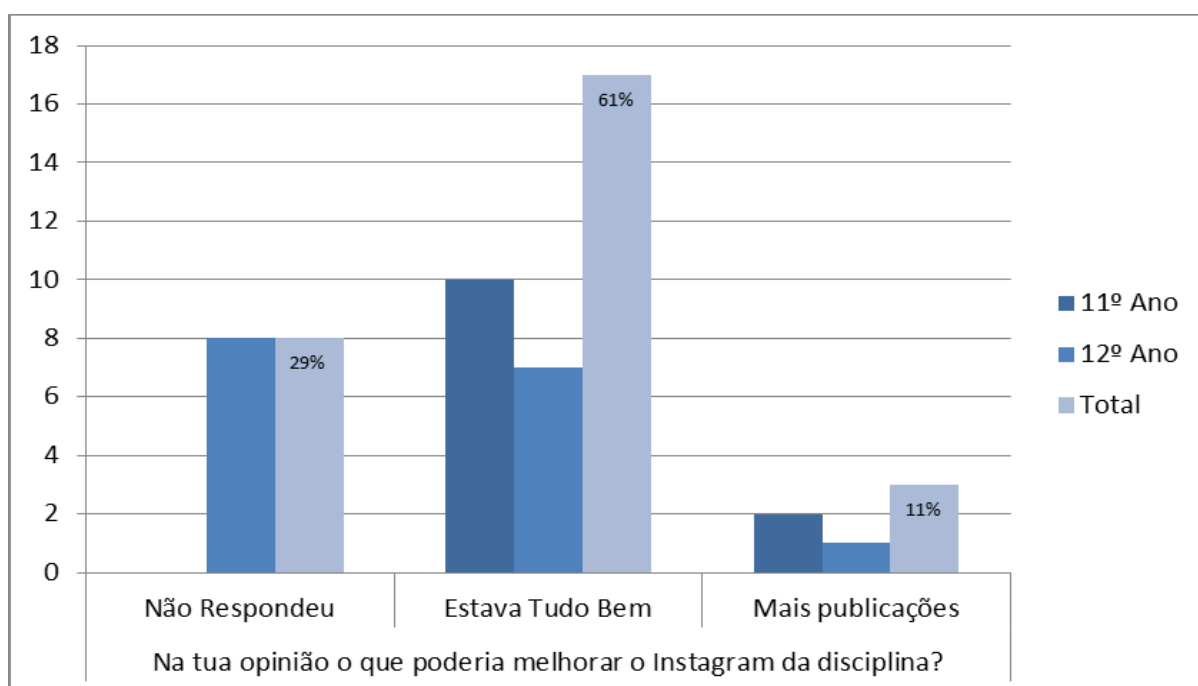


Gráfico 37. Gráfico do que poderia melhorar no perfil do Instagram da disciplina.

Os alunos quando questionados com o que poderiam melhorar nos perfis da disciplina, comunicaram que tudo estava bem, com um valor de 46% (13), 14% (4) aumentavam o número de publicações e 39% (11) não respondeu.

Quanto à conta de Instagram 29% (8) não responderam, 11% (3) opinam para um aumento das publicações e 61% (17) enunciam que tudo estava bem.

2.4. Análise de Resultados

Os resultados foram construídos a partir das observações do investigador ao longo do ano letivo: a atividade dos alunos nas redes sociais em sala de aula; o diálogo estabelecido com os alunos; e a resposta ao questionário.

O Facebook e o Instagram são ferramentas de uso comum pelos alunos que constituem a amostra e que usadas com eficácia em contexto de aula permitem uma maior exposição do professor à cultura dos jovens e às suas representações. O professor, ao contactar com as redes sociais que fazem parte do dia-a-dia dos alunos, pode veicular conteúdos que permitam efetivar as aprendizagens da disciplina. O professor ao trazer para a sala de aula a cultura dos jovens alunos está a chegar mais perto dos seus gostos, dos seus interesses e consegue perceber por meio de um “like”, um emoji ou um comentário escrito, as reações aos conteúdos da disciplina. De igual modo, a rede permite conhecer o processo de participação dos alunos online, a sua recolha de conteúdos para a disciplina, ou seja, o seu processo individual de aprendizagem. Assim, torna-se mais fácil direccionar conteúdos que proporcionem uma melhor e rápida aprendizagem, pois é possível complementar ou abordar previamente o que se irá lecionar na aula.

Com as redes sociais, uma publicação de uma fotografia, uma reação, uma questão, uma mensagem são elementos que têm uma maior proximidade tanto entre professores e alunos, bem como entre alunos, que podem relacionar-se directamente e quase de forma instantâneas. Esta é uma motivação tanto de alunos como de professores, que através das atividades dos perfis e do contacto externo com outros pares proporcionam vontades de interagir, partilhar e participar na construção de uma inteligência coletiva.

A implementação de diversas atividades no projeto ESE DESENHO e busca de conteúdos diferenciados incentivaram a uma cultura participativa nas comunidades online do Facebook num modo privado e público no Instagram. Esta cultura participativa foi potenciadora de aprendizagem, reforçada pela manifestação da cultura dos jovens com a disciplina, pois como nos diz Jenkins todos temos algo a dizer e conseguimos contribuir com alguma coisa, não sabemos tudo e todo o conhecimento reside na humanidade (Jenkins, 2006, p. 26).

O método de partilha através do uso das redes sociais do Facebook e Instagram é uma mais-valia para os alunos, com a maioria a enunciar que estes favoreceram as suas aprendizagens. É notório que as partilhas geraram a troca de ideias e transformaram aquele pequeno gesto num conteúdo de importância para a troca de saberes entre os alunos da turma, entre as duas turmas e entre comunidades. O simples ato de partilhar teve uma forte expressão entre os alunos e incentivou-os a comunicarem, a partilharem os seus trabalhos e

a reagirem a uma publicação de forma crítica.

Podemos verificar nos trabalhos partilhados nas redes, que ao longo da sua atividade os alunos expressaram o seu eu atual e a potencial significância cultural (Willis, 1990). Deste modo, as imagens e conteúdos criados pelos alunos são representações da cultura juvenil, que contêm os seus olhares, o uso da visualidade do território, do simbolismo, da ideologia, da identidade, do corpo, do supérfluo, dos consumos, dos objetos, entre outros. Os alunos para criarem em desenho os seus trabalhos e as suas representações visuais interpretativas do mundo que os rodeia, expõem a sua individualidade, conjugando o que pensam, à sua criatividade, ao seu sentido crítico e à sua cultura. Assim, podemos entender como os alunos criticam o conhecimento que apreendem e como é que a imagem e a cultura visual contemporânea fazem parte da sua comunicação no desenho.



Imagem 13. Publicações dos trabalhos dos alunos de Retrato nas redes sociais

As publicações dos trabalhos dos alunos demonstram as suas vozes sobre os conteúdos dos programas de Desenho A, ao serem partilhadas, criaram e fizeram chegar a um número cada vez maior de utilizadores passíveis de realizarem uma crítica, abrindo assim a sala de aula ao mundo.

A partilha dos trabalhos pelos alunos nas páginas da ESE DESENHO foi alvo de resistência por parte destes, o que é consistente com a observação em aula de alguma timidez e pouca abertura em partilhar algo seu na rede e com os pares. Outra resistência é a liberalização do contacto digital dos alunos às redes sociais através do telemóvel na sala de aula, por parte do professor, que tem o confronto da permissão do uso daquele objeto em sala de aula para ser utilizado com um bom fim, como ver um tutorial, explorar o registo fotográfico, a leitura de objetos a desenhar, partilha de trabalho nas redes sociais, entre outros.

O professor é o elemento que permite a mudança na forma de aprendizagem através das redes e é o seu mediador, estabelecendo o limite das relações dos perfis. Este nas suas relações e pela proximidade de contacto com os alunos tem a necessidade de possuir um certo distanciamento para não comprometer a sua imagem e estabelecer um comportamento adequado à correta mediação das redes sociais. A comunicação virtual entre professores e alunos evidenciou que não houve passividade e que existiram reações dos alunos, numa participação ativa, com intervenção e permissões de identificação da partilha de publicações.

Com os dois perfis da ESE DESENHO o estabelecimento de relações através das publicações concebeu uma comunidade de Desenho da ESE, que se esperava poder vir a crescer com contributos de alunos e professores. Apoiado em projetos e estudos desenvolvidos no meio educativo, verifica-se que as redes sociais comerciais ou as educacionais têm desempenhado um papel favorável para aumentarem o interesse das disciplinas e conseguirem que os alunos estabeleçam aprendizagens. Nestas os alunos têm prazer, um sentido de partilha e procura de conteúdos na rede (Egenfeldt-Nielsen, 2006).

Com os exemplos da aprendizagem em plataformas, como é o caso da rede social Livemocha, esta ferramenta proporciona aos seus utilizadores uma proximidade com uma língua, o que auxilia o professor na intervenção pedagógica, viabilizando ao aluno que dentro e fora da escola realize aprendizagens e conhecimento (Ferreira A. M., 2012). Assim, desperta-se o interesse aos estudantes, em que o professor seleciona e modera os conteúdos que chegam até si. O aluno ao contactar com estes assuntos concebe um pensamento crítico sobre os mesmos, permitindo ao professor liderar o processo de aprendizagem com a realidade do que pode ser ensinado (Rotherham & Willingham, 2010).

Através do estudo "Using social media as an information and communication technology tool in Economic and Management Sciences classroom" demonstra-se a capacidade de partilha e interação das redes sociais, que com um agendamento semanal eram expostos para os utilizadores os planos de aula e onde se poderia a qualquer momento abordar conceitos financeiros, expor teorias e outros conteúdos (Wyk & Tshelane, 2016). É notório que esta prática digital com o uso das redes sociais resulta dos interesses dos pares, havendo assim, um elemento integrativo, que pretende expandir o conhecimento humano e ir além do laboratório bibliotecário (Buchanan, 1992).

Um projeto dedicado à Física e Química sobre a plataforma Ning, que liga alunos e professores do ensino secundário num fórum, torna visível uma forma de trabalho numa rede social em que a comunidade tem relações fracas e conteúdos pouco interessantes. Caraterizado por ser um fórum de discussão este estabeleceu-se sobre temas avaliados, não avaliados e não relacionados com as matérias escolares. Assim, revelou ser de laços

débeis entre os seus membros, onde os alunos viam a sua participação como uma tarefa pedida pelo professor e demonstravam maior participação em assuntos exteriores à disciplina. Segundo o estudo, existe um desinteresse nos temas e daí o envolvimento dos alunos não se manifesta, pois há falta de elementos que despertem as suas curiosidades neste campo científico (Monteiro & Pereira; 2013). Este sistema de trabalho em que se implementa na rede o processo de avaliação sai do ambiente confortável a que o jovem está habituado, assistindo-se à separação entre a cultura da escola e a cultura da vida dos jovens fora da escola (Ferreira, Ponte, Silva, & Azevedo, 2015).

Em ponto contrário ao projeto anterior, a investigação desenvolvida na Michigan State University's por Christine Greenhow, que tratava notícias relacionadas com o clima num fórum no Facebook evidenciou que a amostra dos estudantes voluntários entre os 16 e 25 anos discutiu os assuntos com qualidade, abordando questões científicas, civis e de bom envolvimento pessoal (Greenhow & Henion, 2015).

Com esta observação, comparando com outros estudos realizados, o facto de ser um fórum voluntário e mais informal fez com que os estudantes se sentissem confortáveis e mais abertos à participação. O fórum não foi criado por um professor/formador assemelhando-se mais com os posicionamentos dos elementos do grupo que vivem um cotidiano com o qual se identificam e na informalidade na rede. Assim, sobre a plataforma do Facebook a aprendizagem informal envolve os estudantes, quer nas reações às publicações quer na discussão dos conteúdos, complementando o ensino da sala de aula, bem como o contacto com outros utilizadores que dominam os conteúdos dos seus interesses.

Tal como amplamente demonstrado na seção 1.4. e com os dados anteriores, o estudo efetuado no âmbito da disciplina de Desenho A, demonstra que os interesses, conteúdos e a natureza das disciplinas são fundamentais para o sucesso do uso das redes sociais. Preponderante também é a preponderância da rede social na cultura dos jovens, que para além do seu fácil acesso e interface intuitiva, tem que ter um valor reconhecido entre os jovens para que consiga gerar vontade de estar naquele sistema de aplicações e que os motive à participação. A flexibilidade que estas redes sociais possuem no contacto com os alunos contribui para a construção de conhecimento entre pares, pois proporcionam a publicação de conteúdo, comparação com outros conteúdos, reflexão sobre o seu resultado através das suas críticas e das dos outros.

O estado da arte é limitado no que concerne ao uso das redes sociais Facebook e do Instagram em contexto escolar artístico, pelo que o presente estudo pretende dar assim um contributo ao ensino das artes através da criação de ambientes virtuais de aprendizagem, baseados no uso de tecnologias de fácil acesso e configuração.

Outro ponto importante, para o ensino das artes, é a ampla presença de artistas dos mais diversos quadrantes nas redes sociais, elegendo aqui os seus espaços para demonstrarem os seus trabalhos como lugares de auto-expressão.

Os perfis da ESE DESENHO ao estarem aliados à potencialidade do Facebook e Instagram, permitem ao aluno adquirir competências artísticas e favorecer as aprendizagens da disciplina de Desenho A. Assim, ao verificar-se que o uso das redes sociais e o acompanhamento dos perfis é realizado pela maioria dos alunos, a interação dos professores e alunos em contexto de sala é estabelecida com uma maior abertura e proximidade. O professor tem um papel importante na transmissão e partilha de conhecimento no mundo virtual, pois através do canal próprio do grupo este é mediador de uma prática colaborativa que se inicia e ultrapassa o espaço da sala de aula.

O uso destas redes sociais demonstra que os perfis da disciplina foram capazes de estimular os alunos, pelo contacto menos constrangedor e na mais facilitada expressão de opiniões e partilha de conteúdos. A criação de soluções partilhadas nos perfis demonstra uma boa interação para o desenvolvimento dos trabalhos e considera-se que este foi um caminho que permitiu aos alunos realizarem aprendizagens.

CONCLUSÃO

O projeto procurou trazer para a sala de aula as redes sociais já frequentadas pelos alunos, para o ensino-aprendizagem da Disciplina de Desenho A. Com a aproximação do docente/investigador à cultura dos alunos, as redes sociais promoveram nos alunos uma maior participação e atitude crítica sobre os temas abordados.

A investigação ao centrar-se na relação dos alunos com a disciplina e as redes sociais no espaço escolar, observou as interações entre pares e a apropriação que estes faziam dos conteúdos para estabelecerem as aprendizagens. Assim, o projeto permitiu responder às seguintes questões da investigação:

- a) Em termos pedagógicos qual o impacto do uso das redes sociais, que os alunos já utilizam fora da escola, no ensino da disciplina de Desenho A?
- b) Em que medida o uso dessas redes em sala de aula contribui, para uma maior participação e atitude crítica dos alunos?
- c) E que mudanças daí advêm para o papel do professor?

O uso das redes sociais pelos alunos faz parte das rotinas juvenis quer sejam dentro ou fora da escola. Como evidenciaram as respostas ao questionário e as observações em sala de aula, é grande o envolvimento dos alunos nas redes de Facebook e Instagram a partir do telemóvel, com a generalidade dos acessos à internet para acederem às redes sociais. Nos seus acessos, o estímulo e acompanhamento dos perfis da disciplina, bem como as publicações de conteúdos revelaram serem ações de impacto para as aprendizagens.

Os interesses dos alunos nas redes sociais são diversos, contudo a presença dos perfis da disciplina e a partilha de conteúdos artísticos tornaram mais favoráveis os contactos entre disciplina, professores e alunos.

O envolvimento de dezanove alunos nos conteúdos permitiu que afirmassem que as partilhas e permissões das publicações foram proveitosas para acompanhar os trabalhos desenvolvidos pelos seus colegas, assim como conhecer trabalhos de outros artistas, poder analisar os seus desenhos pela rede, a partilha pública dos seus trabalhos, a possibilidade de se aperfeiçoar e aprender novas técnicas. A partilha dos trabalhos dos alunos fora dos espaços ESE nas redes sociais, são uma mais valia para estes receberem críticas de outras comunidades ligadas às temáticas curriculares. Assim, a leitura de um assunto expresso num registo de desenho vai para além do espaço da sala de aula. Através de uma

publicação, a informação é transmitida entre os utilizadores, pode ser partilhada e ser sujeita aos gostos e à crítica. Esta prática conduz a uma reflexão entre pares, via análise dos trabalhos, troca de ideias e de opiniões. Esta prática colaborativa melhora o desempenho no desenho e propicia outras aprendizagens.

A aprendizagem formal e informal, acontecem sob a monitorização do professor que procura e sempre procurou motivar os alunos para a construção do seu conhecimento.

O uso das redes sociais, em sala de aula, levou os alunos a encontrarem-se mais autónomos e ligados a conteúdos na rede que lhes permitem obter instantaneamente respostas aos seus questionamentos. Os contactos com os perfis e as redes sociais fazem com que os alunos se sintam mais confortáveis e familiarizados com os conteúdos de aula, o que lhes permite apropriar uso das redes para as suas participações. Estas participações são contribuições do que constroem, em conformidade com a cultura da rede, dos conhecimentos que apropriam, dos seus valores e decisões. A diversidade de utilizadores, as múltiplas conexões que cada aluno tem nas redes, ampliam os seus horizontes, permite que a comunicação entre a comunidade seja aberta e livre. A ação de participar nas redes permite o relacionamento entre utilizadores e produção de conhecimento como resultado das suas atividades.

O aumento do interesse nos perfis da ESE DESENHO adveio da partilha dos projetos, que ao longo dos dois períodos, permitiu estabelecer entre os alunos relacionamentos mais fortes, aumentar a discussão de conteúdos entre pares, a interação com outros utilizadores, bem como a partilha e manifestação das individualidades de cada aluno pelo desenho.

Ao comparar-se o período do projeto de como este seria com as redes sociais ou sem as redes sociais na sala de aula, conclui-se que com os perfis houve uma simplificação do trabalho e da construção deste em sala de aula, onde o aluno manipulou a informação para construir a sua representação pessoal. A motivação dos alunos acresce com as redes sociais, favorece as suas aprendizagens com partilha de conteúdos e trabalho em rede, aliando educação e entretenimento. Nos seus comportamentos podem existir problemas no seu uso, contudo o papel do professor é fundamental para que consiga extrair as qualidades intrínsecas às plataformas sociais.

O papel do professor no uso das redes sociais deve ser o de possibilitar a abertura da sala de aula, numa relação exterior/interior e digital/analógico. A partir do uso de um telemóvel *smartphone*, dispositivo que os jovens cada vez mais cedo têm, o professor consentindo o seu correto uso em sala pode tirar proveito de todas as suas potencialidades e mediar o acesso dos alunos ao mundo das redes sociais, sem haver o distanciamento e perda de controlo dos alunos. A liberdade do aluno tem que ser controlada numa mediação

adequada ao uso do telemóvel, para que o aluno não se perca nas redes. O uso das redes sociais deve ser primeiramente realizado em sala de aula, num ensino formal e depois transpor-se para um ensino informal, onde os alunos se sentem mais confortáveis e num ambiente com que se identificam mais.

O telemóvel com acesso às redes sociais é um aliado à sua intermediação pedagógica e que torna possível ao aluno desenvolver competências, aumentar o contacto com outros contextos socioculturais e inspirar o seu sentido crítico. Na competência digital, os alunos e o professor têm possibilidade de aproveitarem o uso das redes sociais para participarem na partilha e construção de conhecimento. O uso das plataformas sociais ligadas com outros media digitais são instrumentos na construção, troca e reaquisição do conhecimento (Drotner & Erstad, 2014). O conhecimento é multidimensional, facilmente transposto de uma pessoa para outra, ocorrendo a sua interpretação mediante os padrões de cada um. O conhecimento muda, como muda o mundo, é um elemento dinâmico que se auto constrói enquanto fonte para aprendermos a aprender (Qvortrup, 2006).

O ponto de partida inicia-se na vontade do professor em se reinventar e possibilitar o uso destes recursos na sala de aula. Ao ser questionado o uso destas ferramentas está a querer-se implementar uma ideia para o ensino com o uso de novas disciplinas apreendidas diretamente da realidade, para que os alunos cheguem às respostas e o docente possa construir a sua atividade profissional fundada em elementos de investigação.

A partilha deste projeto com as duas turmas traduziu-se numa nova experiência cultural que não se sabe bem para onde caminhará.

No decorrer da investigação, esta passou algumas dificuldades, onde os problemas como a falta de partilha de trabalhos nas redes, através da vontade e iniciativa dos alunos, levam a questionar a cultura da instituição *Escola* e a sua influência no comportamento dos alunos, que se pode afirmar ser de pouca partilha e colaboração entre pares. Esta questão levaria a outro tipo de escrutínio e a formulação de questões que agora ficam em aberto.

As conclusões do presente trabalho não podem ser generalizadas, mas para a amostra em causa, e para a sua comunidade escolar, permitem concluir que ao trazer-se as redes sociais dos alunos para dentro da sala de aula, atua-se positivamente na sua motivação e aprendizagem. Os alunos têm acesso a uma enorme *biblioteca* para o ensino do Desenho e professor tem um papel fundamental enquanto curador do conteúdo online.

BIBLIOGRAFIA

- ANACOM. (1 de Março de 2016a). *Portugal é o 14.º país mais digitalizado da União Europeia*. Obtido em 2 de Janeiro de 2017, de Web Site de anacom.pt: <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1380020#.WHG7O3eZfEZ>
- ANACOM. (11 de Novembro de 2016b). *Serviços Móveis - Informação Estatística - 3.º Trimestre de 2016*. Obtido em 2 de Janeiro de 2017, de Web Site de anacom.pt: https://www.anacom.pt/streaming/STM3T16.pdf?contentId=1400752&field=ATTACHED_FILE
- Bell, J. (2010). *Como realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Buchanan, R. (1992). *Wicked Problems in Design Thinking*. Obtido em 4 de Janeiro de 2017, de Web Site de web.mit.edu: http://web.mit.edu/jrankin/www/engin_as_lib_art/Design_thinking.pdf
- Buckingham, D. (2003). *Media education: Literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press.
- Buckingham, D. (2007). *Beyond technology: Children's learning in the age of digital culture*. Cambridge: Polity Press.
- Buckley, D. (2006). *The Personalisation by Pieces Framework: A Framework for the Incremental Transformation of Pedagogy Towards Greater Learner Empowerment in Schools*. Cambridge: CEA Publishing.
- Câmara, A. (2010). Desafios Colocados à Escola Portuguesa. *Que Currículo para o Século XXI?* (pp. 18-22). Lisboa: Assembleia da República.
- Campbell, S. W. (Julho de 2006). *Perceptions of Mobile Phones in College Classrooms: Ringing, Cheating, and Classroom Policies*. Obtido em 3 de Janeiro de 2017, de Web Site de eric.ed.gov: <https://eric.ed.gov/?id=EJ736914>
- Canário, R. (1999). A escola: o lugar onde os professores aprendem. *Actas do I Congresso Nacional de Supervisão na Formação - Setembro 1997*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Capra, F. (2002). *As Conexões Ocultas. Ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Carey, J. W. (1989). *Communication as culture: Essays on media and society*. Boston: Unwin Hyman.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para Autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Carvalho, A. A. (2008). *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para Professores*. Obtido em 1 de Dezembro de 2016, de Web Site de erte.dgicd.min-edu.pt: http://www.erte.dgicd.min-edu.pt/publico/web20/manual_web20-professores.pdf
- Comissão Europeia. (2016). *A UE em 2015 - Relatório Geral sobre a Atividade da União Europeia*. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia.
- Cope, B., & Kalantzi, M. (2000). *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge.
- Cuban, L. (1986). *Teachers and machines: The use of classroom technology since 1920*. New York: Teachers College Press.
- Drotner, K. (1999). *Dangerous media? Panic discourses and dilemmas of modernity*. United Kingdom: Paedagogica Historica.
- Drotner, K. (2008). *Leisure Is Hard Work: Digital Practices and Future Competencies*. Obtido em 29 de Dezembro de 2017, de Web Site de distans.hkr.se: http://www.distans.hkr.se/anders/extra_marcus/youth%20identity%20and%20digital%20media/kap8.pdf
- Drotner, K. (2010). *Democratic digital literacies: three obstacles in search of a solution*. International Clearinghouse on Children, Youth and Media: Yearbook.
- Drotner, K., & Erstad, O. (2014). *Inclusive Media Literacies: Interlacing Media Studies*. Obtido em 3 de Janeiro de 2017, de Web Site de findresearcher.sdu.dk: http://findresearcher.sdu.dk/portal/files/96379630/drotner_erstad_inclusive_media_literacies.pdf
- Eco, U. (1997). *A obra aberta*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Egenfeldt-Nielsen, S. (Março de 2006). *Overview of research on the educational use of video games*. Obtido em 25 de Janeiro de 2017, de Web Site de egenfeldt.eu: <http://egenfeldt.eu/papers/game-overview.pdf>
- Eurostat. (Março de 2015). *Being young in Europe today - digital world*. Obtido em 30 de Janeiro de 2017, de Web Site de ec.europa.eu: http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Being_young_in_Europe_today_-_digital_world
- Eurostat. (20 de Dezembro de 2016). *Almost 8 out of 10 internet users in the EU surfed via a mobile or smart phone in 2016....* Obtido em 2 de Janeiro de 2017, de Web Site de ec.europa.eu: <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/7771139/9-20122016-BP-EN.pdf/f023d81a-dce2-4959-93e3-8cc7082b6edd>
- Ferreira, A. M. (Setembro de 2012). *O ensino/aprendizagem da língua espanhola e a rede social Livemocha*. Obtido em 20 de Janeiro de 2017, de researchgate.net: https://www.researchgate.net/publication/267977363_O_ensinoaprendizagem_da_lingua_espanhola_e_a_rede_social_Livemocha?origin=publication_list

- Ferreira, E., Ponte, C., Silva, M. J., & Azevedo, C. (Julho de 2015). Mind the Gap: Digital Practices and School. *International Journal of Digital Literacy and Digital Competence*, pp. 16-32.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fromme, J. (Maio de 2003). *Computer Games as a Part of Children's Culture*. Obtido em 1 de Dezembro de 2016, de Web Site de gamestudies.org: <http://www.gamestudies.org/0301/fromme/>
- Gee, J. P. (2003). *What video games have to teach us about learning and literacy*. New York: Palgrave.
- Greenfield, P. (1984). *Mind and Media: The effects of television, video games and computers*. Cambridge: Harvard University Press.
- Greenhow, C., & Henion, A. (29 de Junho de 2015). *Is Facebook The Next Frontier for Online Learning?* Obtido em 31 de Janeiro de 2017, de Web Site de msutoday.msu.edu: <http://msutoday.msu.edu/news/2015/is-facebook-the-next-frontier-for-online-learning/>
- Gross, R., & Acquisti, A. (2005). *Information Revelation and Privacy in Online Social Networks (The Facebook case)*. Obtido em 3 de Dezembro de 2016, de Web Site heinz.cmu.edu: <https://www.heinz.cmu.edu/~acquisti/papers/privacy-facebook-gross-acquisti.pdf>
- Grupo Marktest. (7 de Julho de 2015). *Maioria usa smartphone*. Obtido em 27 de Janeiro de 2017, de Web Site de marktest.com: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1f2a.aspx>
- Grupo Marktest. (1 de Março de 2016a). *Smartphone continua a crescer em Portugal*. Obtido em 25 de Janeiro de 2017, de Web Site marktest.com: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~2046.aspx>
- Grupo Marktest. (13 de Setembro de 2016b). *Instagram já é a 2ª rede social mais conhecida*. Obtido em 17 de Janeiro de 2017, de Web site de marktest.com: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~2124.aspx>
- Haddon, L., Hasebrink, U., Ólafsson, K., O'Neill, B., Šmahel, D., & Staksrud, E. (2014). *EU Kids Online: findings, methods, recommendations*. *EU Kids Online*. London: London School of Economics.
- Haddon, L., Livingstone, S., & EU Kids Online network. (Outubro de 2012). *EU Kids Online: National perspectives*. Obtido em 5 de Janeiro de 2017, de Web Site de lse.ac.uk: <http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/EU%20Kids%20III/Reports/PerspectivesReport.pdf>
- Hargreaves, A. (2003). *O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora.

- Hargreaves, A., & Shirley, D. (2009). *The Fourth Way: The Inspiring Future for Educational Change*. California: Corwin.
- Hull, G. A., & Katz, M.-L. (Agosto de 2006). *Crafting an agentive self: Case studies on digital storytelling*. Obtido em 2 de Janeiro de 2017, de lchc.ucsd.edu: http://lchc.ucsd.edu/uclinks.org/reference/research/hull_katz.pdf
- INE. (21 de Novembro de 2016). *Sociedade da Informação e do Conhecimento*. Obtido em 27 de Janeiro de 2017, de Web Site de ine.pt: https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=277604587&att_display=n&att_download=y
- Inspeção-Geral da Educação e Ciência. (7 e 8 de Maio de 2012). *Avaliação Externa das Escolas - Relatório Escola Secundária e Ermesinde - Valongo*. Obtido em 27 de Janeiro de 2017, de Web Site de ige.min-edu.pt: http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2012_Norte/AEE_12_ES_Ermesinde_R.pdf
- Ito, M., Baumer, S., Bittanti, M., boyd, d., Cody, R., Herr-Stephenson, B., et al. (2010). *Hanging out, messing around, and geeking out*. Cambridge: The MIT Press.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: Where old and new media collide*. New York: New York University Press.
- Jorge, A., Ponte, C., Simões, J. A., & Cardoso (org.), D. S. (16 de Março de 2012). *Crianças e internet em Portugal*. Coimbra: Edições MinervaCoimbra.
- Krinsky, C. (2008). *Moral Panics over Contemporary Children and Youth*. Farnham: Ashgate.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Edições 34.
- Livingstone, S. (2002). *Young People and New Media: Childhood and the Changing Media Environment*. London: Sage.
- Livingstone, S., & Bovill, M. (2001). *Children and Their Changing Media Environment: A European Comparative Study*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Loader, B. D. (2007). *Young Citizens in the Digital Age: Political Engagement, Young People and New Media*. London: Routledge.
- Marketeer. (24 de Julho de 2015). *5,6 milhões de portugueses utilizam a Internet*. Obtido em 27 de Janeiro de 2017, de Web Site de merqueteer.pt: <http://marketeer.pt/2015/07/24/56-milhoes-de-portugueses-utilizam-a-internet/>
- Miranda, G. L., Monteiro, M. E., & Brás, P. T. (2014). *Aprendizagem Online. Atas Digitais do III Congresso Internacional das TIC na Educação*. Lisboa: Instituto da Educação da Universidade de Lisboa.
- Moreira, A., Aresta, M., Pedro, L., & Santos, C. (Julho de 2013). *A Cosntrução da Presença em Ambientes Digitais: Oportunidade e Desafio para Alunos e Instituições*. Obtido

- em 3 de Fevereiro de 2017, de Web Site de researchgate.net:
https://www.researchgate.net/publication/301548673_Social_Network_Analysis_and_Digital_Learning_Environments_A_Framework_for_Research_and_Practice_Using_the_SAPO_CAMPUS_Platform
- Morin, E. (2001). *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Brasília: Unesco.
- OECD. (2015). *Students, Computers and Learning: Making the Connection*. Pisa: OECD Publishing.
- Papert, S. (1984). *Trying to predict the future. Popular Computing 3*.
- Pedro, L., Santos, C., Batista, J., Cabral, G., Pais, F., & Costa, C. (Março de 2016). *Social Network Analysis and Digital Learning Environments: A Framework for Research and Practice Using the SAPO CAMPUS Platform*. Obtido em 2 de Fevereiro de 2017, de Web Site de researchgate.net:
https://www.researchgate.net/publication/301548673_Social_Network_Analysis_and_Digital_Learning_Environments_A_Framework_for_Research_and_Practice_Using_the_SAPO_CAMPUS_Platform
- Pordata. (21 de Novembro de 2016). *Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de indivíduos: por nível de escolaridade mais elevado completo - Portugal*. Obtido em 28 de Janeiro de 2017, de Web Site de pordata.pt:
<http://www.pordata.pt/Portugal/Indiv%C3%ADduos+com+16+e+mais+anos+que+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%ADduos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+mais+elevado+completo-1141>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Qvortrup, L. (2006). *Knowledge, Education and Learning - E-learning in the Knowledge Society*. Frederiksberg: Samfundsliteratur Press.
- Rotherham, A. J., & Willingham, D. T. (2010). *"21st-Century" Skills - Not New, but a Worthy Challenge*. Obtido em 30 de Dezembro de 2016, de Web Site de aft.org:
<https://www.aft.org/sites/default/files/periodicals/RotherhamWillingham.pdf>
- Santos, C., Pedro, L., & Almeida, S. (Novembro de 2011). *Sapo Campus: promoção da utilização de serviços da Web social em contexto educativo*. Obtido em 28 de Janeiro de 2017, de eft.educom.pt: <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/257/147>
- Sarmiento, M. J. (n.d.). *As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade*. Obtido em 30 de Março de 2017, de Web site de proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com:
<http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/AS%2BCULTURAS%2BDA%2BINFANCIA%2BNA%2BENCRUZILHADA%2BDA%2BSEGUNDA%2BMODERNIDADE..pdf>
- Scardamalia, M., & Bereiter, C. (2006). *Knowledge Building: Theory, Pedagogy, and Technology*. Obtido em 30 de Dezembro de 2017, de Web Site de ikit.org:
http://ikit.org/fulltext/2006_KBTheory.pdf

- Selwyn, N. (2011). *Education and technology: Key issues and debates*. London: Routledge.
- Simões, J. A., Ponte, C., Ferreira, E., & Azevedo, C. (2014). *Resultados nacionais, Novembro 2014, Projeto Net Children Go Mobile*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Smahel, D., Helsper, E., Green, L., Kalmus, V., & Blinka, L. (8 de Novembro de 2012). *Excessive Internet Use among European Children*.
- UDireito. (14 de Novembro de 2016). *Jovens utilizam maioritariamente o smartphone para aceder às redes sociais*. Obtido em 27 de Janeiro de 2017, de Web Site de udireito.com: <http://www.udireito.com/2016/jovens-utilizam-maioritariamente-o-smartphone-para-aceder-as-redes-sociais/>
- Wertsch, J. V. (1998). *Mind as action*. New York: Oxford University Press.
- Willis, P. (1990). *Common Culture: Symbolic Work at Play in Everyday Cultures of the Young*. Philadelphia : Open University Press.
- World Newsmedia Network. (2015). *The EPC Global Media*. Obtido em 31 de Janeiro de 2017, de Web Site de epceurope.eu: <http://epceurope.eu/wp-content/uploads/2015/09/epc-trends-social-media.pdf>
- World Newsmedia Network. (2015). *The EPC Global Media Trends Book – Series*. Brussels: European Publishers Council.
- Wyk, M. V., & Tshelane, M. (Julho de 2016). *Using social media as an information and communication technology tool in EMS classroom*. Obtido em Janeiro de 12 de 2017, de Web Site de researchgate.net: <https://www.researchgate.net/publication/310818823>

FONTE DE TABELAS, GRÁFICOS E IMAGENS

Tabela 1. Fonte Própria

Tabela 2. Fonte Própria

Gráfico 1. Fonte Própria

Gráfico 2. Fonte Própria

Gráfico 3. Fonte Própria

Gráfico 4. Fonte Própria

Gráfico 5. Fonte Própria

Gráfico 6. Fonte Própria

Gráfico 7. Fonte Própria

Gráfico 8. Fonte Própria

Gráfico 9. Fonte Própria

Gráfico 10. Fonte Própria

Gráfico 11. Fonte Própria

Gráfico 12. Fonte Própria

Gráfico 13. Fonte Própria

Gráfico 14. Fonte Própria

Gráfico 15. Fonte Própria

Gráfico 16. Fonte Própria

Gráfico 17. Fonte Própria

Gráfico 18. Fonte Própria

Gráfico 19. Fonte Própria

Gráfico 20. Fonte Própria

Gráfico 21. Fonte Própria

Gráfico 22. Fonte Própria

Gráfico 23. Fonte Própria

Gráfico 24. Fonte Própria

Gráfico 25. Fonte Própria

Gráfico 26. Fonte Própria

Gráfico 27. Fonte Própria

Gráfico 28. Fonte Própria

Gráfico 29. Fonte Própria

Gráfico 30. Fonte Própria

Gráfico 31. Fonte Própria

Gráfico 32. Fonte Própria

Gráfico 33. Fonte Própria

Gráfico 34. Fonte Própria

Gráfico 35. Fonte Própria

Gráfico 36. Fonte Própria

Gráfico 37. Fonte Própria

Imagem 1. Fonte Própria

Imagem 2. <https://www.facebook.com/>

Imagem 3. <https://www.instagram.com/>

Imagem 4. <https://www.facebook.com/>

Imagem 5. <https://www.facebook.com/>

Imagem 6. <https://www.facebook.com/>

Imagem 7. <https://www.facebook.com/>

Imagem 8. <https://www.facebook.com/>

Imagem 9. <https://www.instagram.com>

Imagem 10. <https://www.instagram.com/>

Imagem 11. <https://www.instagram.com>

Imagem 12. <https://www.facebook.com/>

Imagem 13. <https://www.facebook.com/> e <https://www.instagram.com>

Nota.

Os registos de imagem provenientes das plataformas de Facebook e Instagram obedecem às normas de fonte autorial vigentes nestas plataformas e todos os elementos fotográficos publicados a partir dos registos dos alunos foram previamente autorizados pelos seus autores.

APÊNDICE I

MATRIZ DO QUESTIONÁRIO

Caraterização da Amostra

1. Idade (resposta aberta)
2. Ano (resposta aberta)
3. Turma (resposta aberta)
4. Género ☐ Sexo Masculino ☐ Sexo Feminino (resposta fechada com alternativa)

Identificar a percepção dos hábitos, padrões de utilização e motivos para uso da internet

5. Possuis computador? ☐ Sim ☐ Não (resposta fechada com alternativa)
6. Possuis internet em casa? ☐ Sim ☐ Não (resposta fechada com alternativa)
7. Quantas vezes ao dia acedes à internet em casa por computador? ☐ 1 Vez ☐ 2 Vezes ☐ 3 Vezes ☐ 4 Vezes ☐ Mais de 4 Vezes (resposta fechada com alternativa)
8. Possuis telemóvel? ☐ Sim ☐ Não (resposta fechada com alternativa)
9. Possuis internet no telemóvel? ☐ Sim ☐ Não (resposta fechada com alternativa)
10. Quantas vezes ao dia acedes à internet no telemóvel? ☐ 1 Vez ☐ 2 Vezes ☐ 3 Vezes ☐ 4 Vezes ☐ Mais de 4 Vezes (resposta fechada com alternativa)
11. O que fazes na internet? ☐ Procuo Informações ☐ Vejo Filmes ☐ Uso o Chat ☐ Jogo Ouço Música ☐ Acedo a Redes Sociais ☐ Acedo ao YouTube (resposta fechada com alternativa)

Identificar a percepção dos hábitos, envolvimento, motivações e utilização da rede social do Facebook.

12. Tens conta de Facebook? ☐ Sim ☐ Não (resposta fechada com alternativa)
13. Onde usas o Facebook? ☐ Computador ☐ Pessoal ☐ Telemóvel (resposta fechada com alternativa)
14. Tens a versão móvel do Facebook no telemóvel? ☐ Sim ☐ Não (resposta fechada com alternativa)
15. Há quanto tempo tens conta no Facebook? ☐ Menos de 1 ano ☐ 1 ano ☐ 2 anos ☐ 3 anos ☐ Mais de 3 anos (resposta fechada com alternativa)

16. Quantas vezes por dia acedes ao Facebook? 1 Vez 2 Vezes 3 Vezes 4 Vezes Mais de 4 Vezes (resposta fechada com alternativa)
17. Quanto tempo por dia passas no Facebook? 1 a 10 Minutos 30 Minutos 1 Hora 2 Horas Mais de 2 Horas (resposta fechada com alternativa)
18. Em que momento(s) acedes ao Facebook? Casa Transportes Rua Escola Sala de Aula (resposta fechada com alternativa)
19. Como está a privacidade da tua conta do Facebook? Pública Privada (resposta fechada com alternativa)
20. Quantos amigos tens no Facebook? (resposta aberta)
21. Quantos seguidores tens no Facebook? (resposta aberta)
22. Quantas publicações fazes por semana no Facebook? 1 Vez 2 Vezes 3 Vezes 4 Vezes 5 Vezes 6 Vezes 7 Vezes Mais de 7 Vezes (resposta fechada com alternativa)
23. Como são as tuas publicações de Facebook? Públicas Para todos os amigos Para alguns amigos Restritas (resposta fechada com alternativa)
24. Para que usas o Facebook? (resposta aberta)

Identificar a perceção dos hábitos, envolvimento, motivações e utilização da rede social do Instagram.

25. Tens conta de Instagram? Sim Não (resposta fechada com alternativa)
26. Onde usas o Instagram? Computador Pessoal Telemóvel (resposta fechada com alternativa)
27. Tens a versão móvel do Instagram no telemóvel? Sim Não (resposta fechada com alternativa)
28. Há quanto tempo tens conta no Instagram? Menos de 1 ano 1 ano 2 anos 3 anos Mais de 3 anos (resposta fechada com alternativa)
29. Quantas vezes por dia acedes ao Instagram? 1 Vez 2 Vezes 3 Vezes 4 Vezes Mais de 4 Vezes (resposta fechada com alternativa)
30. Quanto tempo por dia passas no Instagram? 1 a 10 Minutos 30 Minutos 1 Hora 2 Horas Mais de 2 Horas (resposta fechada com alternativa)
31. Em que momento(s) acedes ao Instagram? Casa Transportes Rua Escola Sala de Aula (resposta fechada com alternativa)
32. Como está a privacidade da tua conta do Instagram? Pública Privada (resposta fechada com alternativa)
33. Quantos seguidores tens no Instagram? (resposta aberta) (resposta fechada com alternativa)
34. Quantas publicações fazes por semana no Instagram? 1 Vez 2 Vezes 3 Vezes 4 Vezes 5 Vezes 6 Vezes 7 Vezes Mais de 7 Vezes (resposta fechada com alternativa)

35. Como são as tuas publicações de Instagram? Públicas Para todos os amigos Para alguns amigos Restritas (resposta fechada com alternativa)

36. Para que usas o Instagram? (resposta aberta)

Identificar a perceção dos hábitos, envolvimento, motivação e utilização das redes sociais.

37. Qual a rede social com que mais te identificas? Facebook Instagram (resposta fechada com alternativa)

38. Porquê? (resposta aberta)

39. Usas outras redes sociais? Sim Não (resposta fechada com alternativa)

40. Quais? (resposta aberta)

41. Qual a rede social em que acompanhavas o perfil de ESE DESENHO? Facebook Instagram (resposta fechada com alternativa)

42. No perfil de ESE DESENHO do Facebook, qual a publicação que mais gostaste? (resposta aberta)

43. No perfil de ESE DESENHO do Instagram, qual a publicação que mais gostaste? (resposta aberta)

44. Das publicações no perfil de ESE DESENHO, qual a que partilhaste/permitiste? Desenho da Minha Autoria Trabalhos dos Colegas Vídeo Publicação de Fotografias (resposta fechada com alternativa)

45. A que se deveu a tua partilha/permissão? Interesse no assunto Partilha com os Amigos Partilha Pública dos meus Trabalhos (resposta fechada com alternativa)

46. O uso das publicações nos perfis ESE DESENHO nas redes sociais foram proveitosos para ti na disciplina? Sim Não (resposta fechada com alternativa)

47. Qual a rede social da disciplina que mais gostaste? Facebook Instagram Facebook e Instagram (resposta fechada com alternativa)

48. Porquê? (resposta aberta)

49. Com o fim do ano letivo vais continuar a acompanhar os perfis de ESE DESENHO? Sim Não (resposta fechada com alternativa)

50. Partilharias os teus trabalhos futuros no perfil do facebook de ESE DESENHO? Sim Não (resposta fechada com alternativa)

51. Na tua opinião o que poderia melhorar o Facebook da disciplina? (resposta aberta)

52. Na tua opinião o que poderia melhorar o Instagram da disciplina? (resposta aberta)

APÊNDICE II

QUESTIONÁRIO

O presente questionário insere-se no projeto de investigação subordinado ao tema:
“O IMPACTO DO USO DAS REDES SOCIAIS NO ENSINO DE DESENHO”.

Este questionário é anónimo e demorará cerca de 10 minutos a responder.

1. Idade
2. Ano
3. Turma
4. Género ☐ Sexo Masculino ☐ Sexo Feminino

5. Possuis computador? ☐ Sim ☐ Não
6. Possuis internet em casa? ☐ Sim ☐ Não
7. Quantas vezes ao dia acedes à internet em casa por computador? ☐ 1 Vez ☐ 2 Vezes ☐ 3 Vezes ☐ 4 Vezes ☐ Mais de 4 Vezes
8. Possuis telemóvel? ☐ Sim ☐ Não
9. Possuis internet no telemóvel? ☐ Sim ☐ Não
10. Quantas vezes ao dia acedes à internet no telemóvel? ☐ 1 Vez ☐ 2 Vezes ☐ 3 Vezes ☐ 4 Vezes ☐ Mais de 4 Vezes
11. O que fazes na internet? ☐ Procuo Informações ☐ Vejo Filmes ☐ Uso o Chat ☐ Jogo ☐ Ouço Música ☐ Acedo a Redes Sociais ☐ Acedo ao YouTube

12. Tens conta de Facebook? ☐ Sim ☐ Não
13. Onde usas o Facebook? ☐ Computador ☐ Pessoal ☐ Telemóvel
14. Tens a versão móvel do Facebook no telemóvel? ☐ Sim ☐ Não
15. Há quanto tempo tens conta no Facebook? ☐ Menos de 1 ano ☐ 1 ano ☐ 2 anos ☐ 3 anos ☐ Mais de 3 anos
16. Quantas vezes por dia acedes ao Facebook? ☐ 1 Vez ☐ 2 Vezes ☐ 3 Vezes ☐ 4 Vezes ☐ Mais de 4 Vezes

17. Quanto tempo por dia passas no Facebook? 1 a 10 Minutos 30 Minutos 1 Hora 2 Horas Mais de 2 Horas

18. Em que momento(s) acedes ao Facebook? Casa Transportes Rua Escola Sala de Aula

19. Como está a privacidade da tua conta do Facebook? Pública Privada

20. Quantos amigos tens no Facebook?

21. Quantos seguidores tens no Facebook?

22. Quantas publicações fazes por semana no Facebook? 1 Vez 2 Vezes 3 Vezes 4 Vezes 5 Vezes 6 Vezes 7 Vezes Mais de 7 Vezes

23. Como são as tuas publicações de Facebook? Públicas Para todos os amigos Para alguns amigos Restritas

24. Para que usas o Facebook?

25. Tens conta de Instagram? Sim Não

26. Onde usas o Instagram? Computador Pessoal Telemóvel

27. Tens a versão móvel do Instagram no telemóvel? Sim Não

28. Há quanto tempo tens conta no Instagram? Menos de 1 ano 1 ano 2 anos 3 anos Mais de 3 anos

29. Quantas vezes por dia acedes ao Instagram? 1 Vez 2 Vezes 3 Vezes 4 Vezes Mais de 4 Vezes

30. Quanto tempo por dia passas no Instagram? 1 a 10 Minutos 30 Minutos 1 Hora 2 Horas Mais de 2 Horas

31. Em que momento(s) acedes ao Instagram? Casa Transportes Rua Escola Sala de Aula

32. Como está a privacidade da tua conta do Instagram? Pública Privada

33. Quantos seguidores tens no Instagram?

34. Quantas publicações fazes por semana no Instagram? 1 Vez 2 Vezes 3 Vezes 4 Vezes 5 Vezes 6 Vezes 7 Vezes Mais de 7 Vezes

35. Como são as tuas publicações de Instagram? Públicas Para todos os amigos Para alguns amigos Restritas

36. Para que usas o Instagram?

37. Qual a rede social com que mais te identificas? Facebook Instagram

38. Porquê?

39. Usas outras redes sociais? Sim Não

40. Quais?

41. Qual a rede social em que acompanhavas o perfil de ESE DESENHO? Facebook Instagram
42. No perfil de ESE DESENHO do Facebook, qual a publicação que mais gostaste?
43. No perfil de ESE DESENHO do Instagram, qual a publicação que mais gostaste?
44. Das publicações no perfil de ESE DESENHO, qual a que partilhaste/permitiste? Desenho da Minha Autoria Trabalhos dos Colegas Vídeo Publicação de Fotografias
45. A que se deveu a tua partilha/permissão? Interesse no assunto Partilha com os Amigos Partilha Pública dos meus Trabalhos
46. O uso das publicações nos perfis ESE DESENHO nas redes sociais foram proveitosos para ti na disciplina? Sim Não
47. Qual a rede social da disciplina que mais gostaste? Facebook Instagram Facebook e Instagram
48. Porquê?
49. Com o fim do ano letivo vais continuar a acompanhar os perfis de ESE DESENHO? Sim Não
50. Partilharias os teus trabalhos futuros no perfil do facebook de ESE DESENHO? Sim Não
51. Na tua opinião o que poderia melhorar o Facebook da disciplina?
52. Na tua opinião o que poderia melhorar o Instagram da disciplina?